

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**Sinalizando Fronteiras: A Casa e a Rua**  
Etnografia e Imaginário das “Mulheres de Programa” da Praça em Londrina

LIANA REIS DOS SANTOS

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Setor Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra Stoll

Curitiba  
2002

Dedico esta dissertação à memória de Maria Fernandes Reis, a vó Lica, por me ensinar que as escolhas da razão em conflito com as do coração são as mais difíceis de nossas vidas, mas às vezes temos que fazê-las.

Dedico igualmente este trabalho às "Mulheres de Programa" da Praça Rocha Pombo em Londrina que, por meio deste estudo, me permitiram conhecê-las na sua intimidade da realidade vivida entre *a casa e a rua*.

## Agradecimentos

Ao encerrarmos a escrita de uma pesquisa, acreditamos ter sido esta a última etapa do processo do aprendizado científico: no entanto, este é apenas o princípio de outros tantos que se sucederão. Foram muitas as trilhas percorridas. Às vezes tortuosas, nem sempre vitoriosas, mas todas elas contribuíram, de alguma forma, para o meu crescimento intelectual. Nessa caminhada, porém, nunca estive só. Deus, em sua infinita bondade, colocou em meu caminho criaturas maravilhosas. Tantas foram as pessoas que comigo percorreram esta jornada ... Como não lembrar de todas elas?

Agradeço à CAPES o incentivo à pesquisa, pois sem esta ajuda financeira tudo seria mais difícil.

Agradeço a todos os meus professores do Mestrado que, com sua sapiência, brotaram no meu espírito a semente do "olhar antropológico" despertando-me para as diferenças e alteridades da estrutura cultural.

Agradeço imensamente às professoras Dr<sup>a</sup> Selma Batista e Miriam Hartung, que participaram da Banca de Qualificação, na qual me apontaram brilhantes sugestões com as quais orientei meu campo etnográfico.

Agradeço aos meus colegas de turma do Curso de Mestrado em Antropologia pois juntos aprendemos, crescemos e torcemos para alcançarmos o sucesso da tão sonhada titulação.

Agradeço à Verinha, secretária da Pós e ao Andrade, grandes pessoas. Sempre atentos nos socorrendo para que nada nos faltasse.

Agradeço carinhosamente à professora Dr<sup>a</sup> Anamaria Bonin por suas "dicas" e orientações no decorrer dos nossos encontros mensais no curso de Mestrado.

Agradeço especialmente a minha orientadora, professora Dr<sup>a</sup> Sandra Stoll que, com graça, paciência e muita sutileza soube me "convencer" a "ler nas entrelinhas" o verdadeiro significado das palavras.

Agradeço principalmente a vocês, meu pai, eterno amigo e a você, "Preta", minha mãe do coração, que sempre me ensinaram que a vida só tem sentido se fazemos o que acreditamos. Um abraço carinhoso pra Andréia que fez deliciosos quitutes para me receber e ao André que, no seu silêncio, torcia por mim.

Agradeço imensamente a minha irmã "Janja", que com sua espiritualidade e amor me ensinou a acreditar em mim. A você, meu cunhadinho Alberto, por me lembrar que este trabalho de pesquisa tem fim. Rafa, Felipe, a tia terminou, viu?

Nesse período do Mestrado, porém, tive muitas moradas e em todas elas sempre me senti "abusadamente" em casa.

Na "Baxinha", minha irmã, e Wilson, meu cunhado, fui coberta de carinhos. Junto deles, da "Galega" e Gabriel, queridos sobrinhos, tornei-me, por mais de seis meses, o "quinto elemento" da casa, personagem que "se instalou" mudando a rotina do lar. Obrigada, lindinhos! Sem vocês, nada estaria bom.

Em minha segunda morada, ainda na condição de "quinto elemento" da casa, fui acolhida no período de um ano, por "Cao", meu irmão e professor dedicado que tudo me ensinou da gramática ao inglês famigerado! Assim como "Betinha", sua esposa, que me deixou na "maciota" só fazendo as leituras do Mestrado. "Rody", meu sobrinho, companheiro noturno da pipoca onde juntos relaxávamos na TV, ouvindo o "quarto elemento", o ratinho Bolinha, rodar na gaiola. Obrigado, meus amores, vocês foram excepcionais!

Na minha terceira e última morada, tornei-me a "inquilina itinerante". Na casa de meus sogros, Geraldo e Luzineide, assim como Dona Maria, fui por várias vezes acolhida e socorrida calorosamente nos momentos cruciais do meu trabalho. Entre "as brigas" com o computador e a "calmaria" dos dedinhos mágicos do meu sobrinho Kamilo, consegui finalizar finalmente a escrita deste trabalho. Valeu, meus queridos!

Agradeço também a Titia, Tati, ao meus cunhados Frederiko e Márcia, John e Karla, meu sobrinho Marko, meu afilhado Fredinho, por entenderem que minhas ausências foram necessárias para a conclusão deste estudo. Obrigada!

Agradeço eternamente a você amiga Sandra, irmã do coração, pelo trabalho exaustivo de horas e horas de escuta nas fitas do pequeno gravador que transportaram "as falas de nossas velhas conhecidas" em escrita no computador. Tarefa difícil que nos uniu ainda mais!

Agradeço aos meus amigos, "nossa família extensa", pelo incentivo que sempre me impulsionava a ir em frente. Meus compadres e eternos amigos João e Sueli, minha grande companheira Marília, meus queridos amigos César e Bel, Tupã e Mikaela, Regina e Alamir, Dri e Marcelo, minha "cativa" professora e amiga Elena, seu Andrei, Deda, Edson do CDPH da UEL, estimado Cazeta, o Nado querido e a "Cidoca". Valeu gente!

Agradeço as minhas florzinhas, minhas filhas e "companheiras de luta" Karolina e Bianka, que, na minha ausência, tomaram pra si todas as responsabilidades da casa com o intuito do sucesso do "nosso trabalho". Viu, meninas! Juntas conseguimos mais esta empreitada!

Agradeço ao Adriano, meu "filho agregado", pelo carinho e pelas palavras tão sinceras de incentivo que tomavam como certa o término deste trabalho.

**E, finalmente, agradeço a você, Tinho, meu doce! Sábio companheiro de vinte e quatro anos de tantas lutas, de tantas vitórias e inúmeras alegrias ... Trilhamos juntos esta longa estrada e juntos chegamos à linha de chegada e aí está, Gracinha, mais um fruto do "nosso trabalho"!**

## RESUMO

Este é um estudo antropológico, sobre o tema prostituição feminina, junto a um grupo de mulheres de meia idade, mães, chefes de casa e sem marido que atuam na atividade de prostituição à luz do dia, no horário comercial, no espaço público da praça, dividindo espaços e opiniões entre dois segmentos culturais da cidade de Londrina: Museu Histórico e Museu de Artes. A pesquisa buscou compreender como essas "mulheres de programa", no cotidiano da prostituição, vivenciam a questão do *estigma* e do *desvio*. Suas estratégias acionam os códigos da *rua* e da *casa* que levam à construção de sua identidade prostitucional. Suas práticas sexuais e suas representações apontaram para a existência de uma relação ambígua na atividade: elas são prostitutas, mas "fingem não o ser".

## ABSTRACT

This an anthropological study which deals with a group of single middle age women, all mothers, and home supporters who work as prostitutes at daylight, during office hours. Their working place is Londrina's main square, where they share spaces and opinions between two cultural segments of the city: the History Museum and the Arts Museum. The research focus on understanding how these streetwalkers face the matter of *stigma*, and *distortion*. Their strategies evoke street and house codes which concur to the construction of their identities as prostitutes. Their sexual practices and their representations indicate the existence of an ambiguous relationship: they are prostitutes, but they pretend not to be.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
As "Mulheres de Programa" da Praça e Eu	1
Metodologia e Pesquisa de Campo	6
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>12</b>
As "Mulheres de Programa" da Praça Rocha Pombo e a Cidade	
<b>CAPÍTULO 2</b>	<b>23</b>
Jeitos de Ser Prostituta	
2.1 As "Profissionais do Sexo"	24
2.2 "Profissionais do Sexo?"... Só "de Passagem!"	37
2.3 Identidade Ambígua: Prostitutas que "Fingem Não Ser"	39
<b>CAPÍTULO 3</b>	<b>41</b>
Etnografia da Prostituição em Londrina	
3.1 Espaços de Prostituição em Londrina	41
3.2 As "Mulheres de Programa" da Praça Rocha Pombo	46
3.3 A Prostituição na Praça: Quais São as Regras?	51
3.4 As "Mulheres de Programa" e os Policiais	58
3.5 As "Mulheres de Programa" e os Clientes	61
3.6 Com o Cliente: Quais São as Regras?	68
3.7 As Dimensões Simbólicas do Desejo e do Prazer	77

<b>CAPÍTULO 4</b>	<b>81</b>
<b>Sexo Seguro?</b>	
<b>4.1 O Preservativo e a Prevenção: Como Funciona?</b>	<b>81</b>
<b>CAPÍTULO 5</b>	<b>93</b>
<b>As Mulheres e suas Histórias de Vida</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b>	<b>110</b>
<b>A Casa</b>	
<b>6.1 As "Mulheres de Programa" e o Lar</b>	<b>110</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>133</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>138</b>

## INTRODUÇÃO

"Na verdade Liane, pra falar bem a verdade, você sabe a verdade qual é. Uma mulher quando faz isso (se prostitui) ela nunca mais é a mesma mulher porque qualquer dificuldade que a mulher passa, ela não é capaz de superar, ela vai lá fazer programa. Se você passa dificuldade você diz: - Acho que vou lá na Praça fazer programa! Se precisa de um dinheiro meu não tem, eu não tenho, eu vou lá na Praça. Quem vai a primeira vez, volta, nunca pára! " (Diário de Campo, 10/2000)

### As "Mulheres de Programa" da Praça e Eu

Recupero um pouco de minha história como aprendiz de antropóloga junto ao grupo de "mulheres de programa" da Praça Rocha Pombo para inserir o leitor na "cena etnográfica", no processo desse aprendizado, que aos poucos vai se revelando como um produto finalizado de pesquisa.

Tudo começou no ano de 1995. Eu participava, à época, de uma Organização Não Governamental (ONG)<sup>1</sup> na qual acumulava tarefas que incluíam desde a divulgação de informações a respeito de prevenção de DSTs/AIDS na comunidade londrinense até a execução de serviço burocrático/administrativo. Passado o primeiro momento de adaptação (de onze meses), comecei a coordenar um projeto, de âmbito nacional, chamado "Projeto Previna", que recebeu financiamento do Ministério da Saúde, de dezembro de 1995 a dezembro de 1996. Mais tarde, esse projeto

---

<sup>1</sup> Trata-se da ALIA (Associação Londrinense Interdisciplinar de AIDS) que existe em Londrina desde agosto de 1994 tendo como intuito colaborar na prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs)/AIDS junto a população da cidade, além de desenvolver atividades científicas e sociais voltadas ao combate à AIDS.

foi refinanciado, abarcando o período de julho de 1997 a julho de 1998. O objetivo da primeira etapa do projeto (1995/96) era promover a divulgação de "práticas mais seguras" de sexo junto as "profissionais do sexo"<sup>2</sup>. A segunda etapa desse projeto (1997/98), tinha como pretensão a realização de oficinas educativas para capacitar "multiplicadoras de informação"<sup>3</sup>, as quais teriam como tarefa repassar o conhecimento recebido a outras mulheres em diferentes espaços de prostituição. Naquele momento foram escolhidas cinco mulheres para o exercício dessa função: três delas trabalhavam na Praça Rocha Pombo, uma trabalhava num hotel no centro da cidade e outra num bar.

Foi por intermédio de um travesti bem humorado (atendido pela ALIA), muito conhecido das mulheres das passarelas e bancos da Praça Rocha Pombo de Londrina, que teve início esse meu trabalho na ALIA. Simpática e "feminina", com aquele sotaque baiano manso de ser, sorrindo, "B." me apresentou às mulheres dizendo meu nome e o que "nós" (eu e a travesti) fôramos fazer ali. Eu lhes explicava então que pretendíamos promover um encontro mensal, com duas horas de duração, no qual elas receberiam informações sobre prevenção e sexualidade, assim como preservativos masculinos. Aos poucos, muitas dessas "mulheres de programa"<sup>4</sup> da Praça Rocha Pombo foram aparecendo às reuniões que aconteciam na última sexta-feira do mês. Nessa atividade eu era auxiliada por Jeanne P. Specian, enfermeira do Centro de Referência para doenças infecto-contagiosas.

Na tentativa de ganhar a confiança da população com a qual me propunha a trabalhar lancei mão de um "facilitador" no processo interativo junto às mulheres que compareciam às reuniões. Pareceu-me, que *"nada*

---

<sup>2</sup> Denominação atribuída pelo próprio Ministério da Saúde.

<sup>3</sup> Estas multiplicadoras foram escolhidas conforme a participação e frequência no primeiro projeto. Havia a preocupação de estarem representados os diferentes espaços de prostituição: bar, rua, hotel, Praça.

<sup>4</sup> Sempre que me referir as mulheres prostitutas da Praça Rocha Pombo de Londrina estarei empregando a categoria "mulheres de programa" que foi escolhida por elas como auto-denominação, durante um trabalho no Projeto Previna, em 1996. Por razões de ordem ética a identidade das mulheres neste trabalho será totalmente oculta. Não adoto nomes

*mais descontraído do que proporcionar uma tarde com chá, café, bolacha e, às vezes, um bolo e muita conversa, na qual as "minhas mulheres" pudessem, falar, desabafar e, sobretudo, aprender..."* Chamei este momento de "flerte". Aos poucos, novas e mais mulheres (trazidas por aquelas que já freqüentavam as reuniões) passaram a engrossar os encontros mensais. Elas vinham de diferentes espaços de prostituição: bar (12%), hotel (23%), rua (3%) e, a maioria (61%), da Praça Rocha Pombo (SANTOS,1997)<sup>5</sup>.

Entre dezembro de 1995 a dezembro de 1996 passaram pelas reuniões 65 mulheres. Nos anos seguintes (1997 e 1998) esse número subiu para 168. Depois disso, deixei de computar quantas mulheres passaram pelos encontros da última sexta do mês. Esta população, que ainda hoje participa das reuniões, continua, porém, inconstante. Elas aparecem em algumas reuniões, faltam a outras tantas. Quase sempre desaparece alguém que foi a Ribeirão Preto "tentar à vida" lá ou que foi em busca de algum emprego, saindo assim da "batalha", como elas dizem. Essa oscilação na freqüência foi o grande obstáculo para o aprendizado seqüenciado. Mas, enfim, acredito que trabalhar com informação junto a grupos "marginalizados", que sofrem algum preconceito e são semi-analfabetos requer, no mínimo, paciência, já que o trabalho tem resultados a médio e longo prazos.

Naquele período, pude desenvolver um primeiro trabalho de cunho antropológico voltado ao levantamento das representações e práticas da prostituição das mulheres da Praça Rocha Pombo<sup>6</sup>. Identifiquei, nesse trabalho, o perfil dessas "mulheres de programa" e percebi algumas características dessa atividade. Elas atuavam e atuam na prostituição há muitos anos. Aquela que atuava há menos tempo se encontrava na Praça há quatro anos; outras estão na atividade há mais de 15 anos. Um dado

---

ficícios ou descrevo características pessoais que as possa identificar.

<sup>5</sup> Estes dados estatísticos se referem ao público alvo, constituído de 65 mulheres, que foram cadastradas no primeiro ano do projeto Previna (95/96).

<sup>6</sup> SANTOS, Liana Reis dos. **Representações e Práticas da Prostituição em Londrina**. Deste trabalho resultou a apresentação da monografia apresentada ao Curso de **Especialização em Sociologia e Sociologia da Educação** no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, requisito do título de Especialista, 1997.

peculiar é o regime de trabalho: horário comercial, das 8:00 as 18:00, de segunda à sexta<sup>7</sup>. O cliente preferido por elas é aquele "limpinho", "cheiroso" e, principalmente, de idade, pois este *"não pede coisas diferentes, nem fica embaçando"*<sup>8</sup> (Santos, 1997). A faixa etária dessas mulheres também é um dado que chama a atenção: a maioria delas tem entre 30 a 47 anos, sendo que uma delas tem 67 anos; 58% delas são oriundas do meio rural; 40% são semi-analfabetas e têm como única fonte de renda o "programa." A grande maioria não tem companheiros com quem compartilhar suas vidas, mas tem um elevado número de filhos, normalmente mais de três.

A situação atual dessas mulheres não se modificou muito com relação ao período inicial do trabalho, isto é, o perfil das "mulheres de programa" da Praça permanece o mesmo. As freqüentadoras assíduas das reuniões da última sexta do mês continuam sendo as "mulheres de programa" da Praça Rocha Pombo. Dentre estas, doze têm freqüentado as reuniões desde o início (1995). A maior parte delas é de "meia idade" enquanto nos outros espaços de prostituição da cidade predominam mulheres mais jovens, entre 18 e 25 anos. Uma ou outra "faz bico" comercializando artigos de R\$ 1,99 ou vendendo salgados, feito por elas mesmas, ali na Praça ou onde residem. Neste caso mobilizam a rede de vizinhança (comércio, escola) para suprir o que na Praça está muito escasso: dinheiro.

No processo de trabalho com essas mulheres foi se construindo um laço de afetividade. Um fato de extrema relevância marcou o "ritual de passagem", sinalizando a minha "aceitação" pelo grupo.

Numa das tardes que estive na Praça, fomos (as mulheres e eu) abordadas por um repórter e um fotógrafo do jornal "Folha de Londrina" interessados em produzir uma matéria sobre os espaços de lazer da cidade

---

<sup>7</sup> Existem, no entanto, àquelas que vão à Praça também aos sábados e domingos.

<sup>8</sup> Ficar "embaçando" segundo elas dizem, é aquele homem, geralmente o jovem, que *"quer que você vire de quatro, é de lado, é de bruço ..."* isto é, o homem exigente para o sexo.

como as praças, as quais, segundo eles, estavam sendo invadidas por trombadinhas, traficantes, desocupados e prostitutas. As “mulheres de programa” da Praça ao perceberem que estavam sendo fotografadas, imediatamente disseram: —*Corram! Eles tão tirando foto da gente pra por no jornal!...* (olhando para mim incisivamente, gritavam): — *Anda! Corre!* Eu, mais que depressa, saí correndo com elas para fora da Praça. Dispersamos e nos misturamos junto aos outros transeuntes que por ali passavam. À medida que corríamos, ouvíamos os dois jornalistas gritarem: — *Eil, espera ... só queremos conversar!* Tal fato ocorreu no final do ano de 1996. Percebi que, a partir daquele dia, por ter compartilhado da situação com elas, passei à classificação de “parceira”. Vi, senti e vivi a mesma situação que elas. O sentimento que nos uniu, naquele momento, foi o da cumplicidade. O tempo foi passando e elas, “mais próximas”, passaram a me confidenciar intimidades.

Só entendi o que havia acontecido muito tempo depois. Ao realizar as leituras para o mestrado e deparar-me, surpresa, com o texto sobre a “briga de galos” de Geertz (1973). Pude então perceber que algo semelhante ao ocorrido com o antropólogo e sua esposa, quando hospedados em uma aldeia balinesa no ano de 1958, havia, de alguma maneira, acontecido comigo.

Esse casal de pesquisadores permaneceu ignorado pela comunidade balinesa (exceto pelo senhorio e o chefe da aldeia) por muito tempo. Todos agiam como se eles não existissem até que, numa rinha de galos, tudo mudou. Os balineses estavam em meio às apostas quando foram surpreendidos por uma batida policial. Todos os que ali se encontravam, inclusive o casal de pesquisadores, fugiram num turbilhão, correndo por todos os lados. O casal estrangeiro e um balinês foram se abrigar em um galpão na casa deste balinês, onde sua mulher já havia preparado três lugares à mesa, para o chá. Eles ali sentaram como se nada houvesse se passado. Quando inquiridos pelos policiais sobre a rinha nada disseram e o balinês, antecipando-se, justificou aos policiais a presença dos

pesquisadores. Tornando-os "visíveis", argumentou que estes se encontravam ali para estudar a cultura de Bali e escrever um livro. Assim, "como num passe de mágica", o casal passou da condição aparente de invisibilidade para a inserção no grupo.

Acredito que o mesmo se deu comigo no evento anteriormente descrito. Firmamos a partir daí uma relação de intimidade/cumplicidade. Tornei-me, assim, uma pessoa "confiável" no grupo e isso permitiu-me, mais tarde, conhecê-las na sua intimidade. Elas passaram a me convidar para freqüentar suas casas. Apresentaram-me suas mães e eventuais companheiros, seus filhos e netos. Este tipo de relação desenvolveu-se ao longo da pesquisa como descrevo a seguir.

## Metodologia e Pesquisa de Campo

Optei por ficar na praça um período do dia, de duas a três horas, às vezes pela manhã, outras vezes à tarde, tendo em mente um dos conselhos de Malinowski (1978): *"se possível viver lá, ser um deles"*. Procurei estar atenta a tudo o que se passava à minha volta, "ficar preparada" para os fenômenos que não podem ser percebidos através de questionários ou estatísticas, os quais Malinowski denominou de *"imponderáveis da vida real"*: o não dito, os olhares, os gestos, as lágrimas, o silêncio (às vezes longo), os trejeitos, as roupas, as brigas, as cobranças, as pessoas que ali circulam, enfim, tudo o que os meus olhos pudessem registrar. Ao chegar em casa, eu recuperava em meu "diário" os fragmentos de cada dia vivenciado junto delas.

O fato de intercalar turnos na praça proporcionou-me o contato com quase todas as mulheres do local. Permaneci "em campo" por no mínimo duas horas, três vezes por semana, no mês de setembro de 2000; período este tumultuado, uma vez que as eleições municipais para vereador e prefeito aconteciam na cidade e muitas destas mulheres estavam fazendo "bico" entregando "santinhos" nas principais ruas da cidade. Elas

ganhavam, na época, R\$10,00 reais por dia trabalhado (normalmente oito horas). No "programa", como já citado, elas ganham de R\$5,00 a, no máximo, R\$15,00 reais por cliente (períodos de vinte minutos no quarto). Isto quando não aceitam alimentos ou cobertor em troca do "programa".

A conversa informal "rolava" na Praça, sem uso de gravador ou roteiro pré-estabelecido. Os assuntos eram os mais variados: a vida, os filhos, os clientes e sobre elas mesmas. Elas reclamavam, com freqüência, do quanto estava ruim a praça para se ganhar dinheiro: "*— Os clientes estão sumindo! Acho que tão virando tudo viado, os home!*" (Diário de campo, 09/2000). Na passagem do ano de 2000 para 2001 elas tiveram que dividir o espaço da Praça com os camelôs, que juravam "limpar" o local das prostitutas e dos trombadinhas de forma que a sociedade pudesse freqüentá-la sem medo ou constrangimentos (discurso recorrente que repete o da fala de uma certa leitora do Jornal Folha de Londrina, conforme mostrarei adiante).

Passado o período de readaptação com o grupo, surgiu aquêle "esperado" momento em que as brincadeiras, piadas, conselhos e cobranças estabelecem e permitem a cumplicidade. Retornei, no mês de outubro do mesmo ano, para a realização de cinco entrevistas agendadas<sup>9</sup>. De um universo de mais ou menos trinta mulheres que passam pela Praça todos os dias (nos dois turnos), escolhi cinco para serem entrevistadas.

O critério mais importante para esta escolha das entrevistadas foi o grau de intimidade estabelecido com algumas delas, já que teria que freqüentar suas casas, conhecer suas famílias. Da pesquisa constava a realização de entrevistas enfocando três gerações: as mulheres, seus filhos e as mães das "mulheres de programa". Por uma restrição feita pelas próprias mulheres, só pude entrevistar as suas filhas. Elas diziam que o

---

<sup>9</sup> O agendamento acontecia em nossos encontros na Praça. Eu perguntava se ela poderia me conceder um tempo para que houvesse a possibilidade da entrevista acontecer com ela (mulher de programa), depois com a mãe (da mulher de programa) e também com a filha (da mulher de programa). Só tive acesso a três mães das cinco mulheres que me propus entrevistar, as outras duas não foi possível porque uma delas não sabe que a filha vive da atividade de prostituir-se, a outra a mãe mora em uma outra cidade que não Londrina.

assunto constrangeria seus filhos homens.

Outro critério adotado foi o tempo de participação no "Previna"<sup>10</sup>, pois esse trabalho já me trazia indicações sobre as construções que elas tecem sobre o cuidado com o corpo. A este critério de escolha soma-se a participação na elaboração do material informativo sobre práticas seguras e não seguras de sexo<sup>11</sup>, já que um dos objetivos do trabalho era analisar como essas mulheres concebem e lidam com as situações de risco.

Comecei pelo questionamento de suas histórias de vida. Depois eu fazia perguntas pontuais como: "o que é ser mulher", "o que é ser mulher de meia idade" (das quatro que entrevistei, apenas uma não está na casa dos quarenta), "mulher de rua", "mulher de casa", o que é "ser prostituta". As perguntas subseqüentes ficaram por conta da descoberta dos significados por elas atribuídos à beleza, saúde, nojo, gozo, o que gosta e não gosta em si mesma, o que significa para ela o nome de "guerra", se criava os filhos tal como fora criada, como recebeu (se recebeu) as informações sobre a sexualidade. Ao final de cada entrevista, me era servido algo doce ou salgado que elas mesmas haviam feito para me receber.

O roteiro de entrevista com as mães das "mulheres de programa" também começava pelas histórias de vida, enfocando o relacionamento com os pais, marido, filhos. Nesse caso a entrevista direcionava-se para apreender como as mães vêem a atividade desenvolvida pela filha na Praça. Essas entrevistas aconteceram na casa destas mulheres com a presença de suas filhas. Encerrada a tarefa, ao despedir-me sempre ouvia: "– Volte sempre, será um prazer!"

Com as filhas das mulheres da praça seguimos o mesmo roteiro. As

---

<sup>10</sup> Quando me refiro a categoria "tempo", estou me referindo ao período de execução do primeiro projeto (1995/96) e depois do seu refinanciamento (1997/98).

<sup>11</sup> Foi um material concluído através do resultado das oficinas educativas juntamente com material de revistas femininas e sobre sexo que formaram uma cartilha (somente visual) específica para o grupo de "mulheres de programa" aonde estão contempladas as práticas seguras e não seguras de sexo. Nela estão presentes os diferentes espaços de prostituição: rua, bar, hotel e Praça. Optei pela analogia com o sinalizador de trânsito onde o círculo com uma carinha vermelha triste significa perigo, portanto: pare; por outro lado, o círculo com uma carinha verde alegre significa não perigo, portanto: siga. Foi bem aceita por todas que à ela tinham acesso. Este material levou cinco meses para ser concluído (sempre na última

entrevistas com estas também aconteceram, por vezes, na presença de suas mães<sup>12</sup>.

Concomitantemente ao agendamento das entrevistas, procurei criar um grupo focal<sup>13</sup> com essas cinco "mulheres de programa" entrevistadas da praça, com o intuito de descobrir as tensões e contradições da linguagem corporal, principalmente as representações sobre a vagina.

Porém, a constituição do grupo focal foi uma tentativa que fracassou como estratégia. Quando não era a chuva forte, era um problema em casa ou então elas me diziam: "*— Ah, eu não vô falar na frente dessas muié aí, depois elas sai contando tudo...*".

Esta pesquisa busca, portanto, uma discussão com outros autores que analisaram a atividade de prostituição, pois o meu comprometimento com a ONG e os desdobramentos da pesquisa me fizeram perceber que ciência e intervenção social podem e devem caminhar juntas.

Munida das informações históricas que cercam o imaginário da prostituição na cidade de Londrina busco fazer uma "releitura" sobre um grupo particular de mulheres prostitutas consideradas "marginais" na sociedade londrinense. Tanto os trabalhos de Goffman (1975) e Velho (1985), quanto os dos historiadores da cidade não tratam da questão do estigma da perspectiva daquele que é classificado como "desviante". O meu trabalho pretende salientar a auto-representação que um grupo particular de prostitutas de Londrina tem da "batalha".

Com relação aos outros trabalhos específicos sobre o tema, o meu estudo de caso é contrastante pois as "mulheres de programa" da Praça Rocha Pombo de Londrina assumem, com relação a essa atividade, uma postura ambígua: embora exerçam essa atividade há anos, não se vêem como "profissionais do sexo". Escamoteiam o exercício da atividade não

---

sexta feira do mês com três horas de trabalho).

<sup>12</sup> Foi dado a elas a opção de que a mãe participasse ou não da entrevista. Das seis filhas que foram entrevistadas, apenas uma delas a mãe não estava presente. (todas as escolhas partiram das filhas).

<sup>13</sup> Uma técnica a ser utilizada para pequenos grupos no qual um tema é colocado para provocar um debate livre interativo entre todos o que dele participam.

apenas no local de moradia, mas também na praça onde trabalham.

O objetivo deste trabalho, portanto, consiste em apreender como exercem a rotina de trabalho, a sua performance na rua e suas representações sobre essa atividade salientando, assim, certas continuidades/descontinuidades que balizam as fronteiras entre a *casa* e a *rua*. (DA MATTA, 2000).

No primeiro capítulo, "*As mulheres da Praça Rocha Pombo e a cidade*", relato, através dos estudos históricos sobre prostituição em Londrina, as estratégias acionadas pela sociedade londrinense, que sempre procurou tornar "invisível" grupos tão presentes e representativos na construção da cidade. Aponto, também, os teóricos que marcam a relação dialógica entre a teoria e os dados empíricos de minha pesquisa.

No segundo capítulo, "*Jeitos de ser prostituta*", faço uma análise do "viver" da prostituição através da investigação bibliográfica. Analiso trabalhos de autores brasileiros que trataram deste tema nos seus diferentes espaços, realçando as características que diferenciam a postura da prostituta frente a atividade de prostituição e seus espaços: as "regras do jogo", os clientes.

No terceiro capítulo, "*Etnografia da Prostituição em Londrina*", faço um breve relato sobre os vários espaços de prostituição na cidade de Londrina com o intuito de contextualizar o estudo de caso que realizo com as "mulheres de programa" da Praça Rocha Pombo. Com relação a este estudo de caso, descrevo como se dão as relações entre as "mulheres de programa" e os outros agentes sociais na praça como: policiais, ambulantes, clientes e entre elas mesmas. Utilizando da metáfora da "rinha de galos", fui apreendendo que as relações ali se organizam de forma a delinear um modo muito particular de "ser profissional" ou "estar prostituta". A análise dos rituais praticados é importante, pois estes são percebidos como um discurso simbólico, a partir do qual elas constroem a sua identidade.

No quarto capítulo, "*Sexo seguro?*", descrevo as significações que se entrecruzam "embaçando" as fronteiras do campo afetivo e do trabalho. O

prazer apresenta-se como a possibilidade de concretizar no "programa" a vivência com o "parceiro ideal": "o marido".

No quinto capítulo, "*As mulheres e suas histórias de vida*", descrevo, pelo relato das "mulheres de programa" e suas mães, as vivências familiares e as experiências de violência sofridas na infância. O início na atividade de prostituição.

No sexto capítulo, adentro o meio familiar, o espaço doméstico, em busca de outros papéis da "mulher de programa", que é também mãe, dona do lar, chefe da casa. Aponto para as continuidades/descontinuidades entre a casa e a rua como sugere DA MATTA (2000).

## CAPÍTULO 1

### As "Mulheres de Programa" da Praça Rocha Pombo e a Cidade.

*"O diferente é o outro, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade (...) Através do que há de meu nele, quando, então, o outro reflete a minha imagem espelhada e é às vezes ali onde eu melhor me vejo. Através do que ele afirma e torna claro em mim, na diferença que há entre ele e eu. (BRANDÃO, 1966: 7).*

Passando certo dia pelo centro da cidade em Londrina, uma notícia exposta em uma banca de revista chamou-me a atenção. Deparei-me com uma reportagem no caderno "Londrina", que tomava meia página do jornal de maior circulação na cidade, "Folha de Londrina". A manchete, em letras "garrafais" dizia: **"Arrastão: Juiz proíbe "trottoir" na Rocha Pombo"**. Em letras menores lia-se a seguinte frase: **"Prostitutas pediram salvo conduto para poder circular por Praça em busca de clientes, sem a interferência da PM"** (Folha de Londrina, 07/10/1998).

Mais adiante, no corpo da reportagem, o juiz da 5ª Vara Criminal se pronuncia alegando que: *"O trottoir é uma atividade ofensiva à moral pública que pode ser reprimida pela polícia, dentro de seus poderes naturais de mantenedora da ordem pública, na preservação dos costumes"*. A promotora compartilhando com a postura do juiz, também se coloca contrária ao habeas corpus. No entanto, salienta a prioridade da segurança de todos os indivíduos da comunidade londrinense, inclusive das mulheres,

*"Minha posição contrária ao habeas corpus não se firma em falso pudor. Simplesmente me fundamentei que não se vislumbra qualquer*

*violência ou ameaça de coação o fato da presença ostensiva da polícia em qualquer lugar. Trata-se de dar segurança para toda a comunidade” (Folha de Londrina, 07/10/1998).*

Conjecturei então sobre qual seria a repercussão dessa matéria na cidade, uma vez que o pedido de salvo conduto partira de 21 mulheres prostitutas assistidas pela ONG na qual eu trabalhava. A resposta veio alguns dias após o acontecido. Uma nota na coluna do leitor, sobre a referida matéria, afirmava:

*“Nos últimos dias estive tentada a escrever para este jornal com respeito à matéria do “trottoir” na Praça Rocha Pombo em Londrina, mas cedi à tentação aguardando a decisão judicial. Parabênzo o juiz José Roberto Pinto Junior e a promotora Solange Novaes da Silva Vicentin, ele pela sentença e ela pelo posicionamento em prol da moral e bons costumes.*

*É inadmissível ver alguém tentar se valer de um patrimônio coletivo, de todos nós, contribuintes, em benefício próprio. A Praça Rocha Pombo seria vítima de um trocadilho infeliz e grosseiro, caso a pretensão das prostitutas lograsse êxito. Ora, elas que vão “trabalhar” em suas casas e não perante nossos filhos. Que belo cartão postal: museus, Supercreche, Bebê clínica e R\$1,99 da prostituição. Sim, porque caso a coisa descambe do jeito pretendido, dentro de alguns dias seria implantada uma catraca na entrada e o freguês se serviria à vontade e à luz do dia.*

*A tal associação que tomou as dores das prostitutas deveria preocupar-se com o controle da AIDS e não com a sua proliferação (não estariam os objetivos da tal associação confusos e distorcidos?). Por que ela não depreende esforços no sentido de tirar as prostitutas daquela vida, apresentar alternativas, encaminhar etc..., ao invés de incentivar a prostituição e a propagação da AIDS e outras doenças?*

*Todos temos o livre arbítrio e há sempre a alternativa daquelas mulheres largarem esse tipo de “trabalho”, como tantas assim o fazem. Seja para trabalhar como domésticas, zeladoras, serviços braçal, atividades supostamente menos “fáceis” e rentáveis do que a que desempenham. É imoral termos uma Praça no centro de Londrina servindo de colchão, ponto de tráfico e de desocupados, enquanto nossos filhos, idosos e pessoas que necessitam de algum tipo de lazer se espremam em cubículos, temendo por sua segurança. A Praça existe para o lazer e em benefício da coletividade e não para ser uma zona franca de crimes de determinada categoria”. (Folha de Londrina, 08/10/98, sem grifo no original).*

No discurso da leitora fica evidente o preconceito e a discriminação quando o tema remete a um grupo considerado “desviante” ou “marginal”. Segundo Castro (1994), Leme (2001) e Benatti (1996), este era um discurso freqüente em Londrina já na década de 1940. Esses pesquisadores

mostram que a cidade "nasceu" de uma maneira "ordenada" com um espaço urbano amplamente planejado com uma hierarquização sócio-espacial. Este ordenamento resultou na composição de três territórios diferenciados para obedecerem determinadas funções e exigências. Assim, o ponto mais alto e central da cidade ficou reservado para as instituições civis e religiosas, outras áreas foram destinadas as demandas das classes mais ricas (como a rua Higienópolis, uma das principais da cidade) e, por fim, o espaço destinado ao comércio, que viria a ser compartilhado mais tarde com uma população dita "decaída" vindo romper com o discurso empreendedor de civilização na cidade. (CASTRO,1994).

Esses historiadores ao reconstruírem a história da prostituição em Londrina mostram que os jornais da cidade pretendiam ser um instrumento controlador e normatizador de condutas coletivas, principalmente das posturas femininas. Nesse sentido, Castro (1994) cita que "(...) *a mulher fora do lar, deveria cuidar de seus gestos, aparência, roupa, para em nenhuma hipótese, ser confundida com a prostituta, figura dissoluta de "mulher pública"*. Com relação a esta última a autora acrescenta: "(...) *restavam as práticas racionais de controle social, compatíveis com o "progresso" e a "civilização"- ou seja, a ação policial e judiciária amparada na política higienista*".(1994: 35 a 37). A organização espacial da cidade, acima mencionada, contribuiu para reforçar a discriminação sobre a prostituta. Uma lei municipal dos anos 50 reservou às classes dominantes não só os melhores espaços, mas também aqueles em que estivessem o maior número de benfeitorias (praças, parques). Por outro lado, para as classes populares restava somente a periferia - os bairros distantes e sem infra-estrutura. No mesmo período, através da lei 219, o poder público municipal impediu que as mulheres se utilizassem dos chafarizes das praças públicas para lavar suas roupas (atitude comum das prostitutas de então). Como consequência dessa legislação urbana, as prostitutas e as mulheres pobres foram aos poucos sendo expulsas das áreas centrais da cidade e transferidas para os espaços longínquos distantes dos olhares

burgueses. Donde conclui Benatti (1996) que "(...) verdadeiro "setor" urbano alocado estrategicamente em um ponto periférico, a zona de meretrício nasceu confinada às margens do perímetro central da cidade." (1996: 16). Em 1948, tentou-se restringir o espaço de prostituição em Londrina ainda mais confinando-a à Vila Matos. No entanto, este confinamento não impediu que a sua prática se mantivesse no centro da cidade. (CASTRO, 1994: 165).

Esses processos de confinamento e segregação de certas atividades remete ao argumento de Goffman (1975) e Gilberto Velho (1985) de que a estigmatização é uma construção social. Cada sociedade elege pessoas, grupos, segmentos sociais considerados "*desviantes*". Estas categorias – *estigma* (Goffman, 1975) e *desvio* (Velho, 1985) se definem com relação à normas socialmente estabelecidas.

A reflexão que Goffman levanta aponta para uma discussão sobre "expectativas normativas". Ele chamou de "*destoante*" a ação do indivíduo que quebra uma norma estabelecida, termo que remete à noção de desvio. Segundo o autor, o meio social cria as formas de categorizar os indivíduos e de classificar seus atributos ditos comuns e naturais, seu "status social". A primeira impressão, que um indivíduo desconhecido transmite pela sua aparência e atitudes, informa a qual categoria ele pertence. Este procedimento foi por Goffman denominado de identidade social virtual. Isto é, atribui-se ao indivíduo uma possível identidade. No entanto, através de determinados atributos (maneira de se vestir, portar, falar), este ator social prova pertencer a uma outra categoria que revela a sua real identidade ou, como diria o autor: a identidade social real. Quando este indivíduo foge aos padrões dos atributos socialmente determinados, quando o esteriótipo projetado sobre ele se torna contraditório, será então categorizado como "*estragado*" ou "*diminuído*". Nessa "*linguagem de relações*" é que Goffman situa o que chamou de *estigma*: o não-enquadramento de um indivíduo particular às categorias e atributos considerados comuns aos demais indivíduos.

O *estigma* é então uma "marca" imputada à personalidade, ao físico ou ao comportamento do indivíduo. Este possui um atributo diferente daquele que o enquadraria em uma determinada categoria (pode ser defeito, fraqueza, desvantagem). Por meio dessa classificação, cria-se uma tensão entre as identidades real e virtual do indivíduo ou grupo. Esta tensão gera divergências pois possibilita uma inversão de classificação da categoria de pertencimento do indivíduo, anteriormente negativa, passa à positiva.

Goffman, porém, propõem a modificação deste conceito justamente porque acredita existir inúmeros atributos na sociedade ocidental que "*desacreditam*" o indivíduo. O que pode estigmatizar em uma dada cultura, pode normatizar em outra. Assim, o *estigma* encobre uma dupla perspectiva: a do indivíduo *desacreditado* e a do indivíduo *desacreditável*. Quando o atributo diferente é visível este indivíduo é imediatamente categorizado, "estigmatizado" e se assume como tal perante todos os outros indivíduos daquela sociedade que já o classificaram dessa forma. Então ele é considerado "*desacreditado*".

Quando o atributo diferente não é visível, nem conhecido pelos demais a sua volta, ele é considerado "*desacreditável*". Ou seja, "pode ser que seja", "talvez os outros o vejam como sendo". Para uma dúvida sobre o indivíduo. Isto é, o indivíduo com comportamento ou características que o formam estigmatizado (louco, bêbado, homossexual, prostituta, deficiente físico) é sempre definido como tal em comparação com os indivíduos considerados "normais" numa dada sociedade. Nesse sentido *estigma* é uma categoria relacional: define-se em relação ao que é considerado "normal" num determinado tempo e lugar. (GOFFMAN, 1975: 16-141 a 158). O que é ser *normal*, segundo Goffman? Essa é uma categoria que abarça todas aquelas pessoas que não se afastam das normas sociais que funcionam como ideologia que "molda" comportamentos que cerceiam maneiras de ser e de pensar dos indivíduo.

Todavia, nesta "*linguagem de relações*" existe a possibilidade da

manipulação do estigma. Conforme lembra o autor, todo indivíduo pode se valer da estratégia da *manipulação*:

*"ao rever a sua própria carreira moral, o estigmatizado pode escolher e elaborar retrospectivamente as experiências que lhe permitem explicar a origem das crenças e práticas que ele agora adota em relação a seus iguais e aos normais. Um acontecimento em sua vida pode, assim, ter um duplo significado na carreira moral, em primeiro lugar como causa objetiva imediata de uma crise real, e depois, como meio para explicar uma posição comumente tomada". (GOFFMAN, 1975: 48).*

Gilberto Velho (1985) endossa a análise de Goffman, no entanto, estabelece uma diferença importante sobre a condição do indivíduo "desviante". Velho (1985) sugere que, em qualquer sociedade, existem "fendas" ou "brechas" que permitem uma certa maleabilidade na classificação dos indivíduos. Segundo esse autor, "(...) a cultura não é tão esmagadora". Ou seja, (...) a leitura diferente de um código sociocultural não indica apenas a existência de "desvios" mas, sobretudo, aponta para o caráter multifacetado, dinâmico e, muitas vezes, ambíguo da vida cultural (...)" (VELHO, 1985: 21). Como Goffman (1975), Velho (1985) afirma que os indivíduos não nascem "desviantes", são classificados como tal. Como o "estigma", o "desvio" é, portanto, produto das relações sociais. Para o autor: "(...) A idéia de desvio, de um modo ou de outro, implica a existência de um comportamento "médio" ou "ideal", que expressaria uma harmonia com as exigências do funcionamento do sistema social" (VELHO, 1985: 17). Quando este comportamento "ideal" é interrompido ou não cumprido, estabelece-se o fenômeno que Velho chamou de "desvio". Comportamento que, segundo Velho, traduz uma "leitura diferente das normas de sua cultura".(op.cit.: 21).

No entanto, Velho ressalta que a cultura é "...uma linguagem permanentemente acionada e modificada por pessoas que não só desempenham "papéis" específicos mas que têm experiências existenciais particulares" (op.cit.: 21). Segundo ele, categorizar um indivíduo de "desviante" ou "inadaptado", como sugere Goffman, é pensar na existência de uma visão rígida da vida sócio-cultural pois o *desviante* não existe per si,

ele só existe em relação a outro: "*os grupos sociais criam o desvio ao estabelecer as regras cuja infração constitui desvio e ao aplicá-las a pessoas particulares, marcando-as como outsiders*" (op.cit.: 24-25). Para Velho, analisar só o caráter funcional do *desvio* seria limitar o entendimento sobre o aspecto político do fenômeno, pois estão envolvidas, nesta interação, relações de poder.

Para o autor, a existência deste fenômeno é possível justamente porque a linguagem cultural é maleável e cada sociedade se utiliza dela conforme lhe convém, pois existem áreas de significado nesta linguagem cultural que permanecem "em aberto". Gilberto Velho sustenta, ainda, que "*essa tensão ( entre normais e estigmatizados) é própria da natureza da cultura e do caráter individualizado da espécie*" (VELHO, 1985: 22). Isto quer dizer que não só pessoas de uma determinada categoria se comportam diferente das outras pessoas de outra categoria como, também, indivíduos de uma determinada categoria são diferentes entre si. Este posicionamento confirma esta possibilidade de leitura do fenômeno cultural como ambíguo e divergente.

Dessa forma, Gilberto Velho nos ensina que a busca dos padrões culturais e sociais não impossibilitam "um olhar" atento para a descoberta da dimensão da intersubjetividade dos indivíduos e subgrupos.

É o caso da prostituição. O desvio, nesse caso, se define pela infração de normas tidas como modelo de comportamento feminino. Expor o corpo em espaços públicos e viver de sexo são comportamentos que fogem aos padrões morais estabelecidos.

A atividade de prostituição quebra, portanto, uma regra moral corrente na sociedade ocidental, que tem como representação do feminino idéias associadas à noção de "pureza" e "recato" (DA MATTA, 1986/87). Um corpo feminino à mostra, ousado, que "se vende" é, neste contexto, visto como promíscuo, desviante com relação ao modelo socialmente estabelecido.

E essa é a perspectiva que sustenta o discurso da leitora,

anteriormente mencionado. Daí o seu argumento que o lugar da prostituição não pode se confundir, se misturar àquele do lazer e diversão, como é o caso da Praça Rocha Pombo. Nesse sentido argumenta que as "prostitutas" deveriam procurar uma profissão "legitimada" pela sociedade, pois se assim o fizessem, a praça estaria livre para abrigar quem acredita ter o direito de permanência ali: famílias, idosos, crianças, comerciantes e mulheres de família.

Essa preocupação com as fronteiras espaciais da atividade, manifesta pela leitora, remete ao argumento de Erikson citado por Velho (1985):

*"(...) o comportamento humano pode variar amplamente, mas cada comunidade estabelece parênteses simbólicos em volta de um certo segmento dessa amplitude e limita suas próprias atividades dentro dessa zona demarcada. Esses parênteses são, de certa forma, as fronteiras da comunidade". (In: VELHO, 1985: 24)*

Tomando emprestado o conceito de *outsider* de Howard Becker (1966), Velho (1985) afirma que um indivíduo se torna "*marcado*" quando comete a infração de uma norma. Como consequência, o indivíduo recebe a "marca" de "outsider", representação que é introjetada pelos estigmatizados, como se observa na fala de uma "mulher de programa" entrevistada:

*"- Liana, você não tem vergonha de ficar aqui com nós na Praça? Você, mãe de família, casada, toda bonita ...Ah! é chato né, o que os outros vão pensar?" (Diário de Campo, setembro/2000).*

A postura do juiz, da promotora, da leitora do jornal Folha de Londrina e da própria "mulher de programa" da Praça não são, evidentemente, novidade. Já em 1935 a sociedade londrinense debatia em jornais da cidade o "incômodo" causado pela atividade de prostituição<sup>14</sup>. A esse respeito comenta o historiador Edson Leme (2001) o que segue:

*"... nas atuais circunstâncias, poderia o meretrício ser confinado a*

---

<sup>14</sup> Os Jornais que se destacavam na época no debate dessa questão eram: "Combate e Paraná Norte".

*uma área distante do perímetro urbano e de tal forma localizada que as próprias condições topográficas através de acidentes do terreno, tornassem difícil se não impossível, uma vizinhança de família trazidas pelo crescente desenvolvimento urbano. Aliás, poder-se-ia selecionar 3 ou 4 áreas com tais características para jogar contra eventuais especulações imobiliárias desde que o poder municipal e a Polícia combinassem uma ação conjunta nesse sentido, que se impusesse através da faculdade de se transferir o local do confinamento tantas vezes quantas se fizessem necessárias, em virtude do regime de tolerância em que funcionam aqueles aglomerados, a critério da Polícia de costumes". (2001: 70-71).*

À época áurea do café, a idéia do "Eldorado" serviu de chamariz para promover a migração para região norte do Paraná de pioneiros, nacionais e estrangeiros<sup>15</sup>. Atraídos pelo mito da "terra que tudo dá", "terra da "promissão", imigrantes de várias regiões e nacionalidades chegaram à região para colonizar e enriquecer. A Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP)<sup>16</sup> realizou campanhas imobiliárias-colonizadoras para promover a venda de lotes a preços baixos, favorecendo um acelerado crescimento da região. Processo que contribuiu para a dinamização da atividade da prostituição na região, segundo relato de Benatti (1996):

*"...os próprios funcionários da Companhia que importavam prostitutas ou que freqüentavam os bordéis passaram a ser uma espécie de modelo. A garofada, os rapazes, os solteiros que trabalhavam na Companhia, deram quase que a senha. E as brigas que a própria Companhia teve com a delegacia, com relação à repressão ou preservação da prostituição foram enormes..." (1996: 85).*

Benatti (1996) sugere que as "chacrinhas", os bordéis, as casas de "Tolerância"<sup>17</sup> são constitutivas da história de Londrina e que, elas, as

<sup>15</sup> O escritor Domingos Pellegrini conta que: *"nos primeiros sete anos da balsa, antes da ponte por onde passaria o trem, cruzaram o rio 1823 brasileiros, na maioria paulistas, mineiros e nordestinos, 611 italianos, 533 japoneses, 510 alemães, 303 espanhóis, 218 portugueses, 193 poloneses, 172 ucranianos, 138 húngaros, 51 tchecoslovacos, 44 russos, 34 sulços, 29 austríacos, 21 lituanos, 15 iugoslavos, 12 romenos, 7 ingleses, 5 sírios, 5 argentinos, 3 dinamarqueses, 2 australianos, 2 norte-americanos, 2 suecos, 2 franceses, 2 búlgaros, 2 belgas, 2 liechesteinianos, 2 letões, 1 norueguês, 1 estoniano e 1 indiano."* (PELLEGRINI IN: ANDREI, 2001: 34).

<sup>16</sup> A Companhia de Terra Norte do Paraná, empresa com sede em Londres, se instalou no oeste do Rio Tibagi de 1929 a 1944 com o firme propósito de explorar e colonizar o norte do Paraná. O idealizador deste projeto colonizador foi o inglês Lord Lovat.

<sup>17</sup> Não existe um consenso nas informações históricas com relação a data da primeira casa de tolerância de Londrina. Alguns historiadores dizem ser de 1926, porém a cidade só foi

"mulheres da vida fácil", instalarem-se na região em busca, como os pioneiros, de fama e dinheiro:

*"...o que se passa em Londrina e em outras cidades do norte Paranaense, no que tange à prostituição, é simplesmente desolador. A afluência de mulheres da vida fácil a esses centros é decorrente da luxúria, da opulência e da grandeza; é, numa palavra, a atração pela riqueza. Seduzidas pela fama de que goza toda essa região onde se amealham, facilmente, fortunas, para cá se dirigem as infelizes mercadoras de amores livres, na ânsia incontida de vencerem."* (BENATTI, 1996:88).

A cidade de Londrina se expandiu pelo trabalho dos imigrantes, mas também tornou-se conhecida pelas famosas casas de tolerância – da Diana, da Selma, da Maria Polaca que traziam mulheres de toda parte, inclusive outros países (Paraguai e Argentina)<sup>18</sup>. Estas "casas" pioneiras, ficavam na periferia da cidade. Como descrito pelo jornalista Marinósio Filho (1979):

*"A zona do meretrício, pioneira de Londrina, grilou-se na rua Rio Grande do Sul. A sua primeira casa de tolerância ninguém lembra a quem pertenceu. Os mais antigos contam que foi um dos trabalhadores da Companhia de Terras, pernambucano ou alagoano, o portador da primeira "ninfa" para cá. Numa das viagens a Ourinhos, conheceu uá mulher e a trouxe com promessas de que dinheiro, aqui, "dava que nem jerimum". A mulher, Maria Loira, Palmira Preta, ou Rosy, entusiasmou-se e veio. (...)*

*Dentro de uma semana, os cômodos de palmito já estavam de pé e houve inauguração com churrascada e muita cerveja. "O movimento, uma coisa de louco". Semana seguinte, a "moça" viajou até Ourinhos e trouxe consigo umas quatro mais. Bonitas, "lindas de frente", escolhidas a dedo. A notícia das novas "mercadorias", rapidamente, passou de boca em boca. Era o comentário do lugarejo.*

*Oficialmente, começa aí a história da Rua Rio Grande do Sul. "Casas fincadas". (IN: BENATTI, 1996: 76)<sup>19</sup>.*

---

fundada em 1929. (BENATTI, 1996:75).

<sup>18</sup> Vicente Viana 1984) citado por Benatti (1996) lembra que as mulheres, no papel de prostituta, (...) povoavam as zonas de meretrício contribuindo assim, para o progresso da região. (BENATTI, 1996: 84).

<sup>19</sup> A rua Rio Grande do Sul é hoje conhecida pelo nome de rua Brasil, longe do perímetro central da cidade mas não do movimento. Sua extensão corta a cidade de norte a sul. Formando ao seu redor uma vizinhança de classe média baixa na cidade que compartilha seus metros quadrados, ou de asfalto ou paralelepípedo com vários estabelecimentos comerciais: muitos bares (simples, tipo "boteco", até um pouco mais sofisticados) panificadoras, lojas de material de construção, papelarias, restaurantes, postos de gasolina.

Essas "casas"<sup>20</sup>, que abrigavam as prostitutas de luxo, eram visitadas pelos pioneiros enriquecidos que se estabeleceram na cidade. O processo de crescimento delineou-se reservando certos espaços ao capital econômico, as classes abastadas. As prostitutas, mais simples e pobres, concentraram-se nas áreas distantes do perímetro central.

Na década de quarenta, a cidade de Londrina, num ímpeto crescente de progresso, amplia suas casas comerciais e, como citado por Elena Andrei (2001) "(...) *permite pontuar o centro da cidade com novas obras de edifícios públicos e residenciais, além de várias lojas. A pequena igreja católica é ampliada, constroem-se a primeira Prefeitura, a Praça Central e a Estação Ferroviária.*" (2001: 48). Nesse local, compartilhando dos espaços considerados símbolos do movimento e progresso, instalavam-se elas, as "mulheres de programa", inflamando opiniões e "tumultuando" o cenário londrinense. Figuras de presença constante na praça central, no coração da cidade: entre a fronteira espacial, mais acima, da Igreja Matriz e, um pouco mais abaixo, a antiga rodoviária (hoje Museu de Artes). Um espaço que, como diria a leitora do jornal, próprio para o lazer e descanso de todos, menos elas: "as mulheres de programa" da Praça.

No capítulo que se segue, trato da literatura específica sobre o tema prostituição no Brasil. Enfatizo a forma como os autores abordaram a questão da identidade prostitucional. Apresento as diferentes modalidades de "ser prostituta".

---

<sup>20</sup> Segundo Castro (1994) a prostituição de luxo, que servia aos pioneiros abastados, encontrava-se situava nas redondezas dos limites da Vila Matos (espaço geográfico no qual foi confinada a atividade de prostituição). Esta atividade foi alojada em "chacrinhas" e "bordéis". (1994: 166).

## CAPÍTULO 2

### "JEITOS DE SER PROSTITUTA"

"De tudo que é nego torto, do mangue e do cais do porto; ela já foi namorada, o seu corpo é dos errantes, dos cegos, dos retirantes; é de quem não tem mais nada; dá-se assim desde menina; na garagem, na cantina, atrás do tanque, no mato; é a rainha dos detentos, das loucas dos lazarentos; dos moleques do internato, e também vai amiúde, c'os velinhos sem saúde, e as viúvas sem porvir, ela é um poço de bondade. E é por isso que a cidade vive sempre a repetir Joga pedra na Geni!" ("Geni e o Zepelim", para a peça Ópera do Malandro/Chico Buarque de Holanda/1977/78)

Diferentes trabalhos apontam, embora de maneira diferenciada, para uma demarcação entre o "mundo fora" e o "mundo dentro" da prostituição. Ressaltam que esses "dois mundos" compõem o universo prostitucional que define a auto-representação da mulher prostituta. A partir dos relatos das prostitutas, das suas redes de relações nos locais de atuação, suas práticas e representações acerca da atividade prostitucional, os autores destes trabalhos revelam a imagem das mulheres que estão na "batalha".

Escolhi como forma de diálogo com o material bibliográfico a própria auto-classificação do grupo, isto é, as diferentes maneiras de definição do que é "ser prostituta".

A literatura sobre o tema permite a distinção de três tipos de posturas com relação a essa atividade: há mulheres que se dizem "profissionais do sexo"; outras dizem ser esta uma atividade temporária, "de passagem", e há, ainda, um grupo de mulheres que adota uma posição ambígua; "fingem não o ser".

No primeiro grupo, mulheres que se definem como "profissionais do sexo", as atitudes e o comportamento visam a construção do status de "profissional". Suas práticas sexuais, suas vestimentas insinuantes, sua performance arrojada demarcam as fronteiras claras entre relações afetivas e relações de "trabalho". Estas pesquisas mostram como as "profissionais do sexo" agem, pensam e se comportam.

## 2.1 As "Profissionais do Sexo"

*"-Sou prostituta, sim! (Gabriela Leite, Encontro de Prostitutas no Ceará/1994).*

Para uma melhor exposição, adotei uma classificação que salienta a forma com a qual as mulheres prostitutas elaboraram suas estratégias no espaço prostitucional que contribuíram para a construção da identidade de "profissionais".

As pesquisas de Feldman (1989) e Freitas (1984) partem da importância do espaço urbano na estruturação da identidade da mulher prostituta, uma vez que é neste local que a atividade de prostituição está inserida.

Feldman (1989), analisou a territorialização da prostituição feminina em São Paulo do início dos anos 20 até final dos anos 70. Selecionou três momentos: 1924/39, 1940/53 e 1954/56. Sua discussão engloba as casas de "tolerância", as boates, as "boca de luxo" (boates atendem a população de classe média) e as "boca de lixo" (boates que atendem a população de baixa renda).

Sua análise tem como propósito explicar a produção social do território da prostituição, qual seu significado em relação à estrutura da cidade como um todo, procurando discriminar a natureza dos processos segregatórios que caracterizam e estruturam este tipo de atividade. A autora faz um breve histórico sobre o aparecimento das casas de tolerância com a institucionalização do controle policial (1924/39). Esse período caracteriza a

fase em que a atividade era confinada a um bairro específico, o Bom Retiro, local de concentração de população de baixa renda, quase todos imigrantes. No caso das prostitutas, o local de moradia era, também, o de trabalho. O controle era realizado tanto pelo policial que tudo vigiava, como pelos "valentões" que as "protegiam". Ambos cobravam pagamento pelos serviços prestados. Mais tarde, este local fica conhecido como "boca do lixo", no bairro de Santa Efigênia, onde pessoas de baixa renda atuam na atividade de prostituição em hotéis e apartamentos destinados aos "programas de prostituição". Essa atividade, apesar de camuflada, gera em torno de si uma rede de comércio que se sustenta e enriquece através da relação entre cliente/prostituta. Todos estes espaços serviam de moradia e trabalho.

Com o crescimento da classe média (1954/56), os estabelecimentos comerciais foram se estruturando para atender a demanda desta classe e a atividade da prostituição foi se modificando. Surge assim a "boca do luxo", uma boate de luxo na Vila Buarque, em São Paulo, para atender aos encontros de prostitutas e clientes selecionados. Por estar estrategicamente localizado num território classe "A", este estabelecimento não sofre as mesmas pressões e estigma de um lugar "decadente". A atividade de prostituição é camuflada, apresentando-se como uma "casa noturna" como outras tantas das imediações. A partir de então, segundo Feldman (1989), a boate deixa de ser o local de moradia das prostitutas e passa a ser exclusivamente de trabalho. Dessa forma, ficam demarcados espacialmente os divisores entre vida afetiva e vida profissional.

Esses diferentes espaços de trabalho - casa de tolerância, "boca do lixo", "boca do luxo" - são todos territórios de interação social. Neles as prostitutas, enquanto profissionais, negociam com os clientes a prática da prostituição e recebem o dinheiro pelo serviço executado. Trabalho acabado (sexo terminado), retornam às suas casas.

Na cidade de Belo Horizonte, Freitas (1984) analisou como a negociação rotineira dos atores envolvidos na atividade de prostituição

estabelece códigos que normatizam esta interação. Pesquisou diferentes modalidades de espaços prostitucionais, tidos como segregadores: os *bordéis*, *rendez-vous*, a "zona", os bares e também o espaço da *rua*. Essa pesquisa procura salientar que estes espaços são estratificados, definindo-se não só pelo tipo de cliente atendido como, também, pelo preço cobrado. Freitas identificou, nesses diferentes espaços de prostituição, os códigos e as negociações entre os agentes sociais envolvidos na atividade: prostitutas, cafetinas/cafetões e os policiais.

Segundo Freitas (1984), o *rendez-vous* é o espaço de trabalho que oferece melhor remuneração (clientes e prostitutas selecionadas). As negociações com o aparato policial são mediadas pela cafetina. No outro extremo tem-se a "zona", espaço onde é menor a remuneração. Conta-se também com a proteção da polícia, negociada com a cafetina. A *rua* é o espaço onde tudo pode acontecer.

Freitas (1984), mostrou que o "programa" define os padrões de identidade das prostitutas onde moralidade e afetividade determinam comportamentos com relação ao lugar de pertencimento. Ou seja, certas práticas sexuais elas se recusam a praticar pois não as consideram profissionais. Essas práticas são determinadas por três fatores: tempo do programa, o preço e a prática sexual a ser executada. Segundo Freitas, o *Bordel* é o único espaço no qual a prostituta é considerada "pessoa comum". Esse status é firmado e assegurado através da relação de troca estabelecida entre a prostituta e o seu empresário/cafetina ou cafetão. Estes agem como intermediadores entre as prostitutas e os policiais. A prostituta deste espaço tem uma dupla função: a de prostituta e informante dos policiais (as vezes, ainda, mantém um relacionamento amoroso). Dessa forma, ela é vista como uma prostituta "com moral". Age conforme os padrões estabelecidos pelo recinto que frequenta. O *bordel* é considerado, pelos três agentes (prostitutas, cafetinas e policiais), como um espaço legítimo que garante o verdadeiro status da prostituta, além de ser um espaço que lhes garante segurança pois elas vivem e atuam no lugar

destinado para esta função. Neste local sofrem menor ameaça de serem presas pois estão institucionalizadas. No *bordel* estabelecem-se padrões de respeito no convívio entre as prostitutas e demais agentes assim como também no relacionamento profissional. Dominam os códigos do local. Através desta relação, ganham um aparente status legal e moral<sup>21</sup>. Não é o caso das prostitutas de *rua*. A *rua* é considerada pelos três agentes (prostitutas, cafetinas e policiais) como um espaço perigoso. Os freqüentadores estão submetidos seguidamente às chamadas "canoadas" (batidas policiais com prisões). Na *rua* e *botecos* as prostitutas são categorizadas como pessoas "suspeitas" por transitarem na rua e entrarem em contato com indivíduos tidos também como "suspeitos". Freqüentemente elas são "usadas" como "chamariz", pelos policiais, para atrair os criminosos que a polícia não consegue prender. Seu status (definido pelas outras prostitutas, policiais e cafetinas) é o de uma prostituta "imoral", "porca", "ladra", potencialmente perigosa.

Caso não haja a possibilidade do acerto monetário, as prostitutas não executam a atividade, nem com policiais. Para se livrarem da violência policial valem-se do recurso da gravidez e da menoridade pois, agindo assim, conseguem sensibilizar os agentes policiais para uma ação menos drástica, evitando com isto surras e longos períodos na prisão.

O ritual das relações entre prostituta, cafetina e policiais é bem definido, quem não dominar as regras do jogo se coloca em sério perigo.

Outras pesquisas argumentam que a construção da identidade prostitucional pode estar associada a uma ação política da qual as prostitutas, entusiasmadas pela idéia de um movimento associativo, criam uma associação para representá-las. É o caso do estudo de Moraes (1995). Organizadas pelo movimento, as mulheres prostitutas foram adquirindo uma dimensão crítica dos acontecimentos cotidianos que as cercavam passando, então, a reivindicar os direitos de cidadania.

---

<sup>21</sup> O Status Legal no sentido de que a prostituta passa a ser reconhecida como informante do policial, ele lhe garante este direito. O Status Moral no sentido de valor, de reconhecimento pelo cargo que ocupa como informante.

Moraes (1995), apresenta as prostitutas da Vila Mimosa, no estado Rio de Janeiro, procurando apreender os códigos da prostituição em "zona confinada" ou "baixa prostituição". Este local é formado por várias casas muito próximas que favorecem o convívio entre seus moradores. As mulheres prostitutas se colocam à mostra nas portas de suas casas ou nas casas de seus agentes (cafetinas/cafetões). Este comportamento propicia, segundo a autora, não só trabalho, "o programa", mas também lazer pois o contato que ali se estabelece entre prostitutas e freqüentadores locais cria uma rotina de trabalho que possibilita a essas mulheres prostitutas adotarem mecanismos de defesa diante das tensões geradas nas interações. Estes mecanismos as auxiliam a construir a visão profissional que julgam ter na atividade que desempenham. Completamente murado, com várias casas dispostas uma ao lado da outra, o espaço da Vila, ou Mangue (como era conhecido antigamente), se apresenta para a comunidade externa como um território perigoso.

Moraes relata que a rotina de trabalho da prostituição é bem estruturada e hierarquizada: existe um intercambiamento de interesses entre elas, cafetões, cafetinas, policiais, comerciantes, malandros e clientes. O jogo de interesses marca estes relacionamentos. Existe uma luta constante entre elas e a burocracia local (órgãos governamentais) na questão da legalização do espaço para a atividade da prostituição, porém elas contam com os comerciantes como aliados, pois estes estão situados na Vila. Nasce assim, em 1987, um movimento associativo dessas mulheres na busca de seus direitos, com o aval dos indivíduos que também vivem em torno desta atividade (comerciantes, donos de casas de jogos, "donas de casas" (cafetinas ou tias), cafetões, pesquisadores, jornalistas, cabeleireiros, donos de bares). Neste espaço, de grande valor imobiliário, houve inúmeros conflitos entre as prostitutas e os órgãos burocráticos responsáveis pelos processos de despejo na Vila. Porém, em 1988, através de ações concretas do movimento das mulheres prostitutas e da comunidade, representada por segmentos de forte expressão artística,

intelectual e cultural, este espaço foi garantido às mulheres pelo regime de comodato possibilitando uma nova ordem social na qual o lugar passou ao "status" de Vila Mimosa.

Para Moraes, "...*uma prostituta não é prostituta o tempo todo*" (1995: 125). Este processo torna-se visível no modo como as prostitutas racionalizam as práticas sexuais. Por meio destas, diferenciam as relações afetivas daquelas do âmbito profissional. O uso do preservativo é o grande divisor nessa classificação. Como observa Moraes, a "camisinha" é vista pelas prostitutas como uma "*segurança de trabalho*" (1995: 176). Isso significa que o preservativo é usado para o "programa", porém, é dispensado se o cliente é "conhecido" ou "antigo". Veja-se o que declara uma das prostitutas:

*" Exijo mesmo é a camisinha. Mas têm aqueles né, que são antigos, que só ficam comigo, que então eu sei, sei que não gostam de variar ... Aí vai né, aí vai sem mesmo ..."* (MORAES, 1995: 181).

Nessa pesquisa as mulheres se auto-definiam como "trabalhadoras" ou "prostitutas profissionais", enquanto outras se classificam como "putas", termo depreciativo por meio do qual expressam sua auto-visão como "decaídas" ou "sem moral". Mas, valendo-se desta auto-definição, incorporam o tom de vitimização: "*A pessoa pra estar aqui na porta, é um destino muito triste que a mulher que té na vida trás*". (MORAES, 1995: 253).

Por meio da criação do movimento associativo essas mulheres puderam melhorar suas condições de vida, conscientizando-se da possibilidade de busca de seus direitos de cidadania. O termo "profissionais do sexo" ou "trabalhadoras do sexo" surge no desenrolar deste movimento. No entanto, afirma a autora, estas mulheres não aceitam ter em suas carteiras profissionais o registro sob tal categorização.

Algumas pesquisas, como a de Ariento (1994) e Bacelar (1982), mostram que existem mulheres prostitutas que se percebem como profissionais a partir da fragmentação dos espaços da *casa* e da *rua*.

Ariento (1989) pesquisou as prostitutas da "boca do luxo" (boate),

nas ruas dos bairros "chiques" de Campinas (interior de São Paulo, na Vila Buarque) e com prostitutas que fazem "ponto" em ruas nos bairros de Santa Efigênia e Campos Eliseos, sendo estas consideradas como as da "baixa prostituição". Ariente (1989) constatou que para cada região da cidade existe um tipo de prostituta, um tipo de cliente e um tipo de policial. Os policiais mais escolarizados estão nos bairros mais nobres (Vila Buarque), tratam melhor os clientes e prostitutas. Nos bairros mais pobres estão os policiais menos escolarizados por isso, segundo a autora, tratam as prostitutas de forma brusca e com pouco respeito.

A pesquisadora foi apresentada às mulheres prostitutas por intermédio de "irmãs" pertencentes a uma determinada igreja. As entrevistas aconteceram em uma delegacia de polícia, onde tais mulheres faziam ocorrências policiais.

Ariente buscou definir, segundo os "pontos" de prostituição, o perfil social das prostitutas cujos salários são diferenciados segundo local de trabalho. Mesmo sem freqüentar a casa das mulheres prostitutas (fez apenas uma visita a uma delas), procurou conhecer a vida destas mulheres distinguindo a vida "de dia", isto é, na casa e com a família, e a vida "na noite", ou seja, a atividade de prostituição na rua. Ariente (1989) também procurou conhecer, por meio das histórias de vida destas mulheres, a produção do preconceito. A autora tinha como preocupação central compreender a dinâmica de uma sociedade que cria as condições para a existência da prostituição e, ao mesmo tempo, discrimina essa atividade. A pesquisadora mostrou que estereótipos negativos que constroem o imaginário da (ou sobre a) mulher prostituta estabelecem uma maneira de ser e viver o estigma<sup>22</sup> que reforça suas atitudes.

Cada bairro analisado apresenta um tipo de mulher prostituta com suas vestimentas, seu comportamento. Nos bairros mais pobres (Brás) encontram-se as prostitutas que recebem pouca remuneração pelo "programa" do cliente quase sempre pobre. Elas não precisam "se produzir"

---

<sup>22</sup> Conforme Goffman define.

e, na maioria, são mulheres analfabetas ou semi-analfabetas. A mulher prostituta mais velha tinha 35 anos, por isto ficava no Brás. Ela se vestia de maneira diferenciada - era ousada: usava decotes, saias curtas, batom vermelho - enquanto as mais jovens se mantinham discretas. Nos outros dois bairros (Campos Elíseo e Santa Efigênia) exige-se uma "produção" da prostituta (maquiagem, roupas, etc). Entre estas muitas são analfabetas. Nesses locais se encontram mulheres novas sem experiência ou que tiveram que sair da "boca do luxo" da Vila Buarque porque envelheceram. A Vila Buarque é o local de maior prestígio, melhor remuneração. Neste só são permitidas mulheres jovens que possuem experiência no trato com homens ricos. Algumas possuem o curso superior por isso recebem pelo "programa" quantias muito altas. O valor do programa é ainda maior segundo a exigência do cliente que geralmente possui um bom nível intelectual e social.

Estas prostitutas são mulheres que trabalham essencialmente à noite; de dia são donas-de-casa. Na vida familiar, Ariento (1989) pôde descobrir, através de uma entrevista, que as mulheres prostitutas freqüentemente possuem filhos, dos quais normalmente estão separadas. Seus filhos moram com parentes, normalmente os avós, tanto por questões financeiras como por sentirem vergonha de sua condição. Mas essas mulheres sempre ajudam com dinheiro a casa que as acolheu. Essas mulheres têm, em geral, origem urbana. Ariento (1989) acredita que a escolha da atividade de prostituição está ligada a uma vivência familiar traumatizante (com marido ou parente), algum relacionamento sexual considerado irregular.

Ariento percebeu que cada localidade possui seu freqüentador específico: um tipo de cliente; um tipo de policial; um tipo de cafetão; um tipo de prostituta. Nas ruas da "boca do luxo" as prostitutas são mais escolarizadas, possuem melhor aparência, cuidam mais da saúde por isso podem cobrar mais. Neste espaço transitam apenas mulheres com esse nível de escolaridade e, principalmente, de renda, o que lhes permite ir ao

salão de beleza, comprar roupas. Em geral possuem carro e telefone próprios. Ao entrevistar os policiais, Ariele pôde perceber em suas falas que estes acreditam que a prostituição é necessária, por isso são "compreensivos". No entanto, se alguém briga e vai preso, é sempre a mulher que está atrás das grades. A figura do gigolô e cafetão também é corrente nestes casos. O gigolô, na visão da pesquisadora, é o homem da mulher prostituta, o cafetão é quem a explora, iludindo-a que a protege. Segundo a autora, existe uma quantidade muito grande de cafetões nas ruas. O comportamento da prostituta na prática sexual evidencia a dimensão simbólica que separa o cliente e o namorado. Com os clientes ela finge prazer e inventa sofrimentos de vida para sensibilizá-lo a pagar mais. Para o namorado ela não precisa mentir, se entrega à paixão.

Segundo Ariele (1989), estas prostitutas recriam suas identidades segundo os espaços em que transitam, o que se expressa na fala de uma delas: "*Na rua sou prostituta, em casa sou mãe e para os outros sou gente*". (1989: 59).

Para a autora, a existência do estigma é uma forma de controle sobre as prostitutas. Para ela, a prostituta vende seu corpo como todo outro trabalhador, de diferentes maneiras, é uma trabalhadora como qualquer outra. O estigma que lhe é atribuído impede, porém, que a sociedade a veja como qualquer outro profissional. A autora acredita que a forma como estas mulheres prostitutas interpretam e pensam suas relações no âmbito doméstico e do trabalho lhes possibilita manipular o estigma, restringindo-o a certos espaços e relações sociais, com parece sugerir Gilberto Velho (1985) em trabalho anteriormente citado. Essa mesma idéia de que a prostituta tem também outras identidades é o que se observa no trabalho de Bacelar (1982).

Bacelar (1982), na condição de coordenador de Planejamento e Pesquisas Sociais no Maciel, também pôde estudar e conhecer as relações entre clientes, família e vizinhança das prostitutas do Maciel, no centro antigo da cidade de Salvador, no estado da Bahia.

O Maciel é um prédio que se transformou numa favela<sup>23</sup>, num bairro marginal, que abriga uma população de baixa renda, no qual moram as mulheres prostitutas com muitos filhos e são chefes de família.

Sua pesquisa procurou ressaltar que a mulher prostituta, mãe e chefe da casa, não possui um comportamento desviante<sup>24</sup>, apenas foge ao modelo normativo de família. Através de histórias de vida, o autor viu e ouviu sobre o cotidiano, os papéis do grupo familiar na socialização, os valores, expectativas com relação aos outros membros da família. Buscou entender como é construída a subjetividade, a gravidez, o trabalho autônomo e as características conjugais. Percebeu que os valores que sustentam a convivência familiar se confirmam segundo o padrão tradicional das famílias brasileiras.

Segundo o autor, no Maciel, 55% das prostitutas tem mais de trinta anos, 86% delas utilizam o local de moradia para os encontros com os clientes. Todos da casa sabem e cooperam (com sinais nas portas e janelas previamente combinados) saindo assim que o cliente chega, principalmente os filhos. Esta estratégia as possibilita demarcar a separação entre trabalho e família. O horário da atividade prostitucional é do entardecer até as vinte e duas horas (horário estabelecido pelos órgãos policiais). O preço do programa é regido por critérios como beleza e juventude. Como informante Bacelar (1982) escolheu uma prostituta, levantando várias questões com relação à categoria da prostituta/mãe.

O autor percebeu que o local de prostituição cria maneiras de "ser prostituta". Elas são a autoridade da casa, definem deveres e direitos que todos devem cumprir. Por pertencerem a uma classe social desfavorecida, essas mulheres prostitutas não contam com os "dotes físicos" devidamente

---

<sup>23</sup> O termo aqui proposto tem por objetivo mostrar que ali, neste espaço, existem casas ao seu redor, abrigando pessoas muito simples que vivem numa situação de pobreza. Com roupas penduradas por todos os lados, lixo à mostra, comida, animais e crianças dividindo o mesmo espaço. Tudo muito precário.

<sup>24</sup> Conforme Gilberto Velho não existem desviantes em si mesmos, mas sim uma relação entre outros autores (indivíduos, grupos) que acusam outros autores de estarem conscientes ou inconscientemente quebrando, com seu comportamento, limites e valores de determinada situação sociocultural. (VELHO, 1985:23).

padronizados - não são mulheres jovens, nem possuem uma estável situação financeira que lhes possibilite um "bom trato" do corpo e das roupas - então, se utilizam do recurso que dispõem para conquistar o cliente: o preço razoável e as práticas sexuais só o "papai e mamãe", nada mais. Segundo o autor, aceitar qualquer outro tipo de prática de sexo, no Maciel, é tido como agressão. Essas mulheres se definem como prostitutas: zelam pela sua saúde e pelo seu corpo. Quando estão no quarto com o cliente fazem uma "boa" vistoria para ver se este não está doente, já que isto as impossibilitaria de exercer a atividade. Algumas, que exercem algum outro tipo de atividade (vendedora ambulante, doméstica), consideram a prostituição uma atividade complementar que reforça as finanças da casa.

Segundo Bacelar, estas prostitutas incorporam um sentimento depreciativo ao se considerarem um "ser inferior". Como estratégia de sobrevivência limitam-se ao território do Maciel, onde compartilham experiências de vida com seus iguais. Neste sentido, não deixam de ter uma vida social no território do Maciel: vão a lojas, bares, fazem compras de alimentos, conversam com os vizinhos.

Ficou claro em sua pesquisa que a mãe/prostituta reage negando semelhante destino para sua filha. No período da adolescência, fica terminantemente proibido a filha namorar algum morador do Maciel pois segundo as mães: "*Gente daqui não presta!*". O sexo é visto como tabu, não se conversa sobre o tema nas suas casas ou com seus filhos. Ao mudar de residência, sua informante adquiriu valores e padrões que ali eram reconhecidos.

A análise de Bacelar ultrapassa a visão da prostituta segundo o estereótipo de senso comum na medida em que o autor concebe a prostituta como alguém que desempenha vários papéis além de prostituta: mulher, mãe, chefe do lar. Nesse sentido o caso dessas mulheres não foge aos padrões de família correntes entre as camadas mais pobres da população: como tantas outras, essas são mulheres que associam ao papel de mãe a função de provedor da família.

Alguns pesquisadores argumentam ainda que a construção de identidade da mulher prostituta depende da nítida distinção, por parte dessa profissional, entre o "sexo profissão" e "sexo amoroso", conforme encontrado no trabalho de Pasini (2000). A autora pesquisa a prostituição de *rua* em São Paulo colocando o foco da análise nas práticas corporais de um grupo de prostitutas que atuavam na rua Augusta e imediações. A autora se propôs a compreender a "performance" da garota de programa. Esta "performance" evidencia, segundo a autora, uma divisão entre a vida "dentro" e "fora" da prostituição.

Acompanhando o cotidiano das garotas de programa nas *ruas*, Pasini pode verificar como estas pensam suas vivências profissionais e extra-profissionais. Utilizando-se do método etnográfico e revendo a bibliografia sobre prostituição e corporalidade, apoiada em Csordas (1988) e Bourdieu (1995/97), Pasini foi descortinando o universo da prostituição de *rua*, especialmente os códigos que regulam a atividade e as relações estabelecidas. O "ponto" é de fundamental importância para a análise, pois é a partir dele que a prostituta constrói sua performance. Segundo a autora, cada "ponto" "fabrica" um tipo específico de prostituição e prostituta, o que se evidencia na corporalidade e nas relações com os outros agentes sociais. Nesse sentido, o "ponto" é um espaço de trabalho e sociabilidade, cujas regras diferenciam espaços em termos de fronteiras simbólicas.

Pasini (2000) analisou quatro *ruas* e seis "pontos" de prostituição. Cada ponto, segundo observou a autora, tem suas regras estabelecidas: roupas, maquiagem, cores, comportamento, práticas sexuais. Entretanto, todos os "pontos" seguem uma norma básica e fundamental que define a atividade da boa "profissional": não gozar, não "ficar molhada", evitar que algumas partes do corpo sejam tocadas e que algumas práticas sejam permitidas.

Essas práticas diferenciam o sexo como atividade profissional daquele praticado no contexto das relações afetivas. O divisor simbólico entre o campo afetivo e o campo profissional fica demarcado pelo uso do

preservativo. Com o parceiro as prostitutas nunca usam preservativos, mesmo que saibam que se arriscam, pois, segundo as informantes, "*por amor e uma relação intensa vale a pena arriscar*". Ao distinguirem o tipo de prática sexual, distinguem também a relação cliente e não-cliente. Para as garotas de programa da rua Augusta, as práticas corporais são o demarcador das diferenças entre relações afetivas e profissionais. As garotas ao agirem assim criam fronteiras de intimidade que organizam o seu cotidiano, fora e dentro da prostituição. São estas fronteiras que estabelecem distinções entre as relações íntimas com não-clientes; e as "profissionais" com clientes.

Essa mesma forma de demarcação da atividade profissional entre prostitutas foi descoberta por Fonseca (1996) numa pesquisa com prostitutas da Praça Central em Porto Alegre. A autora, como eu, chegou ao grupo por intermédio de sua atuação junto a uma instituição, o NEP/Núcleo de Pesquisa sobre Prostituição, do qual as prostitutas participavam para debater diferentes assuntos. O objetivo de sua pesquisa era descobrir como as prostitutas mais velhas (30 a 40 anos) desta Praça, que atuavam nas primeiras horas da tarde até as nove da noite e se auto-denominavam "profissionais", elaboravam a dupla carreira: família e profissão.

A praça, lugar de grande sociabilidade entre diferentes atores sociais, é vista como um bairro onde todos se conhecem e circulam: os aposentados, michês, vendedores ambulantes, artesãos e elas, as discretas prostitutas velhas. Como outros trabalhos sobre o tema, a autora descreve as formas de sociabilidade construídas pelas prostitutas na praça, as relações conjugais (a maioria delas é casada, mãe e algumas até avó), as preocupações com os filhos, etc... Fonseca (1996) menciona serem estas experiências femininas que afastam ou aproximam pesquisador e pesquisados de mesmo gênero e idade. A principal diferença observada foi a existência de um sentimento forte de vergonha cercando o imaginário dessas mulheres. Vergonha em ser pobre, não de ser velha. —"*Velhos todos ficam*", diziam elas à pesquisadora, *isso "não impede de prostituir"*. No

entanto, o sentimento de vergonha decorre do fato estarem com uma "certa" idade e ainda permanecerem pobres.

Dessa forma, assinala a autora, estas mulheres marcam uma condição de gênero que é histórica: o sexo masculino à frente do sexo feminino. Ao homem são oferecidas mais oportunidades e melhores salários. Por outro lado, a mulher, além das responsabilidades com o lar e os filhos, cabe ainda a atribuição do serviço fora do espaço doméstico, atribuição esta que impossibilita investir na sua capacitação.

Por meio dessas pesquisas pode-se perceber que a maneira pela qual a mulher prostituta se identifica e se classifica depende, não só do espaço prostitucional no qual ela executa a atividade de prostituição, mas também da interação que se estabelece entre ela e os outros atores da relação. Suas práticas sexuais, assim como suas atitudes no enfrentamento da negociação no campo do sexo, do trabalho, balizam suas percepções para atingir o grau de profissionalismo na atividade que as rotula como "profissionais". As fronteiras entre o espaço da *casa* e o espaço da *rua* não se interpenetram.

## 2.2 "Profissionais do Sexo?" ... Só "de passagem!"

O estudo apresentado por Gaspar (1985) levanta a questão do fator econômico como um sinalizador para a escolha da atividade prostitucional. Sua pesquisa dá visibilidade a jovens garotas de classe média baixa que vivenciam tal atividade como uma "opção momentânea". A subsistência, segundo observado pela autora, não se caracterizou como causa para a escolha da atividade.

Entre essas jovens mulheres, especialmente as de maior escolaridade, as representações construídas acerca da atividade prostitucional indicam para um entendimento dessa atividade como um "bico" por meio do qual garantem ou mantêm seus "caprichos" de consumo como carro, apartamento, mobílias caras, roupas finas ou até mesmo

viagens ao exterior.

É assim, por exemplo, que Gaspar (1985) apresenta as jovens "garotas de programa" de uma boate e dois bares em Copacabana no Rio de Janeiro. Sua proposta foi analisar a organização social e o sistema de representações deste tipo de prostituição. Sua população alvo eram "garotas de programa" pertencentes à classe média baixa<sup>25</sup>, com idade variando entre 17 e 23 anos, moradoras ou não do Rio de Janeiro, com escolaridade de nível médio.

Valendo-se da observação participante, a pesquisadora pôde perceber as representações das "garotas de programa" com relação aos clientes, à prostituição e sobre si mesmas. Segundo a autora, apesar de vigiadas pelo cafetão ou segurança da boate e protegidas dos abusos ou extorsões, essas garotas consideram ter controle da situação pois possuem o "dom" do escândalo, que é a principal arma acionada quando pretendem se livrar do cliente. Contam ainda com o "dom" da sedução, o que garante, através das roupas insinuantes e das práticas sexuais, a realização das fantasias do cliente em troca do que almejam ou precisam. Neste grupo de garotas, a prostituição é vista como uma atividade que lhes permite suprir necessidades básicas (comer, vestir, saúde) além de "presentes" e lazer (salão de beleza, roupas de marca, maquiagem, viagens, carro, telefone, diversão). Suas vestimentas são para realçar o corpo que, devidamente produzido e fotografado, compõem um "álbum" previamente preenchido pelas garotas que freqüentam a boate e que, através de uma agenciadora (uma senhora), conseguem agendar "seus serviços" aos clientes de agências de turismo que solicitam alguma atração "especial".

Como mencionado por Gaspar (1985), a representação que as "garotas de programa" fazem de si mesmas é aquela que as compara a todo momento com a própria pesquisadora, tanto nos valores morais como no comportamento. Assim como a pesquisadora, elas vão às butiques de griffe,

---

<sup>25</sup> São jovens universitárias, algumas filhas de profissionais liberais, outras são vendedoras de sofisticadas butiques da moda que em geral possuem carros e apartamentos onde também acontecem os programas.

regularmente visitam o ginecologista, possuem namorado e mantêm contato ou vivem com a família. Esta é, portanto, uma estratégia da qual se valem para camuflar sua condição de "prostitutas permanentes". Elas se pensam como mulheres "comuns", na atividade de prostituição apenas "de passagem".

### 2.3 Identidade ambígua: prostitutas que "fingem não ser".

*"-Não é profissão. Eu tô aqui porque preciso e, sei lá ...Se não vim, parece que vai ganhar e se vim, não ganha... (Diário de campo, 03/1997)*

Os estudos sobre prostituição até aqui apresentados apontaram para há existência de duas distintas representações das mulheres prostitutas sobre a atividade prostitucional. Há mulheres que se assumem como prostitutas e outras que dizem estar de passagem na atividade. As primeiras constroem essa identidade por meio dos espaços geográficos prostitucionais nos quais estão inseridas assim como pelas práticas corporais adotadas visto que estas lhes permitem distinguir, simbolicamente, as relações de trabalho de outras relações, principalmente as afetivas. Ainda nesta categoria, observa-se a existência, muito embora minoritária, de mulheres prostitutas que afirmam sua condição de profissionais do sexo por meio da atuação política organizada na qual asseguram sua cidadania. Em oposição, encontram-se um grupo de jovens garotas, classe média baixa, que afirmam não ser prostitutas. Dizem estar na atividade por necessidade temporária, ou seja, "de passagem". Neste caso, é também por meios simbólicos, especialmente comportamentais e de estilo de vida, que negam a identidade de prostituta.

Essas duas representações observadas não contemplam, porém, uma terceira que foi por mim identificada em meu estudo de caso: a existência de um grupo de mulheres que pratica, há anos e à luz do dia a atividade de prostituição e "*fingem não ser prostitutas*". Seu modo discreto

de vestir e pouco provocativo de se comportar, bem como o horário diurno que adotam para o trabalho são algumas das estratégias acionadas para disfarce. A marca desse grupo é, portanto, a ambigüidade. Batizadas pelos nomes de guerra, vestidas com sobriedade e comportando-se com naturalidade acionam suas "novas identidades" que as caracterizam como mulher/dona de casa. Sutilmente sinalizam gestos que mostram aos clientes o interesse do "programa". Em suas práticas corporais, as fronteiras do afeto e do trabalho se confundem turvando a representação que constroem sobre a atividade. Elas "estão", por anos, prostitutas. No entanto, acreditam ser esta atividade "temporária". Ali estão só até "as coisas melhorarem", até construírem suas casinhas, até conseguirem um companheiro.

Este estudo de caso pode ser comparado ao de Gaspar (1985) onde as garotas de programa por ela analisadas se pensam como "mulheres comuns". Muito embora vivam da prostituição, admitem ser esta uma escolha "passageira" pois sentem-se capacitadas para desenvolver outras atividades, se assim o quisessem. As "mulheres de programa" também vivenciam esta relação de ambigüidade. Elas se pensam, agem e se sentem como "mulher comum" na condição de "mulher/dona de casa". No entanto, a atividade de prostituição por elas desenvolvida é percebida como uma estratégia que garante, além do provento da casa, de si mesmas e dos filhos; viver uma relação prazerosa pela atividade de prostituição.

Assim, "desvendar" o universo destas mulheres prostitutas, será o grande desafio deste trabalho.

## Capítulo 3

### Etnografia da Prostituição em Londrina.

"Diz DA MATTA: – Mas e na rua? Bem, aqui passamos sempre por indivíduos anônimos e desgarrados, somos quase sempre maltratados pelas chamadas "autoridades" e não temos nem paz, nem voz. Somos rigorosamente "subcidadãos". (DA MATTA, 2000:20)

#### 3.1 Espaços de Prostituição em Londrina.

O comércio da prostituição em Londrina está espalhado por todos os cantos, desde o centro até as margens da cidade. Enquanto consultora municipal, no primeiro semestre do ano de 1998, época em que fui contratada para promover ações que buscassem a prevenção de doenças junto a grupos específicos, pude entrar em contato com alguns locais que mantêm a atividade de prostituição e descobri algumas particularidades.

No *espaço do bar* em Londrina, as mulheres se colocam à mostra sentadas às mesas ou apoiadas no balcão (quando tem) à espera de um possível cliente que apareça e lhe pague uma bebida (elas ganham centavos por dose pedida), normalmente elas bebem soda dizendo que é vodca (o litro é de vodca mas com soda dentro, tudo para não ficarem embriagadas). Algumas ficam no bar os três turnos: manhã, tarde e noite. Algumas ficam só os dois primeiros períodos, normalmente o mesmo horário que os filhos estão na creche. Os bares, quase todos muito simples, geralmente estão alocados em casas velhas de alvenarias com tintas desbotadas. Os que frequentei ficavam próximos à rua Sergipe (próxima a

Praça Rocha Pombo). Normalmente no local existem mais mulheres que clientes. Alguns bares, os maiores, possuem quartos nos fundos onde acontecem os "programas" e o valor cobrado gira em torno de R\$15,00 a R\$20,00 reais, já houve épocas em que as mulheres chegavam a ganhar até R\$40,00 reais por um programa de 20 minutos (diziam-me que faziam até quatro programas no dia). Hoje, é raro ganharem R\$15,00 reais, elas justificam que o "*mar não tá pra peixe*" que todo mundo está sem "*grana*" mesmo! Normalmente, usam saias curtas e bem justinhas. Foram raras as vezes que as vi com cores vivas, preferem o preto básico ou branco, rosa, verde claro. Batom e esmaltes sempre fortes. As cores dos cabelos também (caju, preto, loiro bem amarelado). Todas têm filhos (quase sempre pequenos, entre três e quatro anos). A idade das mulheres fica entre 20 e 25 anos. Algumas trabalham em outras atividades como venda de roupas ou lingerie. O tempo que estão na atividade varia: a que estava a menos tempo ia completar três anos. A escolaridade se concentra no primeiro grau incompleto, são raras as que tem o segundo grau. Percebe-se, portanto, que estas mulheres prostitutas também são muito diferentes das "mulheres de programa" da praça.

*O espaço do hotel* em Londrina - freqüentei três deles - segue uma rotina própria. São prédios estreitos, pequenos (três andares no máximo), com pinturas apagadas, sem elevador e rodeados pelo comércio. Na portaria é entregue ao cliente, se solicitado, o preservativo que pode ser comprado por R\$1,00 a unidade (feminino não tem). Um dos hotéis, de dois andares, fica bem próximo da Praça Rocha Pombo. Seus quartos são relativamente espaçosos, com a cama em concreto e um pequeno banheiro no mesmo ambiente (uma pequena suíte), com uma pequena janela que fica de frente para o Terminal Urbano Rodoviário. Os lençóis não são trocados de um cliente para o outro. Quase sempre o "casal" chega separado, ela na frente, ele logo atrás, nunca juntos.

No outro hotel, mais afastado um pouco da praça, a rotina é bem diferente. Existe uma sala (digamos que seja uma sala de espera) na qual

as mulheres prostitutas ficam sentadas esperando o "hóspede" chegar. No fundo tem um pátio e, como o hotel é térreo, as portas dos quartos se abrem todas para o centro deste pátio. O banheiro (só tem dois) é coletivo e está localizado no centro do círculo dos quartos, um de cada lado. As camas são também de concreto e os lençóis também não são trocados. As "donas" (antigas prostitutas), em meados de 1998, passaram a cobrar R\$5,00 reais para que as mulheres prostitutas lá ficassem mas, como elas ganhavam muito pouco ( quase não havia "hóspedes" no hotel) então, aos poucos, as mulheres foram se dispersando para outros espaços de prostituição (praça, bar ou rua). A faixa etária ficava entre 35 a 40 anos. O horário da atividade de prostituição acontecia pela manhã e tarde, nunca à noite. O valor do "programa" ficava entre R\$10,00 e R\$20,00 reais. Trajavam roupas discretas porém levemente insinuates (um decote mais ousado, uma saia mais curta). Em algumas vezes que lá estive, pude notar que nenhuma mulher usava calças compridas no hotel! Normalmente são mulheres que já possuem filhos na adolescência. Algumas delas já trabalharam em outros locais desempenhando funções como cozinheiras, domésticas, diaristas, babás. A atividade de prostituir-se é vista como um "bico". Alegam que vem ao hotel porque estão desempregadas. A maioria delas tem o primário incompleto, algumas chegaram a 5ª série mas não a completaram.

Percebe-se algumas semelhanças entre essas "mulheres do hotel" e as "mulheres de programa" da praça. A pouca instrução, o horário que desenvolvem a atividade (de dia) e os filhos adolescentes. Acredito que estas características tenham contribuído para que algumas delas passassem a freqüentar o espaço da Praça Rocha Pombo quando resolveram sair do hotel.

Ao longo da minha pesquisa tive, também, uma experiência com prostituição de *rua*. Na época, março de 1997, meu objetivo era conhecer as mulheres prostitutas que ali se encontravam para então convidá-las a criar um grupo que participasse de oficinas preventivas/educativas (semelhante as do Projeto Previna junto ao grupo de mulheres da praça). Assim, cheguei

à rua Leste-Oeste. Uma ampla avenida paralela a rua Benjamin Constant (de frente para o Museu Histórico) situada abaixo da antiga linha do trem, onde o grande fluxo de carros e pessoas trafegam apressadamente de uma ponta a outra da cidade.

As "mulheres de programa" da Praça, ao tomarem conhecimento dos meus planos, foram logo me alertando: "*— Olha, a rua é um lugar perigoso onde se deve tomar muito cuidado pois é um local onde nada é de ninguém ... — Olha as mulher lá tudo trafica!*" Fiquei um pouco apreensiva mas, acompanhada da mesma travesti simpática do "sotaque baiano", saí a campo. Logo que cheguei percebi um certo ar de desconfiança e insegurança. A noite, entre 20:00 e 24:00, ao fazer a "ronda" neste espaço (elas vão para a *rua* as 19:00 e permanecem lá até cansarem ou até o último programa que lhes renda uma boa soma em dinheiro em média de R\$40,00 a R\$50,00 reais por programa), pude perceber (depois de apresentada pela travesti) que todas ali já a conheciam e a chamavam pelo nome. Atenta, não pude deixar de notar que as mulheres prostitutas que ali transitam dominam um código silencioso que normatiza o espaço.

O lugar, sem dúvida, é da mulher mais jovem, existindo apenas algumas poucas mulheres mais velhas (mas não como as mulheres da Praça Rocha Pombo), normalmente na *rua* de cima, paralela a Leste-Oeste (na rua Quintino, espaço do travesti por excelência). As jovens que ali se encontram tem entre 16 e 22 anos. Com alguma escolaridade (geralmente o primeiro grau completo) dividem o espaço com outras tantas entre elas as universitárias (encontrei uma estudante do curso de História e uma outra formada em Educação Física). Bonitas, uma vez que não possuem cicatrizes, roupas rotas, cabelos despenteados ou algum outro atributo que as diminua, ficam nas esquinas ou no meio das quadras sempre com vestimentas ousadas e vistosas; unhas bem pintadas com cores fortes; roupas justas e sensuais chamam a atenção dos carros que por ali trafegam, normalmente carros de modelos novos que ao vê-las assobiam e vão parando lentamente. Numa conversa cochichada, recolhem-nas para

dentro do veículo onde saem rapidamente em direção aos Motéis de periferia da cidade.

Observando, percebi que existe ali, na Leste-Oeste, a figura do agenciador(a) uma vez que sempre havia uma mulher, no ponto de ônibus, no mesmo lugar e que falava com todas as mulheres prostitutas que ali se encontravam. O comportamento das mulheres foi mudando à medida em que ali voltei: em minhas primeiras idas à *rua*, quando fui apresentada pela travesti e expliquei o motivo para tal visita, todas, nos diferentes pontos (ruas transversais) achavam muito bom o trabalho que me propunha fazer junto delas. No entanto, ao retorno da visita, ao abordá-las novamente para lembrá-las do dia da primeira reunião, deparei-me com a negativa de muitas delas que haviam desistido de participar, falavam comigo mas olhavam a todo momento a sua volta como se "alguém" as vigiasse atentamente cuidando para que nenhum estranho delas se aproximasse. Certa vez, quando estava conversando com uma delas, ouvi fazerem referência sobre a mulher do ponto de ônibus, que ela havia conseguido a soltura de algumas mulheres prostitutas que haviam sido presas na noite anterior. A mulher com quem eu conversava, mostrou-me que estava protegida de tudo por um canivete escondido no tornozelo, me dizia "*— com isto na mão (mostrava o canivete) ninguém mexe comigo não!*".

Portanto, na *rua*, as situações de violência sempre aparecem, seja o enfrentamento com a polícia, seja com assaltos ou drogas uma vez que este espaço também está marcado pela venda não só do corpo como também da droga (como já haviam me alertado as mulheres da praça). Uma outra vez, presenciei uma camioneta que lentamente parava ao lado de uma delas e logo depois saia bem rapidinho fazendo a volta na quadra. Quando retornou ao mesmo local, a mulher voltava de um canto ao lado de um muro próximo a um mercado da esquina com um papelote nas mãos que rapidamente entregou ao rapaz da camioneta. O comércio de droga é comum ali, dizia assustada a travesti que me acompanhava e aos poucos me ensinava: "*— Vai saindo não olha pra trás ... vai ... vai!*". Normalmente essas mulheres não

possuem outra atividade que lhes renda dinheiro, já que dormem durante o dia para estarem bem dispostas nas *ruas* à noite (salvo as que comercializam droga). O tempo na atividade de prostituição varia, mas segundo informação de uma delas, fazia poucos dias que estava ali. Outra disse-me que era mentira, que ela era "conhecida" no "pedaço" então não consegui levantar ao certo. No entanto, fica clara a semelhança dessas jovens prostitutas com aquelas estudadas por Pasini (2000).

Nos trabalhos de Ariente (1989), Pasini (2000) e Fonseca (1996) pode-se perceber como as representações acerca da atividade de prostituição a partir dos espaços do "encontro", do "trabalho" e do "ponto", assim como as redes de relações que nestes espaços se desenvolvem, marcam os discursos das prostitutas e sua auto-imagem. Pontuando algumas características que se observa no comportamento das mulheres prostitutas que atuam nos espaços públicos da *rua* e da praça, pode-se dizer que as mulheres que atuam na *rua* ou "pontos" são mais jovens do que aquelas que estão nas praças. Enquanto as mulheres prostitutas da *rua* e do "ponto" se "fabricam" colocando o corpo à mostra insinuante, com roupas ousadas; as mulheres da(s) praça(s) procuram ser discretas e não chamar a atenção. Mostram-se na(s) praça(s) com pouca ou nenhuma maquiagem, usam normalmente apenas o batom (produto considerado indispensável) para lhes realçar o ar feminino com que aguardam pacientemente o cliente que está por vir. Se a *rua* ou "ponto" às vezes possui o agenciador (não necessariamente), na praça ele não existe. Tanto a *rua* quanto o "ponto" são espaços de disputa e individualidade, quase nunca cumplicidade. Já na praça tudo pode acontecer, desde tensões e conflitos até uma rede de intensa sociabilidade, como no espaço da praça descrito por Fonseca (1996).

### 3.2 As "Mulheres de Programa" da Praça Rocha Pombo.

As "mulheres de programa" da praça se diferenciam das outras

mulheres prostitutas que atuam nos diferentes espaços de prostituição na cidade. Estas mulheres são, em sua maioria (55,4%), de meia idade<sup>26</sup>. Muitas delas (30,8%) são sozinhas, 53,8% não possui outra atividade, 20% delas são analfabetas e 20% semi-analfabetas, metade delas (50%) reside na periferia da cidade, geralmente nos conjuntos populares, situação que reforça a discussão sobre segregação da atividade na cidade que é assinalada por vários trabalhos<sup>27</sup>.

Loiras, morenas, ruivas, altas, baixas, feias, bonitas, gordas, magras, negras ou brancas, elas estão sempre lá, discretas, à mostra nos bancos da praça. Cada qual em seu "território". Quase nunca andam de um lado para o outro. Permanecem sentadas ou simplesmente recostadas à sombra das árvores ou na relva, à espera de uma aproximação, uma troca sutil de olhares com o possível "candidato". Nesta vitrine natural, na qual o sol é um poderoso "vilão" (acentua rugas, resseca a pele e causa cansaço ao corpo), elas permanecem no horário comercial, das 8:00 às 18:00 horas, na expectativa de obter o dinheiro que irão levar para casa. O "programa" custa de R\$10,00 a, no máximo, R\$20,00 reais. Faça chuva, faça sol, com ou sem feriado, lá estão elas à espera do "cliente", aquele do dinheiro contado ou o cliente preferido; o idoso, que exige muito pouco e "termina logo"!

Esta Praça, Rocha Pombo, recebeu este nome para homenagear um ilustre cidadão<sup>28</sup> da cidade. Está localizada na região central da cidade de Londrina, ladeada pelas ruas, Sergipe (lado esquerdo) que abrigava a antiga rodoviária de Londrina (obra do ilustre arquiteto Artigas) e a rua Benjamin Constant (lado direito), abaixo da antiga Estação Ferroviária da cidade; a Avenida São Paulo (lateral direita) e a Avenida Rio de Janeiro

---

<sup>26</sup> Meia idade é um termo por mim adotado para categorizar que a mulher tem mais de 40 anos, idade em que o corpo físico começa a envelhecer. Este perfil foi levantado pelo Projeto Previna de 1996/1997, num total de 65 mulheres na época cadastradas, mas este perfil se mantém ainda hoje.

<sup>27</sup> ADUM, 1991; CASTRO, 1994; BENATTI, 1996; LEME, 2001; ANDREI, 2001.

<sup>28</sup> Dedicou-se por quarenta anos à redação do jornal da cidade de Morretes, onde viveu, defendendo suas idéias abolicionistas. Como escritor, assegurou uma vaga na Academia Brasileira de Letras mas nunca tomou posse pois veio a falecer em 1933, aos 76 anos.

(lateral esquerda). Por sua localização, este é um lugar de grande movimento de saída e chegada dos visitantes e possíveis clientes.

A praça está entre dois importantes espaços culturais. De um lado encontra-se o Museu Histórico Padre Carlos Weiss, antiga Ferroviária reformada e pintada com tintas em cores firmes e fortes. Neste encontram-se expostas roupas, utensílios de cozinha, imagens em bronze e fotografias antigas que retratam a história da cidade que privilegia a imagem da construção do Norte Pioneiro, em especial o surgimento da cidade de Londrina. Do outro lado, o Museu de Artes de Londrina (antiga Rodoviária<sup>29</sup>). Este é conhecido não só pelo nome do famoso arquiteto que lhe "deu vida", José Batista Villanova Artigas, como também por representar o portal de chegada e saída dos muitos indivíduos que por aqui se fixaram vindos de todas as partes do Brasil e do exterior. No Museu de Artes de Londrina encontram-se expostas obras de arte de artistas da cidade. Completamente cercados, esses espaços - Museu Histórico e o Museu de Artes - recebem um público selecionado. Gente como as "mulheres de programa" da praça, desconhecem esses espaços. Elas me perguntavam em tom de curiosidade: " — *O que tem aí dentro? É bonito? ... Ah! pinturas? Eu não entendo disso mesmo! ... pra que vou entrar aí?*"

A imensa extensão gradeada que protege as duas estruturas de concreto divide não só espaços, mas também opiniões. Há dois anos já se podia perceber que a rotina do "programa" na praça se misturava aos diversos olhares das pessoas que por ali passavam e a tudo acompanhavam: os meninos de rua que, às gargalhadas em brincadeira no chafariz da praça, se banhavam entre uma e outra jogada d'água; os transeuntes que rapidamente cruzavam as passarelas da praça; os ambulantes que, ansiosos, ofereciam suas mercadorias ou alimentos; os indivíduos de diferentes condições sócio-econômicas que buscavam ali saciar o prazer da carne; o olhar inquisidor e reprovador da funcionária do

---

<sup>29</sup> A antiga Rodoviária teve seu início de construção em 1948 mas só veio a ser concluída em 1951, com inauguração em 1952, porém só foi tombada em 1974 juntamente com a Praça Rocha Pombo.

Museu Histórico que, quando certa vez lá estive à procura de material bibliográfico, comentou:

*"— Veja só você, elas ficam ali sentadas esperando o homem chegar ... em vez de irem trabalhar! Isto é uma pouca vergonha! ..."*  
(SANTOS, 1997:26)

Em torno da praça, existem pequenas lojas de roupas e calçados populares, comércio das barracas levantadas com lonas e fios de nylon que oferecem produtos do Paraguai, concorrendo com produtos artesanais feitos em fundo de quintal. Há também alguns hotéis baratos que cobram R\$5,00 reais cada meia hora ... Os taxistas, que ficam as margens das calçadas; quiosques de lanches e bebidas dão à praça um visual comum. Este cenário tem policiamento constante, em dois turnos (manhã e tarde). À noite, como dizem as "mulheres de programa", a praça fica por conta do imprevisível: os "ladrões", a "malandragem".

A Praça Rocha Pombo está descuidada. Papéis espalhados por todos os lados, o mato crescente nos canteiros centrais, contrastado com a pintura azul clara desbotada do chafariz seco e o calçamento que aos poucos se desfaz, dão ao espaço um ar sombrio, quase opaco, não fosse a existência e a beleza dos dois segmentos culturais da cidade: o Museu Histórico Padre Carlos Weiss e o Museu de Artes de Londrina.

Entre transeuntes, camelôs, comerciantes, quiosques de lanches, bebidas, meninos de rua, trombadinhas e policiais é que as encontramos, as "mulheres do trottoir", como se referiu a leitora do jornal. Discretas, como se descansassem à sombra de uma árvore, permanecem sentadas nos bancos da praça aguardando por horas intermináveis os "potenciais" clientes. Vivenciam essa "espera" há anos. Lá encontrei desde mulheres que se diziam novatas "nesta vida" até mulheres que estão ali há mais de vinte anos.

A praça está vigiada pelo intenso movimento de pessoas, carros e ônibus que por ali trafegam nas estreitas ruas desniveladas com os

constantemente consertos. Além daqueles que transitam apenas pela praça, há aqueles que para ali se dirigem para ir ao Banco, à farmácia ou às lojas populares. Há ainda o pequeno comércio de sapatos e comidas que com placas nas calçadas avisam aos apressados as promoções do dia. Muito próximo dali fica o terminal urbano de ônibus.

O local concentra também um número muito grande de ambulantes informais que lutam para se manter no local há dois anos. "*Camelódromo, parece ser a solução para o problema*", diz o atual prefeito petista. E eles ali permanecem, próximos ao terminal urbano à espera de uma solução. Amontoados com suas barracas em lonas ou grandes plásticos azuis, vão ocupando o amplo espaço logo abaixo do cercado que protege o Museu Histórico Padre Carlos Weiss e se estende para a lateral da rua São Paulo beirando as calçadas da praça, subindo até a rua Sergipe indo de encontro ao Museu de Artes. Às vezes, os ambulantes invadem a praça em todos os seus espaços, desagradando as "mulheres de programa" e a sociedade londrinense como um todo. Elas em especial, pois dizem que eles ali atrapalham o movimento.

Na praça, a relação das "mulheres de programa" com os comerciantes é qualitativamente diferente do encontrado por Moraes (1995) em "*Mulheres da Vila*", onde a prostituição/comércio coabitam formando redes de convivência nas quais interesses comerciais e profissionais se mesclam. Tais características não são encontradas na rotina das mulheres que fazem programa na praça. O comércio, beirando as calçadas da praça, apenas tolera a presença das mulheres. Nada se compartilha. As chaves do banheiro, que fica próximo à escadaria que dá acesso ao nível de cima do Museu de Arte, ficam em poder dos ambulantes e taxistas. De forma que, em caso de necessidade, as mulheres recorrem aos lojistas ou aguardam a hora do "programa" no hotel.

Assim, esta praça, com uma rotina toda particular, abriga as "mulheres de programa" que ali se encontram e dela fizeram seu "ponto de encontro" para a atividade de "prostituição". Na praça, enquanto espaço

físico e social, campo de atuação, revelam-se os *habitus*<sup>30</sup> e desenvolvem-se as estratégias que lhes permitem interagir com a sociedade londrinense.

As "mulheres de programa" da praça acordam cedo, se arrumam com roupas discretas e um leve batom. Fazem e tomam o café matinal deixando as tarefas de casa encaminhadas para serem executadas, por elas mesmas ao voltar no final de tarde ou pelas filhas, quando retornam do período escolar<sup>31</sup>.

Percebe-se que a praça não é um ambiente prostitucional que proporcione sociabilidade nos termos descritos pelos outros pesquisadores. Ali estão subentendidos códigos que marcam a hierarquização das relações que deverão nortear o ritmo cotidiano do lugar.

### 3.3 Prostituição na praça. Quais são as regras?

Para descrever como acontecem as relações entre as "mulheres de programa" na Praça Rocha Pombo valho-me novamente da analogia com a "rinha de galos". Tomando a "rinha" como modelo, descortino o cenário da Praça para mostrar os bastidores do dia a dia que organizam e estruturam a vida das mulheres na praça.

A atividade de prostituição na Praça pode ser vista, conforme Goffman, como "reunião concentrada" ou, como sugere Geertz (1978):

*"...o nome de algo insuficientemente consistente para ser chamado de grupo e insuficientemente desestruturado para ser chamado de multidão - um conjunto de pessoas absorvidas num fluxo de atividades comum, que se relacionam umas com as outras em termos desse fluxo (...)" (1978: 290).*

<sup>30</sup> Segundo Bourdieu (1989:61) "...*habitus é um conhecimento adquirido e também um haver, um capital...*". ANTUNIASSI (1996) interpretando Bourdieu, coloca que o "*hábitus é um sistema de disposições adquiridas, duráveis e transponíveis, predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações.*" (ANTUNIASSI, 1996:s/pg. xerografado).

<sup>31</sup> O menino geralmente não executa tarefas domésticas; quando trabalha, faz serviços de pequeno porte como lavar carros; empacotar compras no mercado; vigiar carros em estacionamentos.

A praça é lugar que reúne, num mesmo espaço, pessoas em busca do mesmo fim: o cliente e o dinheiro. As "mulheres de programa", cada qual tem seu canto: próxima a uma árvore, sentada no banco, em pé na esquina, ao lado do quiosque de comer lanche, na parte de cima, próximo ao ponto de táxi. São territórios "demarcados" por consenso. Uma não invade o espaço da outra. Sobre o assunto elas comentaram:

*" — Eu mesma só fico mais pra cá (aponta o dedo para a extremidade lateral da Av. São Paulo), porque onde tem muita molecada não fico. Pra cá, é tudo molecage. Então eu já fico pra lá que é mais sossegado." (Diário de campo, 1997).*

*"— Ah, eu fico só num lugarzinho, só. Fico sentada num canto." (Diário de campo, 1997).*

*"— Eu fico naquele cantinho lá (aponta o local)." (Diário de campo, 1997).*

*"— Tem umas ali folgadinha que quer ter lugar, né. Mas eu não. Em primeiro lugar, eu não gosto de ficar parada; eu ando. Eu gosto de andar!" (Diário de campo, 1997).*

Semelhante à "rinha de galos", o espaço da praça segue regras bem definidas que medeiam as interações que nela se estabelecem, criando um clima normatizado, embora camuflado. As relações de poder foram ficando mais claras ao longo da pesquisa de campo. Perguntei-lhes como recebiam as mulheres "que chegavam à praça". Elas disseram:

*"— Não gosto porque ela toma nossa freguesia. Ela ganha dinheiro e nós não ganha! ". (Diário de campo, 1997).*

*"— Mulher que vem de fora, aqui as mulher não deixa. Vem então uma pergunta: - Onde você é? Aí ela vai e responde: - Tal lugar. Dali meia hora, faz um grupinho e bota pra correr ... Elas faz isso. Se pintar, apanha!" (Diário de campo, 1997).*

*"— Mulher nova não é bem recebida. Ela vai ter que ter um santinho forte ou vai ter que encarar e falar: — Não, eu vou ficar aqui sim, você não manda aqui. Aí ela fica. Mas se for bundona, mesmo, ela não fica! (Diário de campo, 1997).*

*"— Olha tem umas que embaça sim. Tem umas que não aceita. "Embaçar é colocar as menina pra correr ou fazer programa e repartir com elas". (Diário de campo, 1997).*

*"— As mulher daí são folgadas, né. As mulher, chega menininha nova, elas não se garante, entendeu? Uma menininha nova, uma mulher de fora que seje, que não seje conhecida, uma mulher bonita, com boa presença, as mulher começam a achar que ela ... que os freguês delas ... querer só a mulher, porque a mulher é nova, ele nunca viu. Uma coisa diferente, todo mundo vai cair em cima dela. Mas daí, não sei, né, começa a embaçar." (Diário de campo, 1997).*

As mulheres que estão há mais tempo na atividade de prostituição defendem o seu espaço "de mercado". Elas são detentoras de um capital social e por estarem há mais tempo nesta atividade dominam as "regras do jogo". São velhas conhecidas dos policiais, comerciantes e ambulantes. Dessa forma, as "novatas" se forem bonitas e jovens, se ganharem muito dinheiro ou se chamarem a atenção dos clientes ou ainda se forem solicitadas mais vezes que as antigas na Praça, vão ser "postas pra correr" ou serão exploradas por aquela que possui a liderança no grupo. Ou seja, as mulheres jovens, ousadas em suas vestimentas, geralmente saias curtas, maquiadas e sensuais não permanecem por muito tempo. São expulsas porque fogem ao padrão local: vestidas discretamente as "mulheres de programa" da praça Rocha Pombo "disfarçam" a sua atividade. Sentam-se nos bancos ou andam como quem está de passagem: mas como estão ali diariamente têm já "territórios demarcados" e regras que gerenciam a dinâmica do dia a dia da prostituição. Há também hierarquia. As líderes são "as mais velhas" na atividade, as mais antigas. Embora a atividade na praça não se realize por meio do controle do cafetão/cafetina, há liderança. As mulheres que a exercem trafegam de um lado para o outro, marcando sua presença sempre nos bancos centrais da praça. Fazem "programa" tanto com clientes jovens, como idosos. São aliciadoras, "mexem" com os clientes, se comportam de forma menos discreta que as demais. Usando vestidos com decotes mais ousados ou roupas mais insinuantes, abordam os possíveis clientes, tocam neles. Diferente das demais que, à distância, fingem nada ver. O comportamento da líder (ou líderes) se diferencia das

demais: elas sentam com as pernas cruzadas abertas, falam alto, chamam a atenção de quem passa.

As "novatas", quando lhes é permitido ficar na praça, são abordadas pelas "antigas", que as obrigam dividir o ganho do dia. Caso haja resistência, ela apanha. Este fato só ocorre, segundo os relatos, quando a "novata" ganha muito dinheiro:

*"— Moça nova não. Se pintar, apanha!" (Diário de campo, 1997).*

*"— ... quando elas vê que tá ganhando dinheiro, que a moça tá ganhando dinheiro ali, aí elas fica no pé. Fica em cima e, quando é de tarde, elas quer um pouco de dinheiro". (SANTOS, 1997: 63).*

*"— Sempre as mesmas ... É ... e ... muitas veis elas chamam a gente, chamam as outras pra entrar no embalo, né? Mas muitas não vai. Eu mesmo nunca entrei nesses embalo aí, de colocar as mulher pra correr não!". (SANTOS, 1997: 63).*

*"— Existe sim. As vezes, uma ou duas, sempre tem uma ... que implica com todas as mulher nova que chega na Praça ... aí estiga e se a gente não topar, aí ela já fala, né: - Se não topar então ... aquelas que não topar tirar ela daqui também não vai ficar aqui!". (SANTOS, 1997: 63).*

Há, portanto, modos distintos de exercício da atividade prostitucional na praça. A líder (ou líderes) representa o estereótipo do "ser prostituta". Ela tem atitudes impetuosas, dá escândalos (as demais me confidenciam que a chamam, sem ela saber, de "casca grossa"), fala alto, mexe com os clientes. Enfim, ela representa tudo aquilo que as outras "mulheres de programa" da praça pretendem não aparentar. Munida pelo código da hierarquia e violência, ela(s) se impõe sobre as demais. Quietas, cada qual no "seu canto", elas evitam tumulto maior do que aquele que a própria líder (líderes) já faz. Dizem, as que ali permanecem, que só as mulheres fortes, "sem medo", conseguem enfrentá-la:

*"— As vezes ela ofende ... a gente pergunta pra ela se ela tá*

*certa. Esses dia quando ela ofendeu a T.<sup>32</sup> (diz o nome) ela tava importunando, perturbando e eu tentei ficá calma, tentei, tentei ... quando eu vi que não tinha jeito, que a T. tava ficando nervosa, irritada, aí eu olhei pra ela e falei: — Você já se olhou no espelho? Você não pode criticar ninguém assim! Ela tem o defeito dela, você tem o seu. Você já viu alguém ... já viu uma de nós tira sarro da tua boca, por exemplo? O teu jeito de convidar o criente? Você chama todo mundo na frente de todo mundo! A gente vê, mas a vida é sua., entendeu? Eu vivo a minha, ela vive a dela, você vive a tua. Você não pode fazê isso com ela. Tava tentando dá um acesso no banco ... também com ela. Ela começou a dar risada sabe, olha que ela é briguenta de tacá faca e tudo! Falei com ela, dei uma dura nela depois ela saiu, sentou perto de uma árvore lá. Depois eu falei: — Não faça isso. Hoje ela tá assim, amanhã ela pode muito bem tá na cadeira de roda! As vezes ela vai até dá a comida pra gente! A amizade acima de tudo, uma hora uma pode precisa da outra! ... Ela fico rindo, dando risada! Até hoje ela não brigou comigo! Falei pra olhai no espelho pra vê que ela também tem defeito! Que é issolll Isso eu aprendo dentro da Igreja sabia? Não é na rua não!" (Diário de campo, 10/2000).*

As demais "mulheres de programa" da Praça experimentam um sentimento de vergonha em relação às atitudes escandalosas da suposta líder na praça. Consideram que suas atitudes ofendem, afrontam e as intimida. Também por conta desse sentimento preferem ficar "cada qual no seu lugar", sem muita conversa. Segundo algumas das entrevistadas, ficar perto da mulher escandalosa pode significar não fazer "programa". Dizem que ela "dá azar":

*"— Liane, um dia a T. ia por a mão nas minhas costas, eu sai de perto dela. Eu disse assim: — Oh T. , eu não gosto que você chegue perto de mim que você tem pé frio. Sabe o que ela falô? Eu tava distraída conversando com a R. , ela veio e passou a mão nas minhas costa aí ela falô assim: — Tô passando a mão nas tuas costa pra você não ganhar dinheiro. Eu fiquei três dia sem ganhar dinheiro por causa daquela cadela daquela mulher, ela tem o pé tão frio aquela mulher que Deus me livre! Ichi, eu não gosto dela de jeito nenhum!" (Diário de campo, 10/2000).*

Como em outros casos pesquisados por outros autores, o relacionamento entre as "mulheres de programa" é orientado pela desconfiança e competição. Não há momentos de partilha, de ajuda mútua. Ninguém ajuda ninguém. O que conta é a lei da selva: cada um por si. Esta

---

<sup>32</sup> Com o intuito de preservar os nomes próprios das "mulheres de programa" quando citadas por algumas delas, optei por escrever somente a primeira letra do nome.

regra foi constatada no trabalho de campo. Quando solicitei uma reunião com algumas mulheres do grupo elas recusaram. Sempre arranjavam uma desculpa para não comparecer, depois em particular disseram-me:

*"— Ah, não vamos fazer a entrevista lá com a mulherada não. Não quero que elas vejam o que eu falo ... vão sabe da minha vida. Vamo' lá em casa! Lá é melhor ... só nós! .... faz cinco anos que eu tenho a minha casa e as mulher não sabe o meu endereço"* (Diário de campo, 10/2000).

A concorrência, disputada corpo a corpo é que baliza esse tipo de comportamento:

*"— É negócio de fuxico, sabe. Tem mulher que briga ali por causa de homem, menina. Onde já se viu uma coisa dessa? Então eu gosto de ficar sozinha. E elas fica falando: — Ah, fulano falou aquilo; fulano falou aquilo. As mulher brigam uma cá outra lá por causa de homem. Então eu gosto de ficar sozinha."* (Diário de campo, 04/1997).

*"— Já aconteceu de eu sair com um cliente de outra, ela achar ruim. Ela saiu ... Eu saí um tempão, acho que uns seis meses, depois ele voltou e saiu com ela. E depois ele voltou e ficou comigo, porque não gostou da fulana. Até que fulana veio e brigou comigo, tomou até um óculos que tava assim na minha cabeça, tá! e disse: — O que você tá fazendo com o outro que agora ele não sai mais comigo, só com você? Aí falei: - Porque de certo ele gosta mais de mim, não é não?"* (Diário de campo, 04/1997).

*" — Ninguém conhece a vida de ninguém. Ali é só ambição e fofoca; uma cuida da vida da outra. Ali quando fica duas sentada, tão falando da vida dos outros. (Diário de campo, 04/1997).*

*" — Eu não sou muito de ter amizade não, eu não me misturo muito não, não sei se você já percebeu isto. Minha amizade ali (na praça) mais é com uma mulher mais de idade. E o pior é que tem muito "zóio" grande, muita inveja, tá. Eu ganho meu dinheiro, pego, vou embora. Porque neste meio aí é muita falsidade, não tem amizade. Muita mulher falsa!".* (Diário de campo, 10/2000).

Nota-se uma grande diferença no relacionamento entre as prostitutas do espaço da praça em Londrina daquele existente entre as prostitutas de Porto Alegre analisadas por Fonseca (1996). Enquanto em Londrina as relações se orientam pela competição, em Porto Alegre as

prostitutas estabelecem uma grande rede de sociabilidade, apesar das tensões e conflitos presentes. Como afirma Fonseca (1996), "*...certos dias a Praça parecia mais uma sala de visitas.*" (1996: 17).

O mesmo observa Pasini (2000), com relação às garotas de programa da Rua Augusta. Apesar de acirrada competição nos "pontos" e entre os "pontos" isso não impede que haja sociabilidade entre as garotas, como troca de lanches, de receitas ou o compartilhamento nos retoques da maquiagem. Fatos esses por mim nunca presenciados na praça em Londrina. Poucas "mulheres de programa" mantêm algum tipo de laço de amizade com as demais, o que se observa apenas entre as mais antigas,

*"— Tenho amiga, graças a Deus! Primeiramente Deus, secundamente você (dirigindo-se a mim) e a R. (diz o nome) a minha amiga da praça, a R. A minha amiga principal!"* (Diário de campo, 10/2000).

*"— Você vê, quantos anos nós batalhamo? Eu, a J., a T. e a L. A gente deixa tudo no branco né? A amizade em primeiro lugar e respeito".* (Diário de campo, 10/2000).

Certa vez fui chamada à praça por uma das "mulheres de programa" para consolar e ajudar uma delas que havia perdido o filho de 17 anos num acidente. Ele morreu prensado entre um ônibus e uma camioneta quando pegava uma carona na traseira do ônibus. Encontrei a "mulher de programa" inconformada, chorando num banco da praça. Ela estava inconsolada com a perda do filho, mas também revoltada com a atitude tomada pelo ex-marido de quem estava separada há 10 anos, que tirou proveito da situação. Ao saber da morte do filho, este tratou de ir junto aos órgãos competentes pegar o dinheiro do seguro, sem repassar qualquer soma à mãe do rapaz, como de direito. Dizia-me ela, aos soluços: "*— Como que este canalha que nunca deu um tostão pros filho ( são em nove, com o que morreu) agora vem tirar o que é de direito? "*. Como lembra Gilberto Velho (1985) "*... a família só existe através de um código, de uma linguagem de papéis, status etc, culturalmente elaborados*" (1985: 25). O status que este homem tem

nesta família, segundo a mãe e os filhos é de abandono. O "acento" reservado para a figura masculino em suas casas, está vazio. Formam uma "família" constituída de mães e filhos. A ausência masculina fragiliza suas ações em situações sentimentais, principalmente com os filhos, e se tornam, como dizem, *"doídas por demais"*. Monteiro e Albano (1982) lembram que *"(...) a presença do homem, enquanto chefe que provê as necessidades da família, é importante quando se trata de mulheres pertencentes às camadas sociais desfavorecidas"*. (1982: 113). É o caso destas mulheres ...

### 3.4 As "Mulheres de Programa" e os Policiais.

As relações existentes entre as "mulheres de programa" da praça e os policiais obedece a um código "velado". O policial marca com sua presença uma ordem, porém não negociada como sugere Freitas (1984), ao afirmar que policial, cafetina e prostituta "trocam" informações por segurança. Na praça, existe um código de "discrição" e "ameaça" que sutilmente organiza o cotidiano das mulheres, policiais, delegado e os ambulantes. Certa vez, uma das mulheres me disse que não me concederia uma entrevista porque haviam sido ameaçadas pelo policial. Justificando-se, lembra o alerta dado pelo policial que cuida daquela área:

*"- Entrevista? Ah, não quero não. Teve aqui a televisão, aquele moço da CNT. Aquele não tinha nada pra fazer e aí resolveu vir aqui entrevistar, filmar a gente e a Praça. E aquela puta ali, tá vendo? Aquela negra sem-vergonha debaixo da árvore! Vamos cortar a cara dela! Ela falou tudo pro repórter: como era, quanto cobrava ... que dava o rabo era outro preço ... e ele filmando! Todos nós salmo correndo quando vimo ele filmando. E ela fazia pose e falava tudo. Aí o delegado pegou e disse pra nós que nós gostamo muito de dar entrevista, que nós queremos aparecer. Tá louco com a gente! (Diário de campo, 03/1996)*

Nas "conversas" informais com as "mulheres de programa", pude perceber que o agente policial, caracterizado pelo uniforme com emblemas e revólver, é visualizado sob dois ângulos aparentemente contraditórios: ao mesmo tempo que tranqüiliza, assusta. De um lado, o policial garante um

espaço seguro, longe das investidas por parte dos trombadinhas aos vendedores, aos clientes das barraquinhas, aos transeuntes que por ali passam; de outro lado, os policiais amedrontam as mulheres "barganhando" silêncio. Elas nunca sabem quando estes vão estar de bom humor para não "expulsá-las" dali. Ao interrogá-las se a presença do policial na Praça lhes garantia segurança, recebi como resposta:

*" - Ah, eles quer tirar a gente de lá, né? Então é ruim pra nós."*

*"\_ A polícia tá ali mais é pra vigiar a malandrage, né, malandrage, ladrão que fica, porque se não tiver polícia não tem chance de conversar com o cara porque os ladrão já chega, já pede um cigarro, o outro já pede um real e é aí onde ele tira a carteira pra dar um real e já passa a mão né?"*

*"\_ Ah, ele protege a gente. Ele protege a gente dos home, de ladrão, né".*

*"\_Não, eles são tudo legal. A gente também nem papo com eles tem".*

*"\_ Ah, teve uma época, aí, que eles não tavam querendo deixar nós chegar na Praça, não." (SANTOS,1997: 55)*

A postura delas para com os policiais é também diferenciada daquelas mulheres prostitutas que Ariente (1989) pesquisou no interior de São Paulo. Aquelas, mantinham um relacionamento "maleável" conversando com os policiais como antigos amigos, pois mesmo quando presas, relutavam mas acabavam cedendo, se deixavam levar à delegacia pois sabiam que lá, os policiais as conheciam muito bem. Lembra a pesquisadora:

*"...Não chegam a ser fichadas, nem sofrem maior violência por parte dos policiais. Conhecem os investigadores pelo nome e eles sabem a história de cada uma delas, suas dificuldades e problemas." (ARIENTE, 1989: 36).*

Na Praça, este grau de familiaridade não se faz presente na relação das "mulheres de programa" com os policiais. Os dois policiais que por ali

circulam todos os dias, manhã e tarde, mantêm um outro nível de "negociação". Como não existe a figura do cafetão ou cafetina na praça (como foi levantado pelos outros autores) para mediar as "barganhas", elas o fazem diretamente com os policiais. E a regra é uma só: manter "determinados comportamentos" para que não sejam expulsas do local. No cotidiano entre as "mulheres de programa" e os policiais, existe uma atitude marcante de distanciamento. Percebe-se em algumas falas um sentimento contraditório com relação a ele, ao mesmo tempo que "protege", pune e vigia:

*" \_ Ah, eu já me sinto bem conversando com ele. É uma pessoa maravilhosa pra se conversar. Qualquer coisinha que acontece, assim, a gente chama por eles. Dão toda a atenção pra gente. Eu não tenho o que dizer deles". (SANTOS, 1997: 56).*

*" \_ Não esse tipo aí. Mas o outro é até amigo da gente, conversa, tudo numa boa, tá. Mas esses aí, não. Esses aí é chato". (Diário de campo, 04/1997).*

*" \_ Eles protege é ... é ... quem tá indo fazer compra, quem tá indo trabalhar. Agora, nós ali, eles tão nem aí nada que acontece" (SANTOS, 1997: 57).*

*" \_ Protege nada. Não briga porque a gente não dá motivo. Eles já sabe que sono assim, então os motivo são bem... bem mínimo. Até saio fora, de perto. " (SANTOS, 1997: 57).*

Pasini (2000), por sua vez, afirma que no grupo das garotas de programa da Rua Augusta em São Paulo, na relação entre prostitutas e policiais, existia uma grande tensão marcada pela violência, uma vez que essas garotas de programa muitas vezes são obrigadas a dispor de uma certa quantia em dinheiro (assim como o cliente) para "molhar" a mão do policial que as impede de transitar naquele horário e espaço ameaçando-as de levá-las para delegacia. Segundo a pesquisadora, elas, as garotas de programa da Rua Augusta,

*"- (...) Também contam que quando são assaltadas em seus pontos os policiais nada fazem, alegando que a culpa é delas por*

*estarem na rua. Outras vezes, recolhem-nas à delegacia com a desculpa de que elas estão atrapalhando o trânsito da rua. (...) Em nenhum momento ouvi qualquer garota de programa se referir aos policiais como pessoas que pudessem trabalhar em seu benefício, ao contrário, policiais e garotas de programa são inimigos". (PASINI, 2000: 74-75).*

Entre as "mulheres de programa" da praça Rocha Pombo e os policiais existe uma relação que estabelece um código imposto de forma implícita que se reflete no comportamento discreto dessas mulheres, sem chamar a atenção. Uma lógica com a qual Da Matta (2000) pontua a natureza da sociedade brasileira que se organiza pelas suas experiências vividas por meio de sistemas que regem as relações e, sendo a *rua um espaço "onde não se é ninguém"*, lembra ele, fica-se então a mercê de quem esteja manipulando naquele espaço. Neste caso da praça, as "mulheres de programa" ficam subjugadas às imposições dos policiais já que *"(...) a lei é uma arma para submeter grupos e teias de relações, fazendo com que possam ser controlados legal e politicamente."* (DA MATTA, 2000: 93). Sendo assim, o lema entre eles é discrição.

### 3.5 As "Mulheres de Programa" e os Clientes

O "ritual do encontro" se inicia com a escolha da roupa para sair. Discretas e com muito pouca maquiagem, quase sempre só batom, as "mulheres de programa" da praça Rocha Pombo procuram cobrir o corpo com vestimentas de cores variadas, mas não muito chamativas, ao contrário dos cabelos que devem estar sempre impecáveis. Os cabelos grisalhos encobertos por cores vivas que vão do castanho ao preto, às vezes púrpura. Quase nunca calçam sapatos. Em seus pés vejo sempre sandálias de salto médio realçadas pelos esmaltes coloridos, mãos e pés combinados. Saem para a "batalha" cedo, algumas vão de ônibus mas muitas delas vão a pé, pois dizem que o dinheiro anda "curto". Cada qual sai da sua casa. Nunca andam em grupo, no máximo em duas, só na hora de ir embora, no final do expediente. Arrumadas quase como qualquer outra mulher que sai de casa para pagar uma conta, para fazer compras ou ainda cumprir uma jornada de

trabalho de oito horas de serviço. Pergunto como escolhem as roupas para ir à praça. Elas me respondem:

*"— Eu gosto de ir bem arrumadinha. Eu prefiro mais roupa colorida. Bem certinha, roupa combinando, tudo! Os home gosta de mulher bem arrumada ... Olho, olho ... demoro pra escolher. As veis escolho de noite, as veis no mesmo dia que eu vou sair." (Diário de campo,10/2000).*

*"— Não escolho. Acredito mais em mim do que na roupa. Visto a roupa, penteio o cabelo. Eu gosto muito é de roupa limpa. Roupa limpa, eu limpa. Cabelo limpo, bem lavado, só isso que eu gosto mais . Ficar escolhendo roupa, não tenho disso não. Eu gosto da cor branca, da cor preta. Eu tando bem ajeitadinha, tá bom". (Diário de campo,10/2000).*

*"— Das que eu tenho, eu escolho. Pode ser as mais claras ou escuras, varia. Saias normal (nem curta, nem comprida). (Diário de campo,10/2000).*

*"— Vichi! Nossa Senhora! Eu troco uma, e troco outra, e outra até que coloco uma que tava muito boa tirei e coloquei outra, ai eu coloquei o vestido. Eu não gosto de vestido. Coloquei aquele ali (aponta o vestido no guarda-roupa) porque ele é mais comprido e não me deixa muito gorda." (Diário de campo,10/2000)*

O cliente das "mulheres de programa" da praça Rocha Pombo é um personagem que transita nas passarelas estreitas da praça. Eles usam roupas simples, às vezes rotas, sujas, uns cheiram a pinga, outros têm cheiro forte de suor, alguns são tímidos, outros safados. Em sua maioria são aposentados, muitos são casados, alguns são viajantes, vigias, serventes da construção civil. Enfim, gente de salário contado, que pode pagar por um "programa" a extravagância de R\$5,00 a R\$10,00 ou R\$20,00, no máximo.

O "encontro" se inicia na praça. Os olhares se entrecruzam, depois percorrem o cenário e as mulheres que por ali se apresentam. A escolha é quase sempre de quem está chegando: o cliente. São piscadelas, remexer de sobranceiras, um pedido de cigarro para ser aceso. Elas contam como se dá a aproximação:

*" — Uma piscadinha. As vezes a gente chega, pede um cigarrinho, né, e começa assim. Mas pra ir pro quarto, pro hotel, um vai na frente e nunca vai junto. E geralmente são casados, têm medo. E é assim. As vezes uma piscadinha ajuda bastante. As vezes chega - "oi!". Tem muitos que é tímido, né, então eles nunca chega na gente: a gente tem que tomar a iniciativa e chegar e ... vai bola. (risada). Mas eu não gosto de conversa com freguês com os outros ouvindo; as outras mulheres, ouvindo, né. Então a gente vai pro cantinho, assim, sossegado, conversa e daí combina certinho o preço e vai." (SANTOS, 1997: 72).*

*"— Ele dá o sinal dizendo que vai esperar a gente ou manda a gente na frente, então a gente vai e espera e se encontra lá". (SANTOS, 1997: 72).*

*"— Eles chamam, né, perguntam o preço. Aí eu dou o preço certinho. Aí ele fala: - Aonde é que cê vai? Sempre eu falo, né, o lugar que eu vou. Aí ele fala, falo - Então você vai na frente. Ou ele na frente ou eu ... Tem uns que gosta de sai junto né, acompanhar, eu falo: - Não, vai na frente. Teus parente passam, né, vão ver; algum conhecido. Então sempre dou aquela desculpa, pra ver se eles vêm na frente ou eu vou na frente. " (Diário de campo, 04/1997).*

Piscadinha percebida, cigarro aceso, ... pronto! Lá vão eles, separados, em direção ao quarto no hotel. Quem escolhe são elas, normalmente um hotel próximo ao terminal urbano pois assim, ao terminar o último programa do dia (normalmente fazem dois a três por dia e tem dias que não fazem nenhum), ela atravessa a rua e está no terminal para ir para sua casa. Quem paga a conta é o cliente, antes de subir para o quarto. O preço do "programa" é acertado conforme as práticas, mas elas insistem em me dizer que só fazem "sexo normal" (só na frente) e existe também o "regateio" do homem que diz que não pode dar mais do que uma certa quantia. O quarto com banheiro custa, aproximadamente, R\$5,00 reais por 30 minutos. Caso o cliente não esteja carregando o preservativo, o hotel cobra R\$1,00 por embalagem com um preservativo masculino. O cliente preferencial destas "mulheres de programa" é aquele de mais idade. São eles os candidatos "número um" a figurarem como "clientes fixos". Estes homens cujos cabelos pretos são contados a dedo, são considerados mais "respeitosos", pedem menos "coisas". Os jovens não, por isso quase nunca aceitam a "corte", que raramente acontece. Estes, na fala delas, são mais "temidos", pois pedem "coisas" diferentes,

*" - Eu prefiro mais velho ... sei lá eu me sinto mais segura ... o que ele combinou ele faz. O jovem, eles pedem coisa que num ... é uma coisa que eu não faço. E os de mais idade então ... não vai perguntar se faz tal coisa, se faz aquilo, ah, porque a outra faz. Não, não fala nada". (Diário de campo, 2000).*

Nota-se um diferenciador no ritual do "encontro" dessas "mulheres de programa" da praça em Londrina e o das mulheres prostitutas da praça em Porto Alegre analisadas por Fonseca (1996). Segundo a autora, aquelas, mesmo sendo prostitutas mais velhas, debocham ou deixam esperando o cliente. Narra a pesquisadora:

*"— Diva, uma figura imponente - que, com seu collant, salto alto e mini-saia, parece uma teenager de 50 anos - abre sua roda de conversa para me incluir. Linda já o vê de longe e anuncia, "Diva - é pra ti". Olho e vejo um senhor franzino, um boné de lã xadrez mal tapando seus cabelos brancos. Ele vem chegando, devagar. Está de casacão, com mãos no bolso para se proteger contra o frio. Diva, sem parar o ritmo de seu discurso, lança um comando na direção dele: -"Espera um pouco - não viu que estou conversando? As mulheres começam a rir - impossível o homem não saber que estão gozando da cara dele, mas ele paciente, espera ... " (FONSECA,1996: 25).*

O diferenciador se coloca desde o traje com o qual aquela prostituta se apresenta na Praça, até a forma como aborda o cliente: insinuante e debochada. As "mulheres de programa" da Praça central em Londrina são, pelo contrário, discretas no modo de falar e em suas vestimentas, conforme visto em suas falas. Em nenhuma das vezes que lá estive presenciei o descaso com o cliente, mesmo com o bêbado. Nesse caso, elas vão saindo, deixando-o sozinho. Diziam para mim: *"—Vem, vem. Vem pra cá. Deixa ele aí!"*

São também diferentes das prostitutas pesquisadas por Ariento (1989). Segundo a autora, estas mulheres adquirem com o tempo na prostituição um *"(...)traquejo" que as capacita a se portar em público como uma mulher de classe média (...)*, cabelos penteados de acordo com a moda, brincos e roupas discretas, sapatos ou sandálias novas e em cores que combinem com a roupa. Maquiagem discreta, pele e aparência de descansada e limpa. Quando a mulher já é mais velha e,

conseqüentemente, tem dificuldade em arranjar clientes, elas chama para si a atenção justamente vestindo-se de maneira ousada e com um comportamento nada discreto "(...) *passa, então, a se vestir com roupas de cores mais fortes, mais curtas, a colorir o cabelo num tom acentuado para chamar a atenção e vencer a concorrência com as mais jovens ...*" (ARIENTE, 1989: 108).

As garotas de programa analisadas por Pasini (2000) também se diferenciam das "mulheres de programa" da praça em Londrina. Além de exercerem a atividade no espaço da *rua*, nos seus respectivos "pontos", há uma rede de sociabilidade que se cria e na qual se compartilha a maquiagem, lanches, risadas entre uma conversa e outra. Moças jovens, essas garotas de programa da Rua Augusta se apresentam em trajes que realçam as curvas femininas para revelar a beleza do corpo que é fundamental na conquista do cliente onde os "seios e as nádegas" avantajadas são o grande "chamariz":

*" (...) através de certas roupas: nádegas por calças justas; seios por sutiãs que os colocam à mostra, pernas por saias mais curtas, entre outras. Dessa forma, a beleza entra como um elemento importante na negociação com o cliente." (PASINI, 2000: 76).*

No entanto, essas garotas de programa também como as prostitutas analisada por Fonseca (1996), mantém uma relação de descaso com os clientes justificada pela autonomia da escolha, uma vez que são elas que escolhem e não eles. Quando estavam conversando com a pesquisadora, elas não ligavam para o carro que perto delas estacionava, fingiam não ver. "*Quando resolviam finalmente ir ao encontro do cliente seu caminhar até ele vinha calcado em uma discreta lerdeza somado a um quase desdém*" (PASINI, 2000: 79). Fenômeno que nunca vi ocorrer na Praça em Londrina, talvez porque ali, na praça, seja um lugar onde circulem realmente pessoas mais maduras ou ainda porque as mulheres, na sua aparência, são pessoas mais gordas, com mais barriga, com seios muitas vezes mais flácidos justamente porque são prostitutas de meia idade.

Como visto nos trabalhos de Gaspar (1985), Moraes(1995), Fonseca (1996) e Pasini (2000) aqui, no grupo da Praça, também existe um critério de classificação com os quais identificam as vantagens e desvantagens do atendimento ao cliente. Selecionando sua clientela, vão traçando "tipos ideais": os idosos são os preferidos, quase sempre compreensivos, cheirosos, sem mau hálito, "sem doenças", sem muitas exigências e, principalmente, "rapidinho", apesar de dar mais trabalho na cama pois reluta em usar preservativo. (SANTOS, 1997: 72).

Laura Adler (1991), em seu livro *"Os Bordéis Franceses"*, mostrou, ao analisar o mercado do sexo nas ruas e bordéis, o jogo da sedução nas pequenas e grandes cidades francesas no século XIX, no período de 1830 a 1930, que os clientes mais velhos (idosos) eram os menos exigentes também, porém os menos apreciados pelas prostitutas de então, contrastando com o grupo de "mulheres de programa" da Praça, que dão preferência a estes clientes. Elas assim o caracterizam:

*"— O cliente velho é mais compreensivo e, outra, ele não dá trabalho no quarto. Ele não fica embaçando. Embaçar é aquele home que , que ... o novo ... aí, ele fica ... e fica... quer que cê vira de quatro, é de lado, é de bruço. Sabe como é?" (Diário de campo, 04/1997).*

*" — Só que eu gosto mais do pessoal velho, pessoal de idade. Porque os novo é muito ... ruim ficar no quarto com eles ... Ah, sei lá! eles aproveita muito da gente, pessoas novas ... Agora os velho não". (SANTOS,1997: 68).*

*" — Eu tenho dois ou três que sempre me ajuda bem. Por isso que eu posso alugar uma casa, que meu aluguel, meu rango, tá garantido. Óh, ajudam compram as coisa. Esse véinho mesmo me ajuda, compra as coisa pras minhas filhas (que são quatro). Então tem sempre aquela pessoa que ajuda. (Diário de campo, 04/1997).*

As mulheres da praça vêem no homem mais velho uma possibilidade de segurança financeira (para as que já contam com ele) mesclada com um sentimento de amizade. São os preferidos porque são "respeitosos" e não "dão trabalho", eles representam a segurança física, isto é, são parceiros únicos de suas esposas o que as possibilita acreditar que

não passam "doenças". Como elas mesmas dizem: "*O véinho não tem nada não ...*". Algumas me falam da relação com o "cliente fixo":

*"- Lembra que te falei daquele carequinha de óculos? Então, já tô com ele faz um ano. Ele vai sempre lá na praça. Mais fazer sexo com ele não é muito bom não! Ele não é muito carinhoso! Mas ele é bem arrumadinho, legal, me ajuda num dinheirinho até bom pra mim! (Diário de campo, 2000).*

*"-Ele é um home meio alto, magro ... bonito não é, mas ele é bem bom prá mim. Ele me ajudou muito! Me ajuda com dinheirinho em compra, Ele é carinhoso comigo também mas não quero graça com ele! não. Ele voltou pra mulher dele. Largou de mim foi pra mulher dele! Pergunto-lhe se ela tem esperança de encontrar um marido ali na praça: "- Ele não, mas outro sim! (Diário de campo, 10/ 2000).*

Parece-me que essas mulheres da praça buscam nestes "clientes fixos" muito mais do que, simplesmente, uma ajuda financeira. Acredito que estão à procura de um parceiro, um marido.

Nutrem um sentimento quase próximo daquele das prostitutas da Vila Mimosa analisadas por Moraes (1995) que consideravam este cliente como o mais "fixo", aquele que lhes garantia um ganho regular, eram "amigos", "confidentes" e "sadios". Podem ser considerados quase "amantes", como confidenciado por elas mesmas:

*"São pessoas que se tornam assim, amantes da gente. Eu tenho clientes de nove, oito anos aqui. Assim, toda a semana, com a mesma pessoa, passa a ser teu amante, e bons amantes, porque não lava, não passa, não dá trabalho". (MORAES, 1995: 137).*

No entanto, as mulheres prostitutas analisadas por Fonseca (1996) possuem uma visão completamente diferente deste cliente "mais velho". Segundo a autora, as mulheres prostitutas da praça central em Porto Alegre (e a grande maioria delas tem um "marido"), procuram arranjar um "velho", "um "otário" que merece ser explorado e enganado", segundo elas mesmas,

pois estes são sinônimo de segurança, presentes e uma tranqüilidade na velhice:

*" (...) Maria se queixou de que não ganhava de seu velho a metade dos presentes que sua amiga ganhava, esta prontamente achou a explicação:" - Mas o teu sabe que tu tens marido". (FONSECA, 1996: 24).*

Para as "mulheres de programa" da praça em Londrina, o cliente velho também pode vir a assumir um papel de "amante" fixo. Aquele que ajuda a pagar as contas, faz "mimos" de consumo além de ser confiável porque é parceiro de uma só mulher, sua esposa:

*"— A gente começa a sair muito com moleque, quando é amanhã, vou tá com corrimento e não sabe de quem você pegou, né? Você pega uma gonorréia, você não sabe de quem pegou né? ... Com os velhos isso não tem. Eles se cuida mais. Todos são casados. Todos tem sua mulher em casa ..." (Diário de campo, 07/1996).*

É suposto, como mostrarei no capítulo reservado à intimidade das mulheres, que vislumbrem nesta relação um possível pacto de reciprocidade semelhante a relação afetiva do matrimônio na qual estão subentendidas entre os pares uma ajuda mútua para equilibrar as despesas.

### 3.6 Com o cliente: quais são as regras?

Nas entrevistas realizadas com as cinco "mulheres de programa", ficou claro que estas não aceitam práticas que não sejam aceitas pelos padrões da "normalidade". O "normal" foi por elas definido como sendo o sexo "papai e mamãe", fora isto é perversão ou pela grande necessidade do dinheiro. Quando perguntava se faziam tudo o que os clientes lhes pedem, elas me respondiam:

*"— Ah, sexo normal minha filha! Só normal ...Normal é só vaginal, mais nada!." (Diário de campo, 10/2000).*

*"— Não , só normal. Só a frente, só por frente só. O home que fala em ir completo eu não gosto. Completo é chupetinha, dá a traseira e a frente. Eu não gosto." (Diário de campo, 10/2000).*

*"— Claro que não. De jeito nenhum! Faço a minha vontade, eu não vou fazer só o que ele quer só porque ele tá pagando! Até tens uns que fala: - Eu tô pagando! Eu falo: - Você tá pagando mais quem manda em mim é eu! Fazer o que!!! Não, nunca o cara vai fazer o que ele quer. - Faz até a hora que eu quero, falei. Vichi! Não é pra mexer no que é meu!" (Diário de campo, 10/2000).*

*"— Ó louco! Certas coisa não! Ah, não. O negócio (cochicho) de dá ali atrás eu não aceito. Só normal. Mas tem home Liani, que a gente pede as coisa e eles fala assim: - que não quer normal, que "papai e mamãe" eles têm em casa, sabe? Eles quer mulher que faz de tudo sabe, eu não faço! Eu tenho meus filho pra cuidá tudo, não posso fazer essas coisa!" (Diário de campo, 10/2000).*

*"— Tem mulher na praça lá que faz qualquer coisa por \$5 real. Eu não faço. Prefiro ficar com fome que fazer uma coisas dessas. De jeito nenhum! Tem mulher que faz e faz sem camisinha!" (Diário de campo, 10/2000).*

Acredito que estes valores que normatizam suas práticas refletem uma educação religiosa na qual o sexo dito "normal" tinha como objetivo a procriação. Trocar de roupa na frente dos outros ou falar sobre sexualidade não fez parte de sua educação. Uma delas relembra:

*"— Ah, esse negócio de nascer criança, essas coisa, minha mãe nunca explicou isso pra nós. Só a última vez que desceu a menstruação pra mim que minha mãe explicou pra mim que jeito que era. Mas negócio de bebê assim, nunca falou isso pra nós. Eu subi isso aí depois que casei ..." (Diário de campo, 10/2000).*

*"— Menstruação? A mãe não falava não. As outra menina falava isso com a gente, que existia isso. Eu, quando fiquei, eu fiquei no meu serviço quando eu vim pra Londrina (com doze anos). Diário de campo, 10/2000).*

E o beijo? Quando questionadas sobre beijar, se beijavam o cliente de língua, me diziam: *"— a gente tem medo de enfiar a língua dentro da boca ... beijar, chupar, é coisa muito íntima, né?* Mas ao indagá-las sobre beijar o clientes me respondiam contraditoriamente:

*"— Beijar? Só se ele tiver uma boca muito bonita e sem mau hálito ... Mas se for aqueles que funga no cangote, com aquele hálito ruim! (faz que não com o dedo). (Diário de campo, 10/2000).*

*"— Ai, eu nunca beijo! eu não gosto de beijar ... Geralmente sou uma estátua!" (Diário de campo, 10/2000).*

*"— Pra falar a verdade, eu tenho um freguês que ele beija na minha boca e eu beijo ele. Só um. Eu sinto que ele não anda com home, porque tem home que anda com home, eu sinto que ele não anda. Ele não chupa vagina, ele não faz sexo assim, eu tenho certeza que ele não faz, sabe. Como se ele fosse marido meu! Eu sinto uma confiança nele. Mais eu não sei, só esse um também. Ele tem assim os dentes bem limpinho, você vê que não é encardido, não é podre. Você vê que ele é higiênico né! Então, você pega um pouquinho de confiança!" (Diário de campo, 10/2000).*

Se deixar "tocar", permitir certas carícias, dizem elas, só se o cliente for freqüentador antigo e preencher as qualidades que elas listam como ideais. Essas "mulheres de programa", quando permitem algumas práticas, estão, na verdade, cedendo em nome do desejo de ter um parceiro, o que vislumbram como uma possibilidade entre os homens que as "usam". Elas, no íntimo, acreditam que sua atividade envolve, por vezes, mais que a negociação de "uma mercadoria". Nesses casos permitem ser "possuídas", sem ser "pervertidas". Goffman (1975) explicaria esta conduta no plano da moral, pois, "(...) o estigmatizado pode escolher e elaborar retrospectivamente as experiências que lhe permitem explicar a origem das crenças e práticas que ele agora adota em relação a seus iguais e aos normais" (1975: 48). Como mostra Goffman, as mulheres se valem da ambivalência da vinculação do cliente com a sua categoria estigmatizada. Elas experienciam o que Goffman (1975) chamou de "ciclos de incorporação" no qual aceitam ou rejeitam as oportunidades de participação intergrupar, elas e o cliente.

Nota-se, em suas práticas, que essas mulheres, quando alguns clientes manifestam uma atitude carinhosa e de respeito, reagem positivamente buscando, nessas relações, o prazer. Quando indagadas a

respeito me confidenciavam:

*"— Bom, eu, sabe como eu sinto prazer? Depende do homem. Porque tem homem que ele é carinhoso, tem homem que ele não é grosso, se vê que ele tá pagando. Não tá pagando com dó. Tipo assim, ele tá te ajudando, entendeu? Isso aí influi muito. Quer conhecer a família da gente, pelo menos de conversa, pergunta o que a gente já viveu. Ah, ó, tem vez que eu acabo ficando mais de uma hora no quarto com um home. Depende dele. E aí acaba dando prazer né! Por que daí faz carinho, por exemplo: eu que tenho essas banha aqui (aponta para barriga), gordurinha. Tem homem que finge que não tá nem vendo. Pra ele é saí com uma moça de 15 anos! E a gente se sente bem né... então fica bom!" (Diário de campo, 10/2000).*

*"— O prazer é ali na hora, cabou, cabou. A hora do sexo ali, é divertido. Alguma coisa que a gente gosta né! ... Ah, há sempre uma coisinha que a gente gosta. As vez pode ser um toque, mas é difícil acontecer isso". (Diário de campo, 10/2000).*

*"— Alguns eu sinto, alguns não. Porque tem uns que são carinhoso, outros já não é. O homem faz carinho pra você, não maltrata você no quarto, não obriga você a fazer as coisa que não queira no quarto. Homem carinhoso eu sinto felicidade". (Diário de campo, 10/2000).*

Ariente (1989) afirma que essa relação sexo/prazer também estava presente entre as prostitutas com as quais trabalhou, mas de um modo diferenciado das "mulheres de programa" da praça em Londrina, embora como coloca a autora *"as mulheres sempre desejam , para o futuro (...) uma companhia que as entenda"* (1989: 140). Segundo Ariente (1989) essas prostitutas do interior de São Paulo sentiam prazer com um eventual cliente que voltasse mais de uma vez na semana, mas elas percebiam que este só estava preocupado com a sua própria libido e elas, como profissionais, esmeravam-se em suas práticas para que ele retornasse sempre, tornando-se freqüentador assíduo, garantindo assim o dinheiro do seu sustento. Conflitos no campo do sentimento acontecem mas, em geral, segundo elas, os clientes vêm em busca de uma mulher diferente, que não reclame e só dê afeto. Ariente (1989) mostra bem isso por meio da fala de uma das entrevistadas:

*"— Os homens vêm porque não se relacionam bem sexualmente com as mulheres ou porque estão se separando. Com alguns clientes dou carinho e afeto. Tenho nojo de outros e não falo nada". (ARIENTE, 1989: 139).*

O traço da diferença entre estes dois grupos de mulheres prostitutas, o da praça em Londrina e o do interior de São Paulo, fica por conta das regras estabelecidas como permitidas. Este é o grande diferenciador. Enquanto as prostitutas analisadas por Ariento executam qualquer prática desde que paga, as "mulheres de programa" da praça em Londrina "dizem" fazer só o que entendem como sendo "normal".

Já as garotas de programa analisadas por Pasini (2000) se referem aos clientes como homens infiéis, desajustados e "sem rumo". Ser uma boa prostituta, segundo elas, é não nutrir espécie alguma de sentimentos em relação aos clientes. Se isto acontecesse seria desrespeitar a regra do "ponto". Ser **"profissional é não gozar, não dormir, usar preservativo e cobrar**. A relação que estabelecem com os clientes é de caráter utilitário: *"— Tirar alguma coisa deles, ou seja, dinheiro"* (2000: 83).

Entre as prostitutas da Vila Mimosa, que se julgam "profissionais do sexo" ou "trabalhadoras do sexo", flagra-se uma postura *moral* que organiza as práticas muito próxima das "mulheres de programa" da praça em Londrina. Apesar de saberem que os clientes as procuram porque buscam algo que não têm em casa, isto é, práticas sexuais diferentes, elas repetem o discurso das "mulheres de programa" de Londrina:

*"— Mas eu só gosto de trabalhar o sexo papai e mamãe. Mas as vezes né, tem dias que não dá ... Bem, vez ou outra tem que fazer coisinha diferente."* (MORAES, 1995: 168).

*"— Eu só faço sexo normal. Mas dependendo, se o cliente paga direitinho, se é legal, bem ... Ai eu faço outras coisas... Depende, algumas, né."* (MORAES, 1995: 168).

No entanto, observa-se, na fala das "mulheres de programa" da praça de Londrina, que existe uma preocupação em agradar o cliente e não

somente ganhar dinheiro. Certas práticas ou determinados "toques" podem favorecer o seu retorno:

*"— Ah, em todas né, desde que não me machuque! (risada) Não machucando! Me doendo, me prejudicando, tudo bem. Ele tá ali me tocando, vai dá mais prazer pra ele, pra mim ... o mais importante é ele ... É raro eu deixar homem chupar meu seio. Quando o cara é assim desconhecido, tipo que eu não conheço, eu não sei o que tem, eu falo assim: - Aí não, eu falo que eu tenho problema assim no bico do seio, não pode nem encostar que dói! Aí ele fala assim: - Aí, dói muito? Eu falo: - Dói. Ele fala: - Ah, mais é devagarinho ... Eu falo assim: - Ah, então tá, mas só passar a língua, sem dente ..."* (Diário de campo, 10/2000).

Já na Vila Mimosa, a categoria de mulheres ditas "especialistas" se define pelo fato de fazerem o chamado "sexo diferente". É isto que as definem como profissionais:

*"— Dependendo do programa a gente cobra bem, dependendo do cliente também. Programa atrás, na frente de outro jeito, tudo é mais caro, sabe? Já faço muito esse tipo de programa (...)"* (MORAES, 1995: 168-169).

*"— Tem que saber segurar o freguês, trabalhar bem, fingir bem, satisfazer sem se envolver, ensinar ... Eu ensino um monte de coisas (risos) ... Ah, ensino ... E o freguês sai satisfeito."* (MORAES, 1995: 177).

Verifiquei que com algumas "mulheres de programa" da Praça Rocha Pombo este comportamento também acontecia, mas nem por isso elas se julgavam "profissionais" ou "especialistas". O que deixam sempre claro é o desagrado em ter que fazer "certas coisas",

*"— Ah, depende! Só que eu não gosto não, sabe. Depende do homem. Se paga mais um pouco, se usa camisinha eu faço"*. (Diário de campo, 10/2000).

*"— É ele quem diz o que vai querer. Eu nunca beijo, não gosto de beijar, mas depende do que foi combinado."* (Diário de campo, 1997).

*"— Acontece de aparecer um homem e combinar uma coisa com a gente na praça e, quando chega no quarto, quer fazer a gente ... entendeu? Fazer outras coisa à força. Já aconteceu isso comigo duas veis, já."* (Diário de campo, 1997).

*"— Sempre chega no quarto quer coisa diferente, né ... é tratado*

***"normal", né, chega no quarto ele quer outra coisa ... Tem que pagar mais! E daí também só vai se pagar adiantado. Vaginal é \$20, se quiser anal ou outra coisa né, daí a gente cobra mais caro!" (Diário de campo, 1997).***

A prática sexual, meio pelo qual garantem o sustento da casa, segundo a maioria delas, é encarada como "trabalho", mesmo que para algumas, às vezes, possa ser até gostoso. Mas o sexo prazeroso só ocorre quando o relacionamento envolve relação afetiva,

***"— Eu gosto assim, eu acho que o sexo é legal, gostoso pra você fazer com uma pessoa que você gosta. Fazê isso que a gente faz, eu sempre falei pra você, né, não é legal. Não é legal! A gente faz por dinheiro. A gente vai lá e Ahhh ... faz o que tem que fazer. A gente tá tentando no dinheiro, mas eu acho que o sexo foi feito pra fazer por amor. Acho uma delícia! Pra você fazer ali com uma pessoa que você gosta! Você beijar, abraçar ... Mas no nosso caso né M ... Sexo pra mim tá em primeiro lugar, na verdade, é outra coisa. Faz assim com a pessoa que você se sente bem. Eu já fiz com homem de programa mesmo, eu já fiz sexo que só me deu prazer, foi bom. Mas eu acho mesmo que o gostoso mesmo, é a gente fazer com a pessoa que a gente gosta mesmo!" (Diário de campo, 10/2000).***

Percebe-se uma contradição no jogo de afetos nas suas falas: ao mesmo tempo que o que define a profissão é a ausência de relação mais íntima e prazerosa com o cliente, estas mulheres vêem alguns de seus clientes como potencial para a construção de uma relação afetiva. Nestes casos, as regras da atividade mudam. Fica clara a ambigüidade das fronteiras entre o campo profissional e o campo afetivo. Elas estão mescladas.

Quando indagadas sobre a possibilidade de variar as posições sexuais ou adotar novas técnicas de fazer sexo para agradar o cliente, elas justificam dizendo que não fazem porque sentem dores: só podem "fazer" nesta ou naquela posição. Algumas imediatamente classificam como as mulheres "pervertidas" ou "avançadinhas" aquelas que praticam posições diferentes.

***"— Se eu ficar de quatro eu tenho dor no útero. Nem todas as posições eu posso né! Então eu falo duas posições: - eu fico de frente ...***

*e de ladinho, né, que não dói tanto. Ai tudo bem.*" (SANTOS,1997: 74).

*"— Eu sou assim uma pessoa, assim, sei lá ... Eu faço a vida que faço, mas eu sou bem careta, daquelas pessoas bem antiga mesmo."* (Diário de campo, 1997).

*"— Eu não sei, né, até como eu ganho dinheiro, porque o meu negócio é só "papai e mamãe", mas ..."* (Diário de campo, 1997).

O toque em certas partes do corpo é interdito aos clientes de modo geral. Esta é a forma pela qual as prostitutas constroem simbolicamente as relações sociais através do corpo, isto é, do sexo ((Pasini (2000), Moraes, (1995) e Ariento, (1989)). Entre as regras utilizadas, destacam-se a proibição de toques nos seios, beijo de língua, sexo anal ou oral, sexo sem camisinha. Como interpretado por Moraes (1995),

*"(...) muitas mulheres entendem a negociação das práticas sexuais no exercício da prostituição a partir desta lógica que separa amor e sexo (...) é uma maneira de não perder o controle das situações que irão vivenciar tanto com os clientes quanto com os seus companheiros, maridos e amantes (...) ou seja, "lugar de gozar é em casa, lugar de fingir é na zona" (1995: 170-71).*

Pasini (2000) demonstra que as garotas de programa da Rua Augusta também impõem limites para demarcar distinções entre o campo afetivo e o profissional, ressaltando a fala de uma das garotas: *"— Vou guardar o meu cuzinho para depois do casamento"* (2000: 98). As garotas lésbicas também confirmam esta separação: *"— Fazer sexo com homem por dinheiro e com mulher por amor"*. (op. cit. 105).

As práticas diferenciadas reservam-se para seus "homens" ou par romântico. A mesma rigidez nessa separação não se observa entre as "mulheres de programa" da praça. Para estas, o envolvimento afetivo apresenta-se como uma possibilidade a realizar-se com "clientes preferenciais". Por isso a estes "dão liberdades". E, como eles, buscam o próprio prazer sexual. Cinco das entrevistadas confirmam a existência do toque em certas partes consideradas "íntimas", no decorrer das suas práticas profissionais, demonstrando, assim, uma ambigüidade na relação

com certos clientes. Quando perguntei qual parte do corpo deixavam tocar, responderam:

*"— Ah, o seio. Minha vagina também, só mais nada (risada)"*  
 Pergunto porque estas e não outras (partes do corpo), ela me diz: *"— Porque é uma coisa que a pessoa, uma coisa assim, que a gente gosta, as outras coisa não deixo não. Quando o homem mexe com outras coisa eu já não quero."* (Diário de campo, 10/2000).

*"— Ah, em todas né, desde que não me machuque! (risada)*  
*Não machucando!"* (Diário de campo, 10/2000).

*"— Todas. Deixo. Desde que não esteja me machucando, me doendo, me prejudicando, tudo bem. Ele tá ali me tocando, não tá me machucando, não tá doendo, vai dá mais prazer pra ele, pra mim ... o mais importante é ele ... "* (Diário de campo, 10/2000).

*"— Tocar, pode tocar, se eu tivesse peito pequenininho não deixava tocar, né Liane! (risada)." (Diário de campo, 10/2000).*

*"— Deixo beija inteirai Tudo bem, não colocando a mão em mim ... não amassando minhas teta, já tá tudo amassada vai acaba com o resto. Não deixo enfia a mão lá dentro, tem uns que é folgado né! Pra que por a mão lá?" (Dado de campo, 10/2000).*

Percebe-se em suas falas que, com certos clientes, a sensação que o toque lhes proporciona é agradável, sentem prazer. São elas que dominam, portanto, a relação, embora "vendam" o corpo. **Eles fazem o que elas permitem e gostam.** Neste universo pesquisado, as práticas sexuais são, portanto, flexíveis e negociadas, ao contrário do que afirma Bourdieu (1999) ao sugerir que nas práticas corporais o princípio ativo dominante é o masculino<sup>33</sup>.

Portanto, estas "mulheres de programa" que ocupam um espaço público na cidade de Londrina, estabelecem uma relação de ambigüidade com a atividade de prostituição. Como argumenta Gilberto Velho (1985),

---

<sup>33</sup> Bourdieu coloca que a relação sexual é uma relação social de dominação, construída na divisão fundamental entre o masculino, o ativo, e o feminino, passivo. Este princípio cria, organiza e dirige o desejo - o desejo masculino de posse, como dominação erotizada; - o desejo feminino como desejo de dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, como reconhecimento erotizado da dominação. (BOURDIEU, 1999:33).

elas escondem a atividade prostitucional através do símbolo de prestígio da mulher/dona de casa, no entanto, numa atitude independente e muitas vezes prazerosa, desempenham a atividade estigmatizada que as coloca na condição permanente de prostitutas.

### 3.7 As Dimensões Simbólicas do Desejo e do Prazer

Desejo e prazer estão presentes numa relação de prestação de serviços (prazer/dinheiro) como o das "mulheres de programa" da praça. Em suas falas elas deixam claro que sentem prazer sexual, que com alguns clientes permitem que certas partes do corpo sejam tocadas (o que é tido como proibidas para outras prostitutas). Um dado interessante é o fato de algumas delas "transarem" quando menstruadas. A atividade do "programa" não é interrompida, pois segundo elas, *"o cliente nem nota"*:

**"— *Ultimamente eu transo menstruada!***  
 Eu pergunto: Sente nojo? É pior? Ela responde  
**"— *É pior porque a gente não fica tranqüila!*"**. (Diário de campo, 10/2000).

**" — *Vou, vou. Conforme a precisão da gente tem que ir né Liane! ... Com camisinha feminina! Eu pego a toalha e abafó a minha e a dele, ele não vê não , sabe. Pego umas ponta de cá, outra de lá e abafó tudo!*"**

Eu pergunto se ela não vê diferença em transar menstruada, ela responde

**"— *Ai, fica ruim né ... fica ruim demais ... as vezes eu sou obrigada ... mais é muita melequeira demais menina! As vezes eu não to muito boa ... com dor de cabeça vim pra cá...*"** (Diário de campo, 10/2000).

Outras se negam, neste período, à prática sexual:

**"— *Eu não transo menstruada, nunca. Nem com meu marido ... já tive três maridos e com nenhum transei menstruada!*"** (Diário de campo, 10/2000).

**"— *Eu não saio menstruada. Não saio de jeito nenhum! Ah, eu não gosto é muita sujeira! Não saio nem lá (Praça) nem quando eu tinha meu marido, não saio de jeito nenhum!*"** (Diário de campo, 10/2000).

clientes as mulheres me confidenciaram:

*"— Ah, eu sei. Eu sei porque eu fico Molhadinha é quando a gente tá com tesão, tá morrendo de tesão ... se começa a conversar meio sozinha com um home assim ... depende do assunto. Vai que o assunto tá bom ..."* (Diário de campo, 10/2000).

*"— Eliana, se eu tive com um homem assim , eu já tô sentindo alguma coisa por ele assim sabe, já tô atrasada assim faz dias (atrasada em gozar) que eu não consegui nada né, só de eu tá ali conversando aquilo eu já fico molhada!"*. (Diário de campo, 10/2000).

*"— Já aconteceu de eu sai com um cliente assim e a minha boca encher de água. Tem umas pessoas que diz que tem uma trava no meio das pernas, outras que dá um nó na garganta. Eu começo a encher a boca d'água..."* (Diário de campo, 10/2000).

*"— Já aconteceu comigo de eu sai com um homem assim e o cara ali e eu aqui sentindo e aí ... aquilo ficando gostoso e ele tá fazendo tão gostoso!... de repente começa a sentir ... daí você goza! ... de repente eu olho na cara do cara assim ... Meu Deus! Que ódio! ... Com um home tranqueira, feio ... dente estragado assim né, Um cara velho! ... Dá até nervoso! Mas na hora da vibração não. Na hora da vibração é bom!"*. (Diário de campo, 10/2000).

*"— Alguns eu tenho prazer! Eu sinto uma coisa boa!"* (Diário de campo, 10/2000).

Ficar "molhadinha" é um processo biológico, elas não se utilizam dos artifícios como gel ou saliva como o fazem as garotas de programa da Rua Augusta analisadas por Pasini para que isso ocorra:

*Diz Valeska: "— Fico seca com os clientes, mas preciso agradá-los para eles retornarem" Pasini completa dizendo: os clientes não gostam de perceber que elas estão secas (...) usam produtos especiais ou a própria saliva, escondido dele, para ficarem mais molhadas."* (PASINI, 2000: 141)

Diferente também das mulheres prostitutas da Vila Mimosa que isolam o sexo das dimensões individuais uma vez que este é visto pela dinâmica utilitária do negócio: *" Eu venho aqui só pra ganhar dinheiro (...)"* (MORAES, 1995: 172).

Diferente portanto das práticas das "mulheres de programa" da praça que não deixam claras as fronteiras que separam o campo afetivo do profissional. Elas estão sempre no limiar da relação, uma vez que se deixam envolver pelo momento do desejo.

Busquei também entender o imaginário das "mulheres de programa" da praça sobre a vagina. Indago a forma como elas percebem a dualidade de um órgão receptor de vida mas, que pode ser também da morte caracterizada pela AIDS. Admiradas, me respondem:

*"— Pra tudo. Pra ter relação ... que mais. Acho que é isso. Pra fazer xixi, sexo ter filho" (Diário de campo, 10/2000).*

*"— Pra mim a vagina é importante. Pra começa, eu trabalho com a vagina né. Então pra mim é importante. É por onde a gente tem filho, menstrua." (Diário de campo, 10/2000).*

*"— A vagina pra mim é muito importante. porque minha filha, foi Deus que me deu! Eu tenho que cuidá bem dela! Oh, porque ela é tão importante: eu tive seis filhos! Eu não transo de dieta, não transo menstruada, nem que tivé acabado, eu vou! Não vou não, de jeito nenhum!". (Diário de campo, 10/2000).*

*"— A vagina é tão importante quanto o olho, o nariz e a boca, não é? Tão importante quanto qualquer um no corpo " (Diário de campo, 10/2000).*

*"— Ah, eu acho que a gente tem que se cuidá. A vagina não tem culpa de tá ali, a gente é que abre ela (risada), é a gente que tem que se cuidá, o cuidado é nosso!" (Diário de campo, 10/2000).*

Nota-se que, a percepção deste órgão, em nenhum momento, recebe uma conotação negativa. Nas falas delas não se encontram indícios que liguem o órgão como uma via de acesso para a doença que lhes impossibilitará viver. Todas afirmam ser este o canal essencialmente da vida e todas são mães. Todas tiveram filhos por parto natural, então, esta é uma imagem presente e marcante para a construção do imaginário deste órgão.

## Capítulo 4

### Sexo Seguro?

*"– Eu acho que a gente que faz programa está mais exposta, com certeza! Tem que se cuidá. Conheço muita gente Liane, que está com o vírus da AIDS, que as vezes conta pra gente e sai mesmo e pronto." (Diário de campo, 10/2000).*

#### 4.1 O preservativo e a prevenção. Como funciona?

A prevenção de doenças e o cuidado com o corpo foram os principais motivos que me aproximaram, através da ONG, das "mulheres de programa" da Praça Rocha Pombo em Londrina. No entanto, a falta de experiência me impossibilitou a percepção para o item mais importante: queriam elas se prevenir? Prevenir do quê e para quê? Ao ler um texto de Jaqueline Ferreira (1998), sobre como se estabelecia os cuidados com o corpo numa população muito pobre e com significativo grau de analfabetismo em um bairro de Porto Alegre, pude compreender melhor as falas das "mulheres de programa" da Praça Rocha Pombo. Certa vez perguntei a uma delas como fazia para se cuidar e não engravidar. Perguntei se ela usava camisinha. Ela prontamente respondeu:

*"— Não, não uso. Nunca peguei uma doença. Nem gonorréia, graças a Deus! Eu, nessa parte, me cuido muito bem! Eu tenho meus remédio ... Só que nunca tomei injeção pra isso. Eu uso muito remédio caseiro. É ... você conhece o melão São Caetano? Não? Então, uma hora que eu vim de casa, passar no mato, ver lá, vou trazer uma frutinha pra você ver. É um melãozinho, tamaninho assim ... você pega a raiz dele corta e ferve, depois pega a ducha ... e toma meio copo assim com sal. Seis meis tá livre de qualquer coisa, de qualquer tipo de doença. Até*

*sífilis ele sara! ". (Diário de campo, 1996).*

Esta fala, como tantas outras registradas ao longo do trabalho na ONG, permitiram-me perceber que as práticas corporais são um reflexo da experiência social. A maioria das "mulheres de programa" pesquisadas têm origem rural. É nesse universo, na cultura popular, que fundamentam suas práticas cotidianas, inclusive corporais. Qualquer fato, novidade ou doença que surja, como a AIDS por exemplo, é encarado e enfrentado a partir de percepções e métodos pré-existentes. Falar sobre sexualidade, como já visto, não fazia parte da formação ou do cotidiano dessas mulheres. Segundo dados cadastrais produzidos pelo Projeto Previna na ALIA, o uso da pílula para não engravidar era um procedimento conhecido entre elas. Quando surgiu a "camisinha", algumas começaram a adotá-la para não engravidar. Algumas diziam tomar chá próprio para "*não pegar filho*", como registrado nesta fala acima. Outras submeteram-se à laqueadura (exigida pelo médico ou pelo marido), uma vez que não conheciam o método da "tabelinha".

*"- Você vai operar tua mulher agora para não ter mais filho ou ela vai morrer ... (falava o médico). Então meu marido disse: - Que seja então! O médico falou que ou eu ia engordar ou ficar gelada ... por isso eu engordei desse jeito, eu era magra ..." (Diário de campo, 1996).*

*- Você nunca engravidou? pergunto. - Eu ... eu tomava comprimido, não usava camisinha". (Diário de campo, 1997).*

As novas informações transmitidas nas reuniões da ALIA por meio das dinâmicas de grupo, jogral ou exposição oral eram apreendidas, porém não incorporadas à prática cotidiana.

As precauções para impedir a gravidez eram tomadas junto ao marido (quando eram casadas) ou amasiado (quantas vivem esta situação?) Como a maioria delas vive sozinha, tendo sexo basicamente como atividade profissional, o uso do preservativo fica restrito à prática sexual no "programa" para evitar a gravidez, embora o discurso seja o da prevenção de doenças. Acredito que este comportamento (do discurso preventivo para

doenças) passou a fazer parte do universo destas mulheres devido ao que eu e Jeanne lhes ensinávamos, que era justamente prevenção de doenças através de práticas mais seguras de sexo, conforme normas do Ministério da Saúde. Com os conhecimentos novos por elas adquiridos em nossas reuniões mensais e talvez como uma forma de "mostrar" que haviam aprendido os conteúdos repassados, elas abandonam o discurso da gravidez que foi substituído pelo da prevenção. Uma prevenção aleatória e elitista, como foi mostrado anteriormente. Sabe-se, pela suas falas, que o uso do preservativo "esbarra" em muitas possibilidades. Ou porque o cliente é de idade, então não quer usar. Ou porque o cliente diz que não consegue ter ereção ou dizem que não têm doenças e elas, por sua vez, também escolhem com quem usar. Afinal, o preservativo sela uma barreira na possibilidade de uma relação de intimidade entre o "casal".

Entre as prostitutas da Vila Mimosa, Moraes (1995) pôde perceber que o uso do preservativo era considerado como necessário, porém nem sempre utilizado já que restringiria significativamente o número de clientes. A "camisinha", na visão dessas prostitutas, é considerada um elemento de "segurança de trabalho". Porém, o preservativo masculino é dispensado por algumas delas caso o cliente seja "conhecido ou antigo",

*"— Exijo mesmo é a camisinha. Mas têm aqueles né, que são antigos, que só ficam comigo, que então eu sei, sei que não gostam de variar ... Aí vai né, aí vai sem mesmo..." (MORAES, 1995:181).*

Entre as garotas de programa da Rua Augusta o uso do preservativo masculino em suas práticas homossexual e heterossexual tem o mesmo sentido: trata-se de uma prática de distinção entre o campo afetivo e o trabalho profissional. Elas adotam o preservativo com os clientes, porque com estes o sexo se associa ao sentimento de nojo, ao perigo de contrair doenças e ao medo do desconhecido. Mas quando estão com os seus "casos" ou parceiros fixos relaxam na prevenção. A justificativa adotada fica por conta do afeto e da presumida fidelidade. A esse respeito

Pasini (2000) afirma:

*"— (...) o ideal de uma relação para minhas informantes está calcada na fidelidade e no cuidado da sua prole. Essas garotas, como já foi visto, mantêm relações fiéis e monogâmicas com suas parceiras, sendo esse o único relacionamento no qual não usam preservativos. Uma informante heterossexual, ao falar sobre por que não usa preservativo masculino com o companheiro, comenta que este poderia pensar que ela tem outro homem na rua, que não os clientes. Em relação aos casais lésbicos, elas afirmam que não fazem programas com outras mulheres justamente para não traírem suas "esposas".(...) Ao mesmo tempo, todas as garotas pesquisadas falam da obrigatoriedade do uso de preservativos ao realizarem o programa"(...) (PASINI, 2000: 133).*

Entre as prostitutas analisadas por Fonseca (1996) pode-se perceber que o uso do preservativo está restrito ao cliente uma vez que a maioria delas é casada e com seus maridos não precisam adotar esta prática. Fazer uso do preservativo com o marido seria despertá-lo para uma possibilidade de "traição" por estar envolvida "afetivamente" com o cliente. Como mostra a fala de uma dessas prostitutas quando entrevistada por Fonseca:

*" Marlene, ao contar da paixão que sentira por um de seus fregueses, suscitou a indignação de sua colega: —"Tu quer dizer que, estavas colocando guampas no teu marido?" E Rosana, para me explicar por que vivia com medo de engravidar de seu marido, disse:— "Se eu pedir para ele usar camisinha, ele vai pensar que tenho outro na rua". (FONSECA, 1996: 24)*

O silêncio sobre o tema da AIDS não possibilita conhecer as práticas adotadas pelas mulheres prostitutas mais velhas pesquisadas em Porto Alegre por Fonseca (1996). O dado que aparece é o problema da clientela escassa, porém jamais admitida relacionada ao problema do medo que os clientes têm em contrair doenças ou ainda porque as mulheres prostitutas são mais velhas, não despertam mais interesse sexual.

Nota-se que, pelos depoimentos desses três diferentes grupos de mulheres prostitutas, cada categoria prostitucional têm um entendimento particular que leva à construção da identidade profissional de prostituta.

Para as mulheres analisadas por Moraes (1995), o uso do preservativo demonstra a segurança no trabalho; nas mulheres que Fonseca (1996) pesquisou, nota-se que elas estabelecem uma diferença pelo uso do preservativo fazendo a distinção entre marido e cliente: com o cliente fazem o uso deste. As mulheres analisadas por Pasini (2000) também atribuem ao preservativo o delimitador para distinguir o campo afetivo do profissional. Profissional usa preservativo, *"preferem perder clientes a abrir mão do preservativos"* (op. cit. 133).

E as "mulheres de programa" da Praça em Londrina, como lidam com esta questão? No grupo pesquisado, observa-se que não é a preocupação com relação a doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), entre elas a AIDS, que orienta suas práticas cotidianas. A "negociação da camisinha" segue regras que têm como parâmetro a distinção entre relação afetivas e "profissionais". O critério é o mesmo observado por Pasini (2000), porém, estas mulheres distinguem tipos de clientes. Clientes fixos, "antigos", aqueles que possuem os dias certos para se encontrarem (rotineiramente os primeiros ou últimos dias do mês, quando estes recebem o salário), então, aparecem as desculpas com as quais justificam seu comportamento. Utilizam argumentos para eximir o "cliente preferencial" da responsabilidade da prevenção. Não fazem uso do preservativo porque já o conhecem o cliente ou por que gostou de "algo" nele. Então, essas mulheres de programa da praça fazem sexo sem proteção baseadas em falas do tipo: *"ele só faz com a esposa"*, *"tô com ele faz tempo"* ou então por razões de ordem econômica. É o que sugerem as falas abaixo:

*"— Já usava preservativo mas nem tanto, nem com todas também. As veis, por causa de 10, 15 real o cara não usava camisinha, eu não deixava de ganhar não!"* (SANTOS, 1997: 77)

*"—Com meu companheiro eu não uso"* (SANTOS, 1997: 77)

*"— Antigamente eu não usava (camisinha). Os cara quer sair, a gente pede \$10 o cara quer dá \$5. Eu falo:— Se quiser me dá eu topo, mas quero adiantado. Deixo na portaria. Agora esses velhinho aí,*

*aposentado, eu vou por \$5 real. É melhor pegar \$5 real do que não pegar nada, porque tem que levar leite, levar pão, pras criança, né?" (Diário de campo, 1997).*

*"— Os mais de idade são todo casados ... Saio com mais velhos porque todos eles têm sua mulher na casa dele". (Diário de campo, 1997).*

*"— Ah, dependendo da hora, Se eu tiver precisando de dinheiro arrisco ir sim! ". (Diário de campo, 10/2000).*

*"— Aqueles velho não usa camisinha. E se eu tô na pior, precisando, eu falo: — Não tô nem aí. Só que daí eu lavo bem lavadinho. Chego em casa, ainda faço um banhinho de álcool, lavo..." (Diário de campo, 1997).*

*"— Com meu parceiro não uso camisinha, ele não gosta ... com os clientes eu uso." (Diário de campo, 10/2000).*

As escolhas que orientam o uso ou não do preservativo baseiam-se, portanto, não apenas na necessidade econômica alegada pelas "mulheres de programa" de Londrina, assim como por aquelas pesquisadas por outros autores. A discriminação dos clientes - eventuais em oposição àquele mais assíduo, de muitos anos e parceiro conjugal - é um critério importante na decisão sobre o uso ou não do preservativo. Esta opção fica, assim, definida pela percepção que se tem do parceiro. Existe a tendência para o uso do preservativo se o relacionamento é ocasional (cliente que vem mais de duas vezes é por elas definido como "conhecido"). Essa visão tripartida, me parece, ser um fator dominante nos grupos de prostitutas consideradas mais velhas e sem companheiros. Essa atitude das prostitutas indica que é completamente ineficaz o discurso das campanhas preventivas governamentais e não-governamentais pois o discurso sobre prevenção não atinge a distinção simbólica baseada no sexo.

Visão semelhante foi observada por Simone Monteiro (1999) quando avaliou a percepção sobre doenças e o uso do preservativo em 32 jovens, entre 15 e 19 anos, da favela Vidigário Geral, no Rio de Janeiro. Para estes, a "camisinha" só fazia parte da vida cotidiana desses jovens se a menina(o) fosse "biscate" (sai com todo mundo). Se, ao contrário, fosse a

companheira(o), namorada(o) ou mulher (marido), não se fazia uso do preservativo. Além disto, argumenta a pesquisadora que outro critério que orienta esta prática é o desejo, de certas mulheres, de realização da maternidade.

Essas práticas parecem obedecer a lógica da *casa* e da *rua*, segundo de Da Matta (2000). Pode-se perceber que estes espaços determinam uma lógica de ação do indivíduo. No domínio da casa, permanecem presentes as instâncias que proporcionam as relações afetivas, de segurança, de harmonia, **de confiança**. Em contrapartida, está o domínio da rua onde vigoram as instâncias dos relacionamentos individualizados, da indiferença, do trabalho, do perigo, da malandragem e **da desconfiança**. A atitude de algumas mulheres do grupo da praça, aponta para uma lógica que organiza os códigos de relacionamento que marcam as fronteiras entre a *casa* e a *rua*. Estes códigos permitem uma atitude, por parte destas mulheres, que irá estabelecer o momento certo para o cuidado frente ao perigo eminente de possíveis doenças. Esta lógica preventiva é acionada junto aos indivíduos da *rua/fora*. Aí, neste momento, elas adotam precauções e **até usam o preservativo**. No entanto, para os clientes conhecidos ou parceiros e ainda maridos acreditam não precisar usar pois, estes, são "*de casa*", elas "*conhecem bem!*" Como elas mesmas colocam: "*— Porque eu devo usar camisinha com ele? Você ... (aponta para mim) usa com teu marido?*"

Assim, como Guimarães (1994), pude perceber que exigir do marido/companheiro o uso do preservativo masculino para fins preventivos, suscita desconfiança de infidelidade, acarretando conflitos e inseguranças. Embora a maioria das "mulheres de programa" da Praça Rocha Pombo em Londrina não possua companheiros ou maridos, esse mesmo critério é utilizado como argumento. Ao indagar a um companheiro (que era cliente antigo) de uma delas sobre o assunto, este prontamente me respondeu que com os clientes ela se previne:

"- *Me sentia mal quando via ela com outro, né? Me sentia chateado ...*"

E quando ela voltava para casa você esquecia tudo?

"- *Ah, não esquece, não é? Não esquece ...*

Quanto tempo vocês estão juntos?

"- *Já 4 anos.*

Hoje a atividade dela te incomoda?

"- *Incomoda. Por mim, não faria isso!*" *Fica em casa, cuida da casa, arrumasse outro serviço, né?"*

Você acha que isto que ela faz não é um serviço?

"- *Ah, é um serviço né, Mas é um serviço mais, como vou dizer, vida fácil!*"

Você acha vida fácil?

"- *Arrumar um serviço pra trabalhar! No meu modo de ver, não é um trabalho! Mas...*" *A gente confia nela também, eu confio nela, porque sei que ela não vai sair por ai sem camisinha, né?* (Diário de campo, 10/2000).

Quando entrevistei algumas mulheres, para minha outra pesquisa na época, ano de 1997, pude perceber, na sua fala, que seu companheiro (também ex-cliente), hoje (2001, ela não está mais com ele) era seu grande aliado na prevenção de doenças junto ao cliente lembrando sempre à companheira os dias das nossas reuniões. Ao perguntar-lhe se este se sentia desconfortável com a atividade dela na praça ela me garantia:

"- *Não, não, não. Ele concorda. Inclusive, até pra ir na reunião ele que lembra e pergunta que dia vai ser. Aí, falo... tal dia. Aí ele já marca na folhinha e fala: - Hoje é dia de reunião. Ele mesmo me previne, dá a maior força pra mim. Ele me ajuda muito nessa parte.* (Diário de campo, 1997).

No imaginário das "mulheres de programa" da praça a representação sobre o risco da AIDS frequentemente remete a representações de doença "que corrói", como "sujeira" ou "castigo divino".

"- *Eu acho que ... Sabe o que que eu acho? Eu acho que nós tamo é no fim do mundo, entendeu, e tá vindo essas coisa ruim. É praga, é esta droga que tá matando, e tá fazendo os viciado matar também.*" (Diário de campo, 1997).

"- *Eu acho que foi Deus que mandou, mesmo. Eu acho que é um castigo. Eu acho que a AIDS é um castigo.*" (SANTOS, 1997: 79).

"- *A AIDS pra mim, é o bichinho do rói-rói (risada) que mata!*" Ah,

*porque ele vai roendo, né. Vai comendo tudo ... (SANTOS, 1997: 79).*

*"- Deus mandou!... Na Bíblia. Tá escrito". (SANTOS, 1997: 79).*

A noção de risco da contaminação pelo vírus da AIDS por meio de relações sexuais não se apresenta.

*"- Bom, eu acho, eu penso comigo, penso ... toda vida pensei comigo que a AIDS não vem do sexo. Que se fosse do sexo, quanto tempo, né, já faz! ... Eu mesmo vou dizer que quando eu fiquei em Foz do Iguaçu, eu comecei esta vida eu tinha 22 anos, depois que eu amiguei e fiquei 13 ano amigada e depois que eu comecei agora de novo, eu saia sem camisinha com um, com outro. Aquele tempo eu era jovem, bonita, os homem queria tudo eu! Eu entrava, sala do hotel, vortava com outro!" (Diário de campo, 1997).*

*"- ... do sexo não. A AIDS acho que vem das drogas. Das drogas! ... cara viciado que toma aguiada, toma seringa ..." (SANTOS, 1997: 79).*

*"- A AIDS vem de muita sujeiral"*

*Sujeira de onde?*

*"- É , das pessoa, da alimentação, que a pessoa é muito fraca. E pra começar, eu não acredito que existe AIDS ... porque do jeito que morre as pessoa, antigamente, que não corria esse nome de AIDS, as pessoa morria igual! Existe é comida fraca! (SANTOS, 1997: 79).*

O Projeto Previna tinha, no entanto, como pressuposto, essa relação AIDS/sexo. Daí a proposta de elaboração de uma cartilha. Uma cartilha essencialmente visual contendo práticas de perigo e não perigo para sexo, elaborada pelas mulheres de programa dos vários espaços de prostituição em Londrina: bar, hotel, Praça, rua que freqüentavam as reuniões mensais todas as últimas sextas-feiras do mês<sup>34</sup>. Entretanto em suas práticas

<sup>34</sup> O conhecimento sobre as doenças sexualmente transmissíveis/DSTs , as mais comuns, elas já tinham interiorizado como: a sífilis, a gonorréia e o "cancro duro" ou na linguagem popular, "crista de galo". Tinham noções do tratamento clínico a base da injeção Bezétacil que "tudo curava". Mas ainda assim, conheciam vários chás, como o da folha da mamona ou aquela árvore que dá uma bucha com a qual tomamos banho. Com este conhecimento popular, próprio do meio da sua socialização, somado ao do "bom farmacêutico", elas se curavam. A AIDS é uma doença nova e desconhecida no seu ambiente social e familiar, porém, só desconhecida até receberem as mensagens transmitidas pelas propagandas da televisão e os anúncios dos postos de saúde. Imagens estas que passam para a população em geral, ou para as mulheres em geral. Muitas vezes confundiam a soropositividade com a doença propriamente dita. Estas distorções, por mais informações que recebessem em nossas reuniões, não conseguiam anular as já adquirida. Mesmo com explicações sem o discurso formal, utilizando de uma técnica onde o assunto era abordado de maneira fácil e

cotidianas, as mulheres não incorporam o conhecimento recebido. Nas práticas do "programa" elas selecionam, através dos critérios por elas definidos, com que tipo de cliente devem ou não usar o preservativo. Em geral deixam de usá-lo com o "cliente preferencial" ou aquele que considera carinhoso, cheiroso, limpinho, com dentes bonitos, "respeitoso". Nesta circunstância, o aprendizado recebido é descartado. Também por questão de sobrevivência o uso do preservativo pode ser deixado de lado; assim como no caso dos clientes "fixos", casados. Dizem elas que a maioria dos clientes que procuram seus "serviços" são casados. Segundo elas, de cada *"...10 homens, 9 são casados ... é difícil homem solteiro!"* E com relação a estes freqüentemente afirmam: *"– Mas Liane, ele só sai comigo e com a mulher dele, com nenhuma mais da praça, só eu só...!"*

A conduta dessas mulheres retrata uma tensão que é constante nos relacionamentos entre pares. Na literatura ocidental os autores têm mostrado que a questão de gênero está pautada no discurso preventivo em que o sexo masculino aparece eximido da responsabilidade preventiva pois seu corpo apenas transporta a semente da fecundação. No entanto, atribuiu-se esta responsabilidade ao sexo feminino, pois será em seu corpo que a semente da vida – o embrião – será gerada. Quem "evita" a gravidez são as mulheres. Os homens só estão em busca do prazer.

No campo erótico, esses homens/clientes (da sociedade ocidental) trazem consigo mesmos lições de vida na qual o mito do Tarzan constituiria

---

com auxílio do recurso visual ou dramatização. Chegamos a fazer até um jogral onde cada multiplicadora representava uma doença. Elas agiam e falavam como se fossem o vírus instalado no organismo, para depois, representar a própria doença. No entanto, das cinco multiplicadoras escolhidas para tal função, apenas duas puderam ser consideradas capacitadas para tal atividade educativa, por sinal, as mais escolarizadas. Naquela época (12-1995/12/1996) Proporcionamos a elas a possibilidade de realização de exames ginecológicos/clínicos. Das vinte que marcaram fazer esses exames, somente dezesseis os realizaram. Destas, somente uma não tinha doenças, as demais tinham mais de uma cada uma delas. Portanto, um índice muito alto de doenças no grupo. Por outro lado, essas mulheres não freqüentavam médicos, apenas algumas, mas a maioria nunca havia ido. E em Londrina, nunca existiu qualquer ação preventiva que ensinasse as mulheres prostitutas a adotarem práticas preventivas. O Projeto Previna tinha este objetivo. Conhecer as mulheres e implementar ações educativas. No entanto era um projeto fechado, vindo do Ministério da Saúde, sem possibilidades de mudanças. Hoje (2001), adoto temas e realizo oficinas e dinâmicas que satisfaçam o que elas querem, o que elas acham importante aprender.

seu gênero másculo, potente, esperto (ROMANI, 1982: 63) dotado do desejo de propriedade e, no corpo da mulher, encontra o "canal natural" para seu extravasamento (MONTERO & ALBANO, 1982: 115). Não se imaginam, "naquele momento", preocupados com a saúde. Este imaginário está presente em outros grupos de homens com relações heterossexuais conforme apontado pela pesquisa de Sônia Maria Andrade (1997). A autora buscou conhecer as representações da AIDS que cercam o imaginário da população heterossexual de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Ao levantar o conhecimento sobre as formas de transmissão e as modalidades de prevenção com relação a AIDS, essa pesquisadora constatou que 84% dos homens entrevistados (12 homens e 12 mulheres entre 15 e 45 anos) afirmam ser um incômodo fazer uso do preservativo. Nesta pesquisa, "*(...) é consensual que a AIDS não faz parte das preocupações do cotidiano masculino* (ANDRADE, 1997: 30) pois segundo estes mesmos homens, "*se relacionarem com várias parceiras é como algo inerente ao masculino*". O uso do preservativo é considerado constrangedor pois representa uma confissão de que iriam faltar com seu dever de "potência masculina". Na visão desses homens ter que usar o preservativo é estar preparado para a possibilidade de "falhar" na hora do sexo. Eles dizem que "*o preservativo corta o clima*". (op. cit.29). As mulheres desta pesquisa, por sua vez, conformadas com esta situação, atribuem a sociedade esta expectativa da atitude masculina:

*"- Sair por aí não é uma decisão que o homem toma sozinho. Há toda uma pressão social por trás disso. Isso é valorizado. É como se o homem provasse sua virilidade dessa forma."* (Luiza IN: ANDRADE, 1997: 29)

Alguns autores ainda apontam que a visão sobre a AIDS está associada a uma valência para algo como amor, paixão, desejo, prazer. É o que aponta Leila Jeolás (1999). Sua pesquisa revela o risco no imaginário sobre a doença junto aos adolescentes das escolas da rede pública.

*"(...)se faz sentir num movimento pendular, através do qual eles tecem suas representações sobre a AIDS. Ora a expressar negação, afastamento e projeção do risco para o outro; ora a vivenciar conteúdos potencialmente ordálicos mais ou menos atenuados, mais ou menos inconscientes, atualizando as figuras mais típicas de risco próprias aos tempos atuais.(...) caminham os jovens num território que ao mesmo tempo, os atrai e os afasta." (JEOLÄS, 1999: 224).*

No entanto, é sabido que na negociação do uso do preservativo masculino, a mulher (seja ela, casada, solteira, viúva, separada, jovem, madura ou velha) não tem o poder de decisão. Esta é uma opção que depende da aprovação masculina. Assim, prostitutas ou não, jovens ou não, as mulheres se deparam com situações delicadas em que nem sempre a "negociação" estabelecida favorece a prevenção de doenças.

Este é um problema que se coloca, mais uma vez, frente às campanhas de prevenção, que não levam em conta os valores, expectativas, projetos e "negociações" socialmente convencionadas. Estes "acertos" nas relações entre pares não são tão "práticos" e "racionais" como pretendem as campanhas de televisão, por exemplo. Elas se dirigem a sujeitos individuais, desconsiderando que esta é uma decisão que obedece a uma lógica e um código de valores socialmente estabelecidos, do qual, apesar de estigmatizadas, as prostitutas também participam.

## Capítulo 5

### As Mulheres e suas histórias de vida.

"- Eu só tinha uma mala na mão quando sai da casa da minha mãe, nem era mala, era uma sacola com umas quatro cinco peça de roupa, por isso quando você fez aquela pergunta: Se eu me acho uma mulher batalhadora? Eu falo: - Eu me considero, porque graças a meu esforço, graças a minha força de vontade, fiz minhas economias e comprei essa casa. Você acha que eu não fosse uma pessoa batalhadora eu teria comprado essa casa, sem ajuda de um homem, de filho, nada? ". (Diário de campo, 10/2000).

Entrevistei cinco "mulheres de programa" da Praça Rocha Pombo em Londrina. Pude assim conhecer um pouco de suas histórias de vida, o que me possibilitou apreender os significados e suas representações da atividade de prostituição.

As cinco mulheres entrevistadas são originárias do meio rural. Na bagagem da vida trazem, cravadas na memória, lembranças do trabalho pesado na roça e a marca das condições de sua iniciação sexual.

Três delas contam que vivenciaram algum tipo de violência sexual por parte do pai ou do padrasto. Em alguns casos não puderam contar nem com a ajuda da mãe:

*"— Foi com treze anos. Eu já tava formadinha, já tinha peitinho .. ele (o pai) ficava passando ... A casa da mãe ... aonde eu dormia era assim (mostra com a mão a cama na posição de lado na parede) e minha irmã dormia comigo. Daí eu lembro que nesse dia, ele nunca foi de nada, sabe Liane. Só foi de tratar a gente a ponta pé, e ele ficava passando ... ia pra lá e pra cá, passando de Zorba né?(...) Eu não sabia ... Ele passava, passava ... daí de repente minha irmã pediu pra eu levar ela no banheiro. Eu levei ela no banheiro e ele foi atrás de nós. Chegou assim perto de mim e falou assim:" — Vem aqui que eu quero te falar*

*uma coisa". Eu pensei, recado de quem ele ia me dá? Àquela hora ali? Aí eu falei: "— o quê que é?" Daí ele disse:" — O negócio que eu quero te falá ..." Daí ele não queria fala nada, ele pediu um beijo pra mim! Nossa Senhora viú! A hora que ele pediu aquilo lá o mundo desabou ... Não gosto nem de lembrar ... Daí outro dia de noite de novo. Ele passava pra lá, pra cá, ele sentado assim ó (mostra de perna aberta). Ele sentado na cama da mãe, a mãe com a porta do guarda-roupa aberto pro nosso lado assim ó (fechado pro lado do pai), procurando roupa e ele de lá piscando pra mim. Nossa, Liane do céu! Sabe o que é, você vê aquilo e disparar um medo em você que Deus me livre! Daí tá bom, ele vai e anda e a mãe desmaiada dormindo e ele chegou na beira da minha cama, na outra noite né? E ele falou pra mim se eu deixava ele passar a mão nos meu peito. Eu falei que não deixava, ele falou pra mim:" — Mas eu sou seu pai, eu posso!" Eu falei:" — Então vou chamá a mãe!" Ele falou assim:" — Não precisa chamá não". Passou e eu não dormi, nossa não dormi! E a noite inteira pensando naquilo. Daí quando foi o outro dia ... fiquei em casa e ele foi trabalhar. Eu contei tudo pra mãe. Minha mãe chorou, chorou e falou que ele é assim mesmo, que ele mexia com minhas tias (irmãs da minha mãe), que mexeu não sei com quem lá e que ele era um sem vergonha, não sei o que. No outro dia não aconteceu nada. Fui pro serviço. A hora que cheguei do serviço falei pro pai que tinha contado tudo pra mãe, a mãe tava chorando, chorando com as mudança tudo arrumada. Por isso Liane, eu acho que ele pegou a minha irmã, porque sempre que acontecia essas coisa, a mãe largava a gente dentro de casa e ia embora, e a mãe pegou a trouxa e deixou eu e meu irmão e a menina e foi ... Daí eu fui pra casa da minha tia né? ... Depois ela voltou né. Ela foi embora. Deixou a gente em casa com o pai. Se eu ficasse em casa ia virá mulher do pai, ela não penso nisso, né Liane? E eu sai de casa, daí eu peguei e sai de casa né? Depois que ela voltou né. Porque era sempre assim, ela vai, fica uns dias, daí ele vai atrás e ela volta. Daí quando ela voltou, ela chamou eu pra vim de volta pra casa ... num fiquei. Dali eu fui embora pro Nordeste pegando carona. Assim que começou essa vida. E assim passou muitos anos. Hoje eu voltei depois de muito tempo, bastante tempo, daí fiquei poucos dias ... fui morar com a minha tia. Minhas tia tudo são prostitutas." (Diário de campo, 10/2000).*

Na fala da entrevistada percebe-se que o assédio sexual do pai a levou a optar por sair de casa. Na "aventura" da carona nas rodas de um caminhão, conheceu muito mais do que diversão. Aos 14 anos, deixou para trás as bonecas porque virou mulher:—" *Eu tinha 14 anos quando menstruei com um caminhoneiro atravessando a baía. Ele tava a fim de mim.*" Depois disso, como sugere o relato, na convivência com as tias deu-se o aprendizado da prostituição como "modo de vida".

Ao entrevistar sua mãe, pude perceber, apesar da omissão ao fato relatado por sua filha, que esta nutre um sentimento de impotência, de fracasso por não ter proporcionado aos filhos uma boa educação, nem uma

família estável. Dizia-me ela:

*"– Olha, de vez enquanto eu fico preocupada assim, fico pensando, parece que falhei muito com minha família, né? Eu tenho a impressão que, pensando assim no trabalho, preocupada com sei lá ... com minha vida, não sei ... com a sobrevivência, né? Na época que criei meus fio já era tudo mais difícil. Acho que eu faltei muito com eles. Eu acho que se fosse pra começar tudo de novo, acho que eu queria uma família bem diferente. Eu acho que eu mesmo faltasse muito mais assim, na questão de sobrevivência, eu acho que o carinho, a maneira que a gente conduziu a família desde pequeno, eu acho que ajuda bastante pelo menos psicologicamente! Eu sempre trabalhei mais do que cuidei da minha família.*

Pergunto-lhe se seu marido sustentava a casa. Ela responde:

*"–Sustentava só que ...é exatamente nisso que meus fio briga com o pai. Eles diz assim pro pai – Pra que nois trabalhou a vida inteira? Minha mãe trabalhou a vida inteira? Meu marido faz negócio mal feito, sabe? Perde tudo que ganha. Nois nunca tem nada. Foi tudo em vão. Que adiantou? Faltou mais atenção pra eles. Faltou conforto. E a gente continua sem nada. Olho pra trás e acho que podia ser diferente! Eu acho que foi muito difícil, muito ruim o que meus fio tem a visão que eles tem e que vão sempre ter, minha e do pai. Que não foi um bom casamento não!" (Mãe de R., Diário de campo, 10/2000).*

O comportamento da mãe de R. reflete a sua própria trajetória familiar, onde também se verifica a presença de um marido violento, austero e infiel. Ela lembra:

*"– Meu pai levava as mulher dele pra dentro de casa, levava junto com minha mãe. Ou então quando ele saia com uma mulher assim, as veis até uma mulher casada, mulher de família assim, ele chegava em casa já contava pra minha mãe. Ele falava:" – Ó, hoje eu fui com a mulher de fulano, tal lugar assim, assim..." Ele batia em nós todos junto. A gente não passou fome porque a gente trabalhava, a minha mãe até hoje trabalha. Ela sai, tá velhinha, tá doente mais mesmo assim ela vai pra roça, não desistiu."(Mãe de R., Diário de campo, 10/2000).*

Há uma outra entrevistada que também sofreu violência sexual. Ela havia sido dada a um casal de amigos pelo pai com sete anos de idade, pois, segundo ela, o pai não gostava dela. Mais tarde, quando já tinha dez anos, o padrasto começou molestá-la sexualmente. Dizia-me ela:

*"—Eles conhecia nossa família, sabe? Eles confiam na família, sabe? Meu pai confia né? Depois foi lá em casa sabe? Daí ele pegou e falou: — Você vai com ele lá pra brincar com as criança ... mentira! Fui lá pra trabalhá e depois, lá, eu ia pra escola. Esse homem começou a mexer comigo, sabe? Daí foi passando, eu fui crescendo, quando eu tinha 10 anos ele começou a mexer. Ele levava eu pra escola, fui crescendo né, Deu 10 anos, daí eu peguei, atirei nele. Eu atirei ele. Eu atirei porque eu não tava agüentando mais aquilo, ele era sargento, ele queria aproveitar de mim. Falou que queria dá tudo pra mim ! Eu dei dois tiro nele, com o revólver dele. As filhas perguntam se ela matou ele, D. responde: — Quase, alejei só... Ele falava assim pra mim: — Ó, vai almoçar, sabe? Vai almoçar pra mim fazer carinho ni você. Eu já tava invocada com ele, já tinha descobrindo o revólver ... Ele tinha mulher. Se dava muito bem, tinha filho, restorante lá em São Paulo, só que ... com ele só lá ... ele ficava em casa e ela ficava no restorante. Ele mexia toda vez que eu ia pra escola! Ele não deixava eu ir pra escola com os outros. Tinha um advogado que morava pertinho, eu era amiguinha da filha dele e ele queria me levá ... Batia ni mim quando eu ia ... Ele dava banho nos pé dele ... entendeu? Quando eu voltava em casa, pra judiá de mim, dava banho ni mim de água gelada na minha cabeça ... Ele era muito ruim pra mim. A mulher dele batia ni mim também! Quem pôs eu no ônibus foi o advogado de São Paulo. Ele pegou e pois eu no ônibus e mandou uma carta pra mim. Aí quando cheguei aqui em Londrina, fui trabalhar num conservatório musical. Foi o primeiro lugar que trabalhei. Com 11 anos, eu já tinha vindo do Fórum, tudo que é lugar! Por causa do tiro, porque falava que eu era louca do hospício, só que eu conversei e contei que eu não era louca, porque eu tinha dado um tiro porque ele pegava o negócio dele falava tudo certinho ... daí, eu falei que por isso eu atirei nele, sabe? ". (Diário de campo, 10/2000)*

Ela fugiu logo depois, indo trabalhar como doméstica. Casou-se com quatorze anos. Mas não deu certo. O marido não era bom pai, nem "bom marido": bebia demais e gastava tudo em jogo, com bebida e mulher. A separação se consumou após o "forjado" flagrante num bar.

*"— Encontrei ela num bar. Eu na mesa, ela vinha e encontrava em mim, e eu deixando sabe? Depois nós tiramo lá fora. Estapeá de esfaqueá. Nós fomos pará no HU, minha filha! Demoro pouco tempo, logo nos separamo. Daí eu comecei a ficá com raiva, ele pensou que porque eu tava cheia de filho (oito) tudo pequeno ... — Como você vai fazê pra ir embora? A mais velha tinha doze anos e eu tava com filho pequeno internado no hospital. Ai ele pensou: — Eu acho que ela não me deixa, sabe? Daí eu peguei batão (baton) meu mesmo, passei na camisa dele e levei pra cunhada lavá. Foi a separação. Daí eu falei: — Ó, dá pra mãe dele lavá essa roupa. Não vou lavá roupa de homem cheia de batão (baton), tá? Eu falei: — Você ia lava se seu marido aparecesse assim? (falou para a cunhada) Mais era batão meu sabe! Ela falou: — Não. Então também não vou lavá dele não. Aí ele chegou aqui e falou assim: — Você levou a roupa pra minha mãe lavá? Eu falei: —*

*Levei. Ele falou assim: Agora eu vou embora, vou levá tudo. Eu ajudei a leva a roupa. Mas sabe o que fiz? Fui correndo tirar identidade, carteira de trabalho, já fui no restaurante arrumá serviço de auxiliar de cozinha e fui trabalhá. Fui trabalhá e ia pra Praça biscateá também." (Diário de campo, 10/2000).*

Também a terceira entrevistada conta que fugiu de casa depois de ser molestada sexualmente pelo pai. A princípio manteve-se relutante em me narrar o episódio. Falamos de muitas outras coisas até que ela me contou:

*"— Eu já fui casada sete anos. Casei na igreja, casei no civil. Tinha quatorze anos .Casei com quatorze anos! Eu fugi do meu pai, da minha mãe não. Da minha mãe eu não fugi. Porque o meu pai, ele queria me usar ... queria fazer sexo comigo de qualquer jeito! (grande silêncio) Eu fui obrigada a fugi ... então eu fugi. Fugi, casei, não deu certo e separei. (conta-me a mãe dela que o homem com quem ela casou não ajudava em nada, ele catava as coisas no lixo para dar de comer a ela e as quatro filhas que nasceram desta relação). Com os pais trabalhei na roça, depois trabalhei de doméstica muitas vezes, a gerente do Shopping Catuaí foi minha patroa por muitos anos e em outras casas por dia. Trabalhei na prefeitura temporariamente, e trabalhei registrada só na prefeitura e no Catuaí. Aí fui pra uma firma que faliu, aí eu fiquei sem emprego, aí eu entrei num restaurante e fiquei dois anos e pouco de cozinheira. Aí eles não queriam me registrar, revoltei e sai, achei que não era justo. Eu trabalhava sem registro. Então se tem uma oportunidade, eu trabalho. A vizinha aqui do lado me chamou pra trabalhar pra fazê faxina ... Pra muitas mulheres fazer uma faxina é o fim do mundo, pra mim não é ... é normal entendeu como é? ... Eu vou lá (na Praça) nas horas vagas! ... Vou lá fazer um serviço!". (Diário de campo, 10/2000).*

A mãe desta "mulher de programa" confidenciou-me que também ela havia sido estuprada aos treze anos por um amigo da família. Este homem mais tarde tornou-se seu marido. Ameaçada com um revólver na cabeça, ele lhe dizia por ocasião do estupro:

*"— Se você não me der, eu vou matar seu pai, sua mãe e você. Foi lá no mamonal e milharal, assim pra cima e ele me espero no caminho... As vezes tava até descarregada, mais eu era criança! ... Eu senti medo, choro, eu chorava, chorava muito, eu chorava soluçava e eu corria escondia ... Ele falava que era pra mim esconde, que era pra mim não falá porque se não ele ia matá meu pai, falava que ia pousá lá na minha casa pra matá meu pai... Se fosse coisa boa todo mundo podia sabe. Aí, como minha mãe não se abria com nós nada, e meu pai também jamais, então eu era uma tonta mesmo! Toda vida fui tonta sabe? ... Aí, duas vezes e eu fiquei grávida da M. Eu não sabia o que era*

*gravidez também! Ele tinha dezesseis anos. Então eu casei muito criança. Não sabia ainda o que era te raiva, eu não sabia o que era amor, não sabia o que era ter ódio. Depois de passado um tempo, ele começou saí com mulher. Sumia dois, três dia. Nunca desconfiei nada, ele falava que tava vendendo as coisa. Eu tinha ele como pai né... Ivaiporã, foi onde começou minha vida difícil, que eu comecei a ter mais filho ... Toda vida sou mulher muito forte, corajosa, e nessa vida eu criei meus filho! Toda vida trabalhei na roça, eu toda vida soquei arroz no pilão, carregava lenha na cabeça, batia café!". (Fala da mãe de M., Diário de campo, 10/2000).*

Ouvindo suas histórias fui percebendo que as "mulheres de programa" de Londrina pesquisadas, assim como suas mães, tinham como experiência familiar a vivência de violência física – sexual especialmente – material e emocional. É o que sugere também este outro relato de uma mãe de "mulher de programa":

*"— M. tinha oito anos, eu tava esperando esse um que tá aqui, que mora aqui comigo. Eu tava nos dias de ganhá, eu tava muito gorda. Eu morava na fazenda Ferraz... eu sentia ele (o marido) rolando na cama devagarinho, rolando e eu não sabia o que era, eu pensava que era pra não me acorda ... eu abanava café o dia inteiro sabe? Aí, chegava de tarde ficava cansada, tinha que fazê comida pra leva pro outro dia, cozinhas batata doce que era merenda aquele tempo. Aí, eu escutei o pisado dele ... Em vez de ele ir para a porta da cozinha pra ir pro banheiro, que é banheiro de colônia, ele foi pra sala ... e ele não tava mexendo com a M.? Ele tinha tirado a roupa da M. até aqui (aponta até o joelho) Tá aí ela que não me deixa menti. Na entrevista ela não queria te conta, porque ela não quer, mas ela sabe disso. A M. tava com a calça até aqui assim (...) escutei quando ela fez ... foi quando ele virou acho que ela tava dormindo de banda pro canto e ele viro ela. Aí, eu levantei, naquele mexido que ele fez, eu levantei pé com pé , era casa de assoalho e aqui embaixo era piso, cheguei ele tava tremendo. Então eu não sei se ele ia mexe nela com dedo, se ele ia masturbá ou se ele ia penetrá. Ele tava em pé perto dela. Aprontei um grito! Abri a porta e saí correndo ... a minha sogra morava assim umas cinco casas. Cheguei na casa da minha sogra com a unha na cabeça de desesperada gritando, gritando até minha sogra levantou de camisola de lá pra cá ... e a minha sogra veio de encontro comigo e eu cheguei e ajoelhei nos pés de minha sogra. Ela disse: — Que foi, que foi? E ele falou: — Essa mulher é doida! Essa mulher não sei o que ... Eu falei que ele vai fazê besteira com a M. na cama dela. A minha sogra queria que eu desse parte dele, mas eu tava nos dia de ganha nenen, eu não sabia o que eu fazia. Fiquei desesperada! Aí passou o tempo, aí esse home ficou ruim, ruim, ruim. Quando foi um tempo, a M. fugiu de casa. A M. fugiu com um cara que ... primeiro sofreu que nem uma condenada, também, o cara não trabalhava ... um vagabundo ... (eu pergunto se ela ficou com o marido depois do que o pai fez com a filha) "— Fiquei pois eu não tive experiência vivida pra nada, eu não tinha dinheiro não, eu era uma burra!" (Diário de campo, 10/2000).*

Muitos pesquisadores, entre eles Saffioti (1991) apontam para o problema do desequilíbrio de poder na relação pai e filhos quando abordam o tema do incesto. A explicação para sua ocorrência quase sempre é apontada como uma consequência do regime "patriarcal" centrado no "direito ilimitado de controle físico, o direito ilimitado quanto à esposa (donde a violação não ter sentido legal dentro do casamento) e por extensão, direitos sexuais sobre os filhos" (HERMAN, in: BANCHS, 1994: 311). Ao estudar casos de famílias incestuosas na Venezuela, Banchs (1994) aponta para o fato de que o incesto afeta emocionalmente todos os familiares. Segundo a pesquisadora,

*"(...) a dinâmica das famílias incestuosas caracteriza-se por uma forte limitação de ambos os pais para dar e receber afeto (...) os pais freqüentemente carecem de energia emocional para nutrir-se adequadamente um ao outro, quanto menos a seus filhos. Ambos precisam de afeto, como resultado de seus próprios ambientes de criação, emocionalmente pobres ou abusivos." (BANCHS, 1994: 320).*

Nos depoimentos das mulheres entrevistadas, assim como nas falas de suas mães, mantém-se essa repetição das histórias de violência. As mães das "mulheres de programa" entrevistadas sentiam-se de alguma maneira impotentes frente à situação. Suas falas refletem o aprendizado trazido da socialização familiar rígida, registrada nas marcas do corpo e na realização de um casamento "difícil". Indagadas sobre como haviam sido criadas e sobre suas vidas de casadas, as mães das "mulheres de programa" confidenciaram-me:

*"— Num sistema muito rígido! né. Naquele tempo a gente não podia sair assim sozinha, principalmente a noite. Pra sair ela sala sempre junto. E na parte de casamento dela (da mãe) foi muito sofrido. Ela sofreu muito com meu pai. Meu pai sempre tinha outras né. Ela sabia e acho que por causa de ser assim, de família já comprica bastante né. Já é um relacionamento bem mais assim, muito íntimo né? A mãe dela faleceu muito cedo, ela estava com 17 anos, por aí. Naquele tempo, tô falando pra você, era muito diferente de hoje né. Hoje em dia as moça escolhe com quem vai casar e tal. Naquele tempo não. Então, quando minha vé adoeceu, pra morrer, ela morreu de câncer. Aí, ela pediu pro meu avô que queria que minha mãe casasse com meu pai que era a pessoa mais fácil que tinha, mas que ela sabia que era assim mais de idade. Meu avô procurou meu pai e casaram assim, num prazo de 15*

*dias, três meses depois minha vó morreu. Meu pai me batia muito. Batia em todos meus irmãos. Batia na minha mãe. Meu pai bebia muito Eu me lembro que o pai dele era mais rígido do que foi meu pai ainda, em certos pontos né. Meu avô não era assim uma pessoa de trabalhar e por dinheiro dentro da casa da minha vó. Meu pai contava que desde pequenininho assim, meu avô já saia atrás de outras mulher da vida assim, levava meu pai junto com ele. Não foi pessoa de se preocupa com a família não! (Fala da mãe de R. , Diário de campo, 10/2000).*

*"-Minha vida foi muito sofrimento, né! Meus fio, depois que separei do meu marido, fiquei com 10 anos separada, depois quando ele morreu, fiquei pra cá (Londrina), os fio já tava criado. Larguei mais dele por causa dos fio, meus fio sempre pedia, muitos saiu de casa. É muitos saiu de casa. Ficou só três em casa: esse menino que eu tenho, rapazinho tá trabalhando já tem 36 anos e nunca casou não, fica comigo, só que de vez em quando bebe. Só não conto com ele por causa disso. Mas, tamo vivendo né. Graças a Deus. Depois ele morreu (marido) ficou pra lá, e sempre meus fio ajudando né. Coitados é pobre né, mais o que eles pode fazê, eles faz. Um ajuda um pouquinho, outro ajuda de cá. E tamo vivendo! Sempre tava pagando aluguel também, depois minha neta morava aqui, depois ela foi pra outra casinha e me vendeu esta. Eu estou pagando né. Que nem aluguel, pagando sempre por mês. Se Deus quiser, quando terminar, vou fazer um puxado. Agora essa daí (aponta pra filha) tá comigo, tem um nenezinho também e um molecão desse tamanho (mostra com as mãos a altura), está estudando. Tão aí comigo " (Fala da mãe de L., Diário de campo, 10/2000).*

*"- Eu nunca vi meu pai beijá minha mãe, eu nunca vi minha mãe biejá meu pai. Eu nunca vi minha mãe relá a mão no meu pai. Ela era boa de batê também. Tinha um chibatão daqueles ... chibata que só vendo na hora que precisava né? Meu pai ele conversava do jeito dele lá mas nós tinha porco de animal, ele tinha carroça animal, então normalmente meu pai chegava e fazia o que tinha que fazer e já saia. Então a gente foi criado desse jeito ... com muito amor de comida, nunca faltou nada pra gente ... Carinho, chega lá, vamo lá na cidade comprá tal coisa, levava a gente junto, comprava sapato pra fulana então vamo todo mundo, a gente nesse ponto era assim. Depois que casei, meu marido muito grosso ... toda vida dedicado ao trabalho mas, na parte da relação, toda vida foi à toa. Muito à toa, muito covarde comigo. Ele não tinha esse negócio de ser quero e você quer. Eu quero e você me dá. Eu quero e você têm que dá! Se você não dá é porque você tem outro e esse outro era no tempo que eu não sabia o que era isso. Eu não sabia o que era traição. Hoje eu estou com 56 anos e já sei o que é traição no mundo do povo. E sei o que é traição claro porque agora não faço mais vejo os outro fazer. Mas naquele tempo falava outro eu não sabia a utilidade que tinha aquilo. Pra toda vida a mulher tinha que ser submissa ao seu marido que eu acho que na lei de Deus é isso. Aí, um dia, ele me chamou de burra e disse que não queria mais eu. Que não gostava mais de mim. Aí eu disse pra ele que ele tinha o serviço dele e eu o meu, eu lutei pra ter meu emprego, não quero comer e beber a suas custas! Aí ele me disse: - Você é uma burra, num tem leitura nem nada. Quero ver como você vive sem eu! Aí eu disse: - Meu filho, a porta da casa é serventia da rua, ó lá o portão ... toquei ele! Ele tinha outra mulher!" (Fala da mãe de M., Diário de campo, 10/2000).*

Estes fragmentos de lembranças das mães e "mulheres de programa" pesquisadas forneceram-me "pistas" sobre como as mulheres da praça se iniciaram na atividade de prostituição.

Três dentre as cinco "mulheres de programa" entrevistadas relataram ter fugido de casa ainda meninas, entre treze e dezoito anos. Um dado curioso é que duas mães dessas mulheres também haviam fugido de casa para casar.

A primeira "mulher de programa" entrevistada contou-me que vivia na roça, onde ajudava os pais. A mãe, segundo ela, *"era muito brava"*. Ela fugiu aos quatorze anos para casar. Mas o casamento fracassou pois o marido negava-se a trabalhar. *"Ele deixava faltar tudo em casa"*. Ela então voltou para a casa dos pais.

*"— Ele não me sustentava, ele não ia trabalhar. Eu passava falta das coisa! No começo eu gostava dele, depois não gostava mais! Eu tinha dezoito anos, minha filha três meses, meu filho dois anos e seis meses. Daí fui pra casa da minha mãe. Que sofrimento! Eu tinha que trabalhar na roça pra comprar leite pra minha filha. Sabe o que é trabalhar na roça com sol quente, levanta as cinco hora e pra lá trabalhar às seis hora? Os peito cheio enchia, chegava vazá, pingá. As vezes chegava em casa tinha que lavá toda a roupa da minha filha. Meu pai era empregado, a gente trabalhava pros outros. Meu menino ficou com o pai, na época eu não podia ficar com duas criança. Ele foi buscar, ele queria que eu voltasse pra morar junto com ele, mas eu já não queria mais, tava cansada disso aqui. Tava cansada, passava fome, um dia tinha arroz, num tinha feijão; outro dia tinha feijão não tinha arroz. Pagava aluguel, morando num comodinho só, aquele sufoco, aquele sofrimento! Ia trabalhar duas vezes por semana, depois num ia mais trabalhar, porque ele não gostava de trabalhar. Daí comecei trabalhar num restaurante, ajudava na cozinha ..."*

O serviço conseguido no restaurante não durou muito tempo. Logo que foi mandada embora precisou pensar em algo que substituísse o dinheiro seguro de todo mês. A falta de capacitação e um baixo nível escolar (primário completo) dificultaram seu acesso ao mercado de trabalho formal. Então, continua ela:

*"— Eu trabalhei quatro anos, aí eles me mandaram embora. Aí, você fica naquela né? Vamos fazer acerto tal dia? Não tem dinheiro. Daí eu e outras mulher falamos: — Vamos sair um pouco? Vamos ficar na rua um pouco, não tem dinheiro, não tem pagamento, não tem dinheiro"*

*pra colocar as coisas dentro de casa, então ... vamos ficar um pouco lá. Foi aí que começou. Saia, ganhava dinheiro. Dinheiro que a gente ganhava num mês, as vezes a gente ganhava em três ou quatro dias. A gente tirava o dinheiro que ganhava num mês!" (Diário de campo, 10/2000).*

A segunda mulher entrevistada, depois de sofrer abuso sexual por parte do pai, fugiu de casa. Tinha 14 anos. Conta-me a entrevistada sobre a sua iniciação como prostituta:

*"— Eu nasci na região de Ortigueira, né, e saí de casa bem nova. Saí de casa com quatorze anos, que inclusive em casa tinha esse negócio ... sabe, de meu pai não respeitava nós, nunca respeitou ... daí eu saí de casa bem nova né, com quatorze anos! Daí comecei logo, né. Tinha uma tia, né, que fazia programa na beira do asfalto, essas coisa, né. Então, o primeiro rapaz que eu já saí, né, já foi assim, sem mais nem menos. Saí com o rapaz já aconteceu tudo!. Depois o segundo, terceiro já, já era tudo por dinheiro, tudo saía por dinheiro, né. Minha tia me falava como é que tinha que ser e assim foi indo, né. Daí aprendi. Depois saí da casa da minha tia, né, peguei e fui embora pro Nordeste, e daí toda vida ganhando dinheiro. Então começou assim e até agora não moro com a minha mãe. Toda vida né. Depois disso morei separada. Minha mãe sabia que ele era um sem vergonha mesmo, né. Ele falava pra mim assim: — Que ele era meu pai, que ele podia passar a mão, podia chupar meu peito ... Daí esse homem falava que ia me bate ... eu tremia de pensá nele me bate ... Liane, eu apanhava em casa ! Teve uma noite de Natal, uma tarde, não sei, aconteceu até meu tio foi lá em casa ... meu pai me deu tanto murro na minha cabeça que saiu sangue do meu nariz! foi até que eu falei pra essa turma de caminhoneiro, eles falaram: — Vamos viajar com nós! Foi aí que fui pro Nordeste, Maranhão. Tem um monte de gente que sabe! Mas eu trabalhava de doméstica. Trabalhei três anos, mais ou menos com uma mulher ... depois fiquei só nessa vida, assim ..." (Diário de campo, 10/2000).*

A terceira "mulher de programa" entrevistada vivenciou, ainda muito jovem, assim como sua mãe, a experiência de um casamento com um homem violento, que bebia e a submetia, assim como aos filhos, a maus tratos físicos e psicológicos. Suas lembranças foram mencionadas como segue:

*"— Nós morava no sítio, então por isso eu não sei lê nem escreve. Morava no sítio lá em Apucarana. Nós samo em dez irmã, tudo viva! Mas sabe, meu pai foi um homem tão ruim pra mim, pra mim e minhas irmã. Até doente! ... Nos primeiros dias, quando desceu a menstruação pra mim, minha mãe falou assim pra ele que eu tava passando mal, ele fez eu levantar da cama com sol quente que nem tá hoje, pegar a enxada e carpir! Se eu não fosse, não era pra entrar dentro de casa ... ele*

*mandava até embora! Eu peguei e fui, eu tinha de ir. Hoje em dia eu tô aí, oi, sei male má meu nome, eu não tenho estudo, problema de coluna ... Tudo por causa dele! (segundo sua mãe, ele colocava os filhos para trabalhar até inchar, até desmaiar) Quem defendia nós dele era minha mãe. Minha mãe sempre entrava na briga de nós em casa. Ele batia em nós, espancava! Meu pai judiava muito de nós, judiava de mim e das menina, então peguei e fugi de casa! Eu tava com dezesseis anos, aí, apareceu o pai dos menino (dos filhos, ela teve três filhos, um morreu pequeno) e eu fui embora pra São Paulo com ele, ele morava com a irmã. Fui casada na igreja e no civil. Fiquei casada oito ano com ele. Daí não deu certo me separei. Ah! ele bebia muito, batia em mim e nos meus filho. Separei dele não arrependi não. Ele era muito ruim. Aí trabalhei de doméstica. Minha mãe ficava mais meus menino, mais ela batia neles! Esses tempo atrás eu tava trabalhando numa mulher, lá perto de casa, precisei sair. Nem pedi o dinheiro que eu tinha pra receber. Me deu uma dor assim aqui (aponta) nas costas. Que eu trabalhei desde a idade de dez anos!. Pra mim pegar um serviço, principalmente registrada ... eu não agüento trabalhar pra fora mais. Pra mim não roubá, nem matar, tem que fazer isso ... " (Diário de campo, 07/96).*

Essas mulheres da praça não estabelecem relação entre a experiência de violência sexual na infância com a atividade de prostituição. Em geral elas sugerem que a falta de estudo as levou a essa atividade. Como uma delas me disse certa vez: *"- Eu acho que vou ter dificuldade de achar trabalho porque não tenho estudo"* (Diário de campo, 2000). Em muitas das nossas conversas informais elas alegavam que se tivessem "estudado direito" poderiam ter uma outra forma de garantir o sustento do lar, mas, segundo elas, *"nem estudo meu pai deu pra nós, que nós tinha que trabalhar pra ajudar eles!"* (Diário de campo, 1997). No entanto, elas tiveram a oportunidade, através da ALIA/Projeto Previna em parceria com a organização não-governamental APEART, de retomarem os estudos. Das cinco "mulheres de programa" entrevistadas, apenas uma cursa hoje o segundo grau<sup>35</sup>. Três delas continuam analfabetas, apesar de lhes ter sido oferecida a oportunidade de estudo (Projeto Previna). Todas são unânimes em afirmar que não possuem mais "cabeça" para estudar. Foram também oferecidos cursos profissionalizantes de cabeleireira, costureira e manicure, pelo qual pagariam uma taxa de dez reais mensais, valor que seria cotizado pelas interessadas. Poucas delas se interessaram em freqüentar as aulas.

<sup>35</sup> Quando comecei o Projeto Previna, ela havia parado de estudar na 5ª série, hoje está

Desistiram por que "era muito longe" (cinco quadras da Praça) ou porque diziam "não ter tempo". Enfim, percebe-se que elas não vêem a atividade de prostituição apenas como "destino". Ao recusarem oportunidades de escolaridade, profissionalização ou de trabalho (como de diarista por exemplo) sinalizam que vêem a atividade da prostituição como uma escolha, pautada em critérios como autonomia, independência, possibilidade de dispor do próprio tempo.

Apesar do longo tempo no exercício da prostituição na praça (dez, quinze anos em média), observa-se que nem todas as entrevistadas admitem publicamente ser prostitutas. Não há consenso entre as entrevistadas quanto a avaliação de sua atividade. Algumas delas afirmam ser prostitutas:

*"— Pra mim ser prostituta é um emprego, é um nome de um emprego. Se uma pessoa fala pra mim: — Eu sou costureira, eu sou jornalista ... eu sou prostituta. Eu me sinto assim, a mesma coisa que eu ir fazer uma faxina, vou lá fazer um serviço. Não vou lá pra roubá, pra ter mau influência Eu sou deferente. Prostituta acho; é aquela pessoa que cobra. Porque aquela que não cobra é no meu pensamento mulher à toa mesmo, que quer destruir lar, que leva as coisas pro lado errado, num tá nem aí com a vida, num tá nem aí com família ... respeita. Eu conheço mulher que sai com parente, que sai com primo, que sai com tio sabendo que é por causa do vício do dinheiro. Pra mim, é normal se arrumar e ir lá né? Pra ter um ou dois pra mim tá garantido, eu acho que não ofendi ninguém, eu não prejudiquei ninguém, não tomei nada de ninguém. Eu levo na brincadeira, tomo uma cerveja, como um doce, um salgado ..."* (Diário de campo, 10/2000).

(Pergunto o que ela é na Praça, ela me responde:) *"— Eu sou prostituta ... Faz doze anos que tô lá ... Ah, uma hora eu quero tá, outra hora não. Penso de ficá ... as pessoa fala da gente, sabe? Eu acho uma coisa comum! ... Primeiro eu ficava incomodada com o que os outro pensava, sabe? Agora não. Esses dia passou um vizinho e disse: — Você tá aqui!!! Todo mundo vê! E eu falei: — É pra vê mesmo! Se eu não quisesse que vesse eu ia lá pro bosque, lá no meio do mato, pra ninguém vê mesmo, como eu tô aqui é pra todo mundo vê!"* (Diário de campo, 10/2000).

Outras não admitem publicamente ser prostitutas, adotam uma posição ambígua com relação a atividade. Negam a nomenclatura que as

categoriza e identifica:

**"— Vichi! Eu estou ali faz muito tempo! ... Eu acho que é prostituição, mas eu não considero prostituta e nem gosto desse nome!". "Mulher de programa" é melhor... Como eu estou cansada de estar ali... Eu não gosto de ficar ali, eu sempre falei pra você que eu não gosto. Mas você sabe aquela pessoa que não tem instrução, não tem vontade de fazer as coisas, quer fazer mas não sabe ..."**

**(pergunto-lhe se aparecesse um trabalho de doméstica numa casa se ela iria, ela me responde) "— Esses dia, um colega meu arrumou um trabalho, daí eu liguei lá, a mulher já tinha arrumado outra, eu ia ..."**  
**(Pergunto-lhe se tivesse conseguido o trabalho, ela continuaria ainda na Praça, ela me responde:) "— De vez em quando saia .."**  
**(Diário de campo, 10/2000).**

**(Pergunto se alguém quiser saber onde ela trabalha o que ela diz)" — Ah, eu falo que trabalho de diarista. Eu minto pros outros. Eu falo: — Trabalho de diarista. Eu minto, eu tenho vergonha! (risos). Eu venho por necessidade! ". (Diário de campo, 10/2000).**

**"— Profissão? No meu caso, né Liane, já não tem né? No meu caso já não tem profissão, né? As vezes sem chance também né Liane? Porque eu parei de estudar muito cedo né, na roça ... num tive estudo pra ter um serviço bom né? Na Praça a gente tem que ficar ali né, exposto, todo mundo vê. Eu queria arrumar um serviço bom. Assim né, que eu gostasse e ganhasse bem, só isso, registrado que eu possa trabalhar até sabe Deus quando! Eu queria uma profissão certinha." (Diário de campo, 10/2000).**

Razões econômicas são mencionadas para "estar" ou se manter na atividade, exercendo-a como "bico":

**"— Ah, eu tinha vontade de sair dali sim, mas não assim de vez. De vez em quando ir lá, né? Não é mesmo? Que nem uma colega minha falou: — Ah, L. arruma um serviço. e você vai lá de vez em quando!". (Diário de campo, 10/2000).**

**"— Bom, não vou dizer que eu continuaria, ficando ali fazendo ponto que nem eu faço, mas quem sabe de vez em quando sala com alguém pra ajudar nas despesa. Eu pretendo trabalhar e não sair. Sair assim, mas uma coisa bem discreta, sabe? Não ficar ali o dia todo, esperando uma coisa que você não marcou, uma coisa que você não sabe, tá entendendo?" (Diário de campo, 10/2000).**

**"— Como eu vou pagar as coisa ? Porque dinheiro sempre vai né? Sempre quando apura alguma coisa é dinheiro que vai né?" (Diário de campo, 10/2000).**

Nas muitas conversas informais que tivemos, pude perceber que o sentido por elas atribuído à palavra "trabalhar" fica por conta de desempenhar alguma função no mercado do trabalho que seja valorizada pela sociedade, com registro em carteira de forma a se ter direito a todos os benefícios garantidos pelas leis trabalhistas. Mas, esses dez, quinze anos na praça lhes possibilitou mais do que apenas o sustento familiar. Essa atividade lhes garante autonomia, sentem-se "donas de si" - além de proporcionarem prazer aos clientes que as procuram, proporcionam com essa atividade prazer a si mesmas. Elas se pensam como "sujeitos" independente de sexo nessa relação, autônomas, batalhadoras, independentes,

*"— Ah, eu sou forte! Mulher firme ... você entendeu? Eu não tenho medo de nada." (Diário de campo, 09/2000).*

*"— Ah, eu acho que eu sou uma mulher batalhadora, no meu ponto eu sou. O que eu posso fazer eu faço. Num sou uma pessoa assim que vive atrás de bagunça, só vou lá (Praça) ganho meu dinheiro, volto pra casa, não vou a baile, não vou em bar, não saio pra lugar nenhum fim de semana ... é só trabalha ! Sou uma mulher econômica, uma mulher tímida, uma mulher discreta. Eu sou, juro por Deus que eu sou uma mulher totalmente discreta, quieta!" (Diário de campo, 09/2000).*

*"— Vichi, sempre lutando né! nunca deixei falta nada lá em casa, pro moleque, calçado, roupa, comida, sempre tem. Agora compro material né, algum tijolo, cimento, tô erguendo um cômodo lá em casa, um pouquinho cada vez. Depois eu dou uma força lá em casa também, né, pra mãe, eles lá passa muita dificuldade, então eu sempre arrumo um dinheiro, quando não eu compro umas coisa pra ela, é assim". (Diário de campo, 09/2000).*

*"— Tem gente, que sei lá, se acaba por qualquer coisa, desiste das coisa fácil. Eu não. Eu não desisto das coisa fácil. Quando eu quero eu vou atrás até conseguir. Eu não fico olhando assim feio: quantos anos eu tenho, que número eu calço, quanto eu peso. Eu quero saber que eu estou ali, eu estou pronta!" (Diário de campo, 10/2000).*

Os depoimentos mostraram que as "mulheres de programa" casaram muito cedo, ainda adolescentes. Tiveram filhos nessa época e foram abandonadas ou abandonaram os maridos, tomando para si as responsabilidades de criar os filhos. Porém, não desistiram de encontrar

"alguém" que lhes fizesse feliz. Que lhes amasse como elas esperam ser amadas. Acredito que na atividade desempenhada por elas na praça, aguardam uma oportunidade para quebrar o status de "mulheres sozinhas" ou "abandonadas" e "prostitutas" que vendem o corpo para sustentarem os filhos, a si mesmas e à casa. Mais do que assumirem um status de prestígio – ser mulher de alguém – existe a possibilidade de se sentirem desejadas e felizes.

Essas mulheres, ao falarem de sua força, apontam para um aspecto interessante: as relações de gênero.

Ser homem, dizem elas, significa fazer o que quer, mas também é ter que trabalhar duro:

*"— Ah, eu gosto de ser mulher porque a mulher tem a vida mais fácil, mais tranqüila. A vida do homem é mais difícil. O homem, pra você vê, as vez tem que trabalha, chega em casa tem que , se ele for sozinho, tem que fazer o serviço da casa, as vez tá cansado e tem que fazer o serviço da casa! Ah, não sei, eu acho que o homem tem a vida mas difícil! Eu faço tudo isso também, acho difícil também mais pra mulher é mais fácil ... é mais fácil ". (Diário de campo, 09/2000).*

*"— Se eu tivesse nascido homem talvez eu tivesse uma profissão né? Se eu tivesse nascido homem talvez tivesse um serviço!". (Diário de campo, 09/2000)*

Segundo elas, para o homem ficou determinado a mais pesada das responsabilidades: o serviço no espaço público, um espaço individualizado, de luta, de malandragem (DA MATTA, 2000).

Na condição de "mulher de programa", essas mulheres se permitem vivenciar um desdobramento de papéis sociais. Batizam-se com "nomes de guerra" que, muito além de lhes conferir um novo nome, lhes possibilita um "outro jeito de ser". Como se usassem máscaras, no sentido colocado por Goffman, elas se permitem viver ritualmente outra realidade, ou um "outro mundo", conforme Da Matta (2000). No entanto, essa representação virtual (conforme Goffman, 1993) diz respeito à imagem pública. Essas mulheres, por outro lado, são também mães, donas de casa. Perguntei-lhes a respeito dessa dupla identidade, comentaram o que segue:

**"— Nossa! Falei esses dia. Nossa Senhora! Totalmente! Eu gosto dos dois nomes ... na Praça eu sou alegrona né? Tem muita gente que fala pra mim : — Eu não imagino você como é na tua casa! Porque fem gente que fala pra mim: — Que não imagina que eu faço comida, limpo casa né? Porque eu sou diferente né? Super diferente ... alegre, alegre nossal Vejo piada, conto piada. Chego em casa até esqueço as piada, não sei porquê ... Em casa eu sou mais fechada ... "** (Diário de campo, 09/2000).

**"— Eu acho que só muda ... que em casa sou mais triste! "** (Diário de campo, 09/2000).

**"— Na Praça eu sou uma coisa, aqui (na casa dela) eu sou outra! Aqui eu dou carinho pro meus filho, em casa eu limpo a cabecinha deles, limpo os ouvido. Na Praça sou prostituta!"** (Diário de campo, 09/2000).

**"— Eu tenho duas cabeça. Aqui (em casa) a gente anda direitinho, respeita os filho, mostra que a gente não é mulher da vida, lá (na Praça)é diferente! Lá eu faço meu ponto lá, programa ... A da Praça é alegre até demais. Em casa eu sou meia triste ... Lá (na Praça) eu brinco, falo besteira pra todo mundo como você já viu (risada) ... lá divirto, em casa sou triste. Ah, fico lembrando os problema ... lá (na Praça) eu tô lá me divertindo com as colega, com os colega sabe? Então aqui (em casa) eu tenho outra cabeça! "** (Diário de campo, 09/2000.)

**"— Eu sei que eu já nasci mulher! Mulher já nasceu pra sofrer. Eu sou um pouco de cada coisa: eu sou mulher, sou mãe e sou pai, eu sou tudo o que precisa. Eu sou tudo dentro de casa, a responsabilidade da casa, das dívidas, da doença, da felicidade, tudo! Então eu acho que sou muito mais que uma mulher! Porque aqui dentro (de casa) eu sou uma mulher, eu sou por exemplo a dona do lar. Se eu tiver trabalhando numa firma eu sou funcionária. Num misturo as coisa. Na Praça é como um emprego ... a mulher se prostitui pra sustentar os filho, pagar as conta." (Diário de campo, 09/2000).**

Na *rua*, elas dizem que são pessoas risonhas. Se arrumam, se cuidam para desempenharem uma função na qual possuem autonomia de escolha. A *rua* é o lugar não só do "trabalho" mas também um domínio onde fazem o que querem, com quem escolhem e quando querem. O comportamento dessas mulheres da praça contradiz o argumento de Da Matta (2000) sobre os códigos da "*rua*" e "*casa*". Ao contrário do que afirma Da Matta, para elas, a *rua* é o lugar do divertimento. É no espaço da *rua*, no momento ritual do "encontro com o cliente", onde os olhares se entrecruzam, a conversa "rola" e a "negociação" acontece, que acreditam

poder estabelecer, algum dia, uma relação afetuosa. Então, elas dizem: "*eu ia arrumar uma pessoa assim pra mim, uma pessoa assim pra ficar, nem que não me desse nada ...*" (Diário de campo/2000). Esperam ter junto de si um companheiro, uma família, um lar comum.

Buscando apreender mais sobre o imaginário das "mulheres de programa" da praça, adentrei o seu universo familiar.

## Capítulo 6

### A Casa

"Toda mulher para ser mãe, deve renunciar à prostituta que de forma latente habita dentro dela". (SAFFIOTTI, E. 1980: 15).

#### 6.1 As "Mulheres de Programa" e o Lar

Da Matta (2000) no texto "A Casa e a Rua" salienta que nestes espaços existem mais do que atitudes. No imaginário brasileiro, existem códigos de comportamento. Nestes espaços existem visões de mundo. Segundo o autor,

*"(...) "casa" e "rua" são categorias sociológicas (...) estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas, acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas." (2000: 15).*

Dessa perspectiva, a casa remete ao sentimento do "calor humano", já a rua remete ao local de movimento repleto de perigo, cercado pela marginalidade gerando espaços individuais. As "mulheres de programa" da praça vivem o seu cotidiano entre esses dois mundos: o da casa, o lugar do aconchego; e o da rua, o lugar do anonimato no qual "ninguém conhece ninguém".

Seja qual for a sociedade analisada, percebe-se que no recinto privado da casa, mesmo que de uma maneira tênue, pode existir uma linha

divisória imaginária que demarca os limites de pertencimento entre o universo feminino no lar e masculino fora do lar. Um exemplo é a orientação da casa *Kabila* que, segundo Bourdieu (1963) é

*"(...)primordialmente definida do exterior, do ponto de vista dos homens e, se pode dizer, pelos homens e para os homens, como o lugar de onde saem os homens (...) prospera através da mulher; seu exterior é belo por causa do homem. A casa é um império num império, mas permanece sempre subordinada porque, mesmo quando apresenta todas as propriedades e todas as relações que definem o mundo arquetípico, permanece um mundo às avessas, um reflexo invertido. "O homem é a lâmpada de fora, a mulher a lâmpada de dentro. " (1963/ 64: 106).*

Na casa brasileira, segundo Da Matta (2000), ocorre o mesmo. Porém, como código de comportamento e de relações a casa é um espaço de "plena de cidadania":

*"(...)na casa podemos fazer coisas que são condenadas na rua, como exigir atenção para nossa presença e opinião, querer um lugar determinado e permanente na hierarquia da família e requerer um espaço a que temos direito inalienável e perpétuo. Em casa somos todos "supercidadãos". (2000: 20).*

A casa brasileira possui certas características que identificam quando a presença feminina é a parte integrante do recinto: o tapete colorido na entrada, o vaso de flor sobre a mesa, as várias toalhinhas sobre os móveis. É assim que sou recebida à cada casa agendada. No rosto, um leve sorriso, embora as mãos agitadas denotem uma certa ansiedade (afinal, o que será que ela vai perguntar?): o corpo à vontade nas roupas soltas de malha ou jérsei (seja saia ou calça comprida), descansa sobre os pés que, protegidos pelos chinelos emborrachados de dedo, vão me receber ao portão.

Excetuando-se uma casa que se apresenta em extremo estado de pobreza<sup>36</sup>, as demais, por mim visitadas, eram simples, porém muito

---

<sup>36</sup> Pobreza no sentido de pouca ou nenhuma condição material uma vez que o chão é de terra batida, não existe água encanada, não possuem fogão de lenha, nem de gás; cozinham em uma lata com querosene; não vi mesa nem cadeiras, os móveis são velhos, rasgados, dando a impressão que foram tirados de algum lugar onde ficam para serem jogados como "lixo".

acolhedoras. Os móveis são em geral velhos, muitos deles frutos de doações, alguns foram comprados por meio de intermináveis prestações em uma loja na cidade, enquanto outros são verdadeiros improvisos que se mantêm firmes para suportar os vasos de flores sobre as toalhinhas de crochê ou panos com bordas de renda (artigos do \$1,99), que sustentam os enfeites de porcelana simples que ficam à mostra dando um toque singular a cada lar.

Panos improvisados nas janelas protegem do sol intenso as peças da casa. Cortinas desbotadas servem de parede dividindo os espaços necessários para a morada. Nas camas, deparei-me com aquelas antigas colchas de Chinile do tempo da minha vó, enfeitadas com almofadas estampando animais (gato, cachorro) e babados franzidos coloridos.

No chão tapetes de retalhos, aqueles que vão formando um triângulo quando unidos, sobre os quais elas diziam: "*— fica bonito né?*" Meu olhar, embora silencioso mas atento, percebe que as paredes estão semi-cobertas com tintas descascadas ou senão desbotadas, misturadas às digitais de dedos ou rabiscos feitos a lápis ou canetas sugerindo que ali existem mãos de filhos ou netos pequeninos. Essas paredes são enfeitadas com quadros de aglomerado e papel colado de artistas eleitos pelos que ali residem como sendo "os mais lindos" ou os mais "famosos", os quais dividem os espaços da parede com antigos quadros de retratos (muitas vezes dos avós ou da mãe e filhos)<sup>37</sup>.

O piso das casas é de madeira ou cimento pintado (apenas uma delas tem lajotas). A cozinha, geralmente, é o espaço menor da casa e abriga, amontoados: a geladeira, o fogão, a mesa e o armário. Em uma das casas quando cheguei sentia-se de longe o cheiro do doce que assava no forno. Tive que esperar esfriar para saboreá-lo. Mesmo que a receita não

---

<sup>37</sup> O esteriótipo da casa da prostituta tanto no senso comum como em textos literários é, no entanto, outro. Espera-se encontrar em suas casas um quarto com cama de casal coberta com uma longa colcha em cetim vermelho ou rosa, acompanhada de almofadas, em formato de coração, em vários tamanhos, assim como roupas íntimas provocantes em tons de preto ou vermelho. Isso não se encontra na casa das "mulheres de programa" em Londrina.

tenha dado certo, o pudim ficou uma delícia! Comemos e rimos muito do acontecido.

Procurei não ir às casas de mãos vazias. Sempre que possível, levava algo para saborearmos, principalmente nas casas das famílias mais carentes, pois não queria que as mulheres se preocupassem em fazer algo para me oferecer. Elas, no entanto, fizeram questão de sempre terem alguma coisa a oferecer: o cafezinho com pão caseiro; as bolachinhas de nata com Ki suco, o refrigerante com bolo, tudo feito por elas mesmas. Nas casas onde havia crianças, procurei levar bolachas e chocolates.

Ao utilizar a técnica da entrevista, pude perceber que este primeiro diálogo foi abrindo caminho para as demais mulheres da casa: mães e filhas.

Fui descortinando, nesse ambiente, através das falas cruzadas das mães das "mulheres de programa" e suas filhas, as representações e os sentimentos com que vivem e/ou convivem com relação a atividade delas na praça.

Cheguei à casa das mães das "mulheres de programa" acompanhada por estas últimas. Minha primeira entrevista começou num início de tarde. As lembranças eram tantas e desordenadas que os fatos, como num turbilhão, iam e vinham igual ondas batendo no mar. Começamos pelo relato da história de vida. Separada do marido, filha de lavrador, a mãe de "M.", cresceu trabalhando na terra. Ela, segunda filha de nove irmãos, foi mãe solteira aos treze anos sem nem saber o que era menstruação. Achava que o sangramento era uma conseqüência da brincadeira no pé do bambuzal. Abordada no meio do mamonal e milharal por um rapaz que freqüentava a casa dos pais, ela se viu sob a mira de um revólver. Como ela mesma me dizia: "*— As vezes tava inté descarregada, mas eu era criança ...Aí, duas veis, eu fiquei grávida!*" A família só veio saber do acontecido quando o neném já estava pra nascer na beira do rio, quando olhava uma flor.

*"— Eu gosto muito de flor, na beira do barranco da minha casa assim, era prantado, meu pai tinha feito uma valeta assim, pra fazer o*

terreno pra secar mamona e em roda assim, ele tinha posto umas violeta e umas flor muito cheirosa ... muito cheiroso. Tinha rosa, umas pranta coisa mais linda! Eu adorava pega meu prato de comida e senta lá sabe? Aí, senti lá assim eu senti assim aquelas roupa meio largona que a gente usava de primeiro, eu senti minha barriga naquele movimento assim ... eu olhei — Meu Deus! Que será isso que eu tô com ele aqui né? Mas minha vó as veis dava uma escapadinha com as conversa dela ... eu falei: — de certo minha vó que vai desce (a menstruação que já não vinha há muito tempo) Aí, quando foi umas hora ... mais essa barriga deu dor, umas quatro hora da tarde mais ou menos, meu pai tava pra chegar da roça e aquela dor ...me deu aquela guisa assim, aquela coisa desastrosa, eu falei: — Vó, me acode!, me socorre porque eu tinha muito medo da minha mãe, mas minha vó era, nossa senhora do socorro ... socorre vó que dor!. E ela veio e perguntou: — Que foi minha fia?. Fui pro quarto deita ... aqui minha fia, deixa eu fazer um remédio, ela fazia óleo de mamona, ela esquentou e passou assim na minha barriga, fez chá amargo pra mim, também num sabia que eu tava grávida. Ai, quando veio, estorou a bolsa, ela falou: — Nossa Senhora da Aparecida! Chamou minha mãe e disse: — A N. tá grávida! Eu queria morre né! Aí eu comecei a tremer, tremer e ela ...— calma minha fia! Ela chamava meu pai pelo apelido, pra meu pai não matá nós né? Meu pai não esperava né? Aí nasceu minha fia, a M. deu a primeira dor, na segunda dor ela nasceu! Uma criança desse tamanho (mostra o braço) dessa grossura, aquele rosto ... Aí a minha mãe , lá na porta ...falava pro meu pai: — tá acontecendo alguma coisa, e você se acalma ... e minha mãe foi conversando com meu pai lá sabe? E eu muito criança, não entendia de nada, e a minha irmã mais velha quando viu aquele movimento, minha irmã mais velha me engolia de raiva. Eu era um pouco grande e a minha mãe com minha vó não deixava, ficava me cuidando, você entendeu? Aí eu saí do quarto não tinha cara pra olha pra minha mãe, não tinha cara pra olha pro meu pai, não tinha cara de olha pra minha vó! Eu ia pergunta pra eles porque, que aconteceu? Ai a minha vó sentou na beira da cama chorando e perguntou pra mim: — Fia, de quem que é esse nenê? E eu — Vó, não sei. Que eu trabalhava com meu pai direto, né. Ela falou: — Escuta aqui, é do Patinha né? Porque o apelido dele era pato, né? Aí, fui conta pra ela. Falei: — Vó aconteceu isso e isso assim e em tal lugar, assim, assim, foi com o revolver do primo dele, era uma bereta ... Ela então falo: — Ai, fia e ocê num contou porque, porque ele falou que ia matar o pai e mãe e ia matar nós ...que ele ia durmi aqui em casa e com a arma , num faz barulho, ele ia mata a gente. Aí eu não contei porque eu não queria que matasse o pai. Mata o pai, quem cuida das criança? Mata a mãe, quem cuida das criança?. Aí minha vó, coitada ... ela falou, o meu pai falou que queria matar ele. Deu uma bagunça, e ele fugiu, ele tinha dezesseis ano. Fiquei mas de um ano na casa da minha mãe, depois nós casou." (Fala da mãe de M., Diário de campo, 10/2000).

A outra mãe, segunda filha de três irmãs, também filha de lavrador e separada do marido, quando por mim solicitada para falar de sua vida, me lançou um sorriso triste e num suspiro longo, junto as roupas que lavava e torcia no tanque, começou a falar de sua infância na presença de duas filhas e um ex-genro, que por ela é admirado e que ainda freqüenta a casa,

*"— Minha infância não foi boa não. Sempre sofrendo. Meu pai era muito pobre, meus pai não se dava bem né? Meu pai e minha mãe não era de bater, só dava conselho. Eu acho que tive o mió pai do mundo! Era bom! Sabia dá conselho pra gente! Em vez de bater e xingar, ele chamava e dizia: — Ói, é assim, assim. Até hoje eu tenho gravado as palavra dele! Passei muita fome também. Depois antes deu casar com esse marido meu, eu tive dois fio. Meu menino meu pai criou ele. Depois me casei, vim pra cá. Trabalhei na roça desde seis ano de idade. Eu sai de casa com dezessete. Já era mãe de dois fio. Olha a minha fia aqui (mostra ela). Criei ela com tanto sacrificio. Todo mundo me pedia ela. Ela mesma fala que tem muito orgulho que eu seja a mãe que eu sou!" (Fala da mãe de L., Diário de campo, 10/2000).*

Com a terceira e última mãe, não foi diferente. Ao narrar sua história, ela chamou-me atenção para o fato de seus pais serem primos irmãos. Apenas uma filha nasceu com problema de formação (três dentes grudados no céu da boca). A informante é a primeira filha de oito irmãos. Os filhos homens morreram ainda bebês. Ela também era filha de lavrador. Conta-me,

*"— Minha educação foi muito rigorosa. Eu como filha mais velha, fui educada mais assim como um chefe de casa né? Sempre com a ausência do meu pai, então eu tinha que mexe com o negócio de gado, cuidar do serviço de roça, sempre mexendo com bastante gente trabalhando, então eu tinha que tá mexendo com essas coisa né? Participava muito pouco assim, da faxina de casa. Essa coisa assim era pouco né. Estudei muito pouco também. Eu só tenho o segundo ano primário. Com doze ano eu fiquei doente, um problema sério de saúde, um problema na cabeça, esquecia tudo que estudava, aí parei de vez. Minha mãe era muito rigorosa, sempre foi. Meu primeiro namorado foi meu marido. Não se falava de menstruação, essas coisa. Mas eu casei muito cedo, com quinze ano. Com as minha irmã foi mudando. Eu só menstruava com injeção forte, os médico até dizia que eu nunca ia ter filho. Eu tomava injeção pra descer. Daí veio a menstruação certinha todo mês, não atrasa, nem adianta. Normal. Meu pai era rigoroso mais que minha mãe. Ele batia muito. Batia em nós e na minha mãe. Meu pai bebia muito, então ele chegava em casa, ele achava que os outro brigava com ele lá na rua, então a gente que tinha que pagá por aquilo, então ele batia em mim, batia na mãe, batia nas minhas irmãs, matava a criação no terreno, quebrava as coisa dentro de casa! Ele saía e ficava semanas fora de casa. Uma vez ele ficou um ano fora. A gente não passou fome porque a gente trabalhava, minha mãe até hoje trabalha! Ela sai, tá doente, tá velhinha mais vai assim mesmo pra roça, não desistiu. Eu fugi de casa pra casa, minha mãe sabia. Meu pai não deixava namora, então era tudo escondido! Casei sem dormi com ele (risadinha) Naquele tempo ninguém pensava em sexo. Aí fugi e casei. Meu marido faz negócio mau feito sabe, perde tudo que ganha. Nós nunca tem nada. Foi tudo em vão. Que adiantou? Faltou estudo pro meus filho, faltou atenção pra eles. Faltou conforto, e a gente ainda continua sem nada. Olho pra trás e acho que podia ser diferente. A visão que os meus filhos tem e vão sempre ter é que não foi um bom casamento não. Mas eu gosto dele até hoje! Ele diz que gosta de mim,*

*só que sabe como é que é. Ele é uma pessoa que também não tem estudo e ele é uma pessoa agressiva, qualquer coisa ele acha que ... vamos supor, se qualquer coisa que não dá certo a culpa ou foi da mulher ou dos filhos, ele não entende e nem procura entender, bebe muito também, meu Deus! Como bebe! Bebe em casa, bebe trabalhando, bebe no serviço. Todo dia no mínimo um litro de pinga!"* (Fala de mãe de R., Diário de campo, 10/2000).

Suas histórias mostram como cada mãe de mulher da praça acionou suas estratégias de vivência para suportar as situações difíceis que o mundo lhes apresentava. Como indica Gilberto Velho (1985), as pessoas sinalizam para determinados comportamentos apoiados pela sua bagagem cultural. Ele argumenta que os indivíduos fazem leituras diversas da sua cultura, o que possibilita que as pessoas experienciam existências particulares com as quais balizam suas ações. Ou seja, essas mães das "mulheres de programa" reproduzem com suas filhas (as mulheres da praça) o (não) aprendizado recebido quando meninas. Da forma como este conhecimento sobre a vida foi passado, foi igualmente repassado aos seus filhos(as) também. Sexo, menstruação, intimidade eram temas desconhecidos na sua vivência familiar assim como na vivência de suas filhas.

Da Matta (2000) ressalta que

*"(...) cada sociedade ordena aquele conjunto de vivências que é socialmente provado e deve ser sempre lembrado como parte e parcela do seu patrimônio como mito e narrativas –daquelas experiências que não devem ser acionadas pela memória, mas que evidentemente coexistem com as outras de modo implícito, oculto, inconscientemente, exercendo também uma forma complexa de pressão sobre todo o sistema cultural".* (2000: 36-37).

Dessa maneira, as mães das "mulheres de programa" interiorizaram que são portadoras de uma força que as possibilita suportar qualquer dor ou sofrimento. Foram ensinadas pela vida a agüentar e calar. Quando falam de suas filhas fazem questão de lembrar que suportaram situações mais difíceis do que elas. Uma dessas mães justifica: " — Ah, minhas filha são forte, mas não como eu! Não enfrenta o que eu enfrentei não na vida!".

Quando indaguei às mães a respeito da atividade da filha na praça,

pude perceber que o seu discurso se assemelha àquele da leitora do jornal da cidade. Elas partilham do discurso de senso comum, conservador, moralizante. Para elas, o fato de a filha estar na atividade de prostituição é tido como humilhante:

*"— Eu não gosto não. Podia ser diferente, eia ter outra profissão. Arrumar um emprego, trabalhar né? Mas o quê que eu vou fazer, né?" Pergunto se ela acha que a atividade da filha não é emprego, ela me diz: "— Eu não acho, isto aí é errado! Porque você vê: Ficá lá num lugar daquele, fica manjado né? Eu acho! Não tem futuro pra ela! Só o que eu acho que ela faz de errado é isso daí ! Já dei muito conselho. mas o que eu vô fazê? Já tá maior de idade, né? A senhora vê, fica uma mulher sem homem, sem dono, sem valor, tudo mundo fala, não é mesmo? Agora uma mulher, ela pode ser pobre, mais honesta, trabalhadeira, né? Isso daí que eu acho. Agora ficá num buraco daquele, eu não concordo não! Eu não concordo com isso não. Eu sempre falo pra ela. Ela fala que não que não agüenta trabalhar, que sente muita dor nas cadera, não sei o que ... sempre falei isso pra ela né fia?" (fala olhando pra outra filha presente) "— Oi essa, essa não vai num lugar daquele, toda vida trabalhou. Ela pode tá com homem, como sem homem, mas ela sempre batalhando, trabalhando honestamente. Ela não é esse tipo de mulher que nem a L. de arruma um, depois outro. Ela arruma uma pessoa sempre para por um tempo! Respeita, se não der certo ela larga ué! Não é mesmo L. que eu sempre falo pra você que essa vida que você vive não é vida?" (L. reclama:) "— Aí meu Deus, tem que mexe comigo heim! Mexe comigo não tá bom mãe!". A Mãe desabafa: "— Eu sempre do conselho pra ela, mais o quê que eu vô fazê! A irmã dela de São Paulo, ela fala pra ela chorando saí dessa vida! (L. diz que toda a família dela é contra isso daí) "— Eu sempre falo pra ela: — É perigoso L., pega doença e tudo!" (Diário de campo, 10/2000)*

Uma outra mãe também afirma o seu preconceito:

*"— Eu não acho certo não. Ela pode não tá errada, mas é como eu tô te falando: se a gente pára pra pensá e falá: Ah! Não tem nada pra mim fazê eu tenho que vende meu corpo, como é que fica? Eu acho que a gente tem que regaça as mangas e falar: — eu vou fazê alguma coisa na vida e segui em frente! De certa maneira elas tão trabalhando, lógico né? Elas encaram como um trabalho, só que pra mim, eu acho que é uma humilhação a pessoa vender o próprio corpo pra sobreviver porque tem tanta coisa pra gente fazê, não têm? Se você para pra analisa! Eu acho que vai da força de cada um, eu acho que cada pessoa pensa de um jeito né? Primeira coisa elas tão se humilhando, eu acho que mulher nenhuma merece vender o corpo por tão pouco, em segundo elas tão arriscando pegá certo tipo de doença, mesmo que previne, mas ... É meus fio que me ensina, porque eu, quando casei não sabia nada disso e até hoje o que eu sei é o que os fio ensina!" (Diário de campo, 10/2000).*

A terceira e última mãe entrevistada, ao contrário das demais, se mostra compreensiva com a atividade da filha.

**"— Eu não sou contra não. Não sou contra porque ela num foi uma pessoa de sorte. Quer dizer, eu não fui boa mãe, eu acho porque nunca tive nada de bom pra oferecer pra ela também né? Toda vida a gente foi pobre né, quer dizer, não de espírito, a gente foi pobre de dinheiro e ela nunca gostou de ser pobre! Ela nunca gostou de ser negra! Ela nunca gostou de homem preto. Ela casou muito cedo, não teve tempo de ela conhece o que era bom, o que era ruim direito, então, coitada, ela teve fio muito cedo, o marido nunca ajudou ela muito que prestava e ela, você vê, ela é nova e já é avó!, né? E ela fala: — Mãe, eu tô saindo!, eu falo: — Vai com Deus minha fia! Porque a vida da gente vale ouro, e quem deu a vida pra gente é Deus e ninguém pode tira a vida da gente de graça. Então, esse conselho que eu dou pra ela todo dia. Agora, criticá o que ela faz ou deixa de fazê, jamais eu faço!" (Pergunto se ela fica triste com isso, ela me responde:) "— Não, não. Se ela sente prazer nisso, não deixa de ser minha fia, Deus me livre, e minha fia de coração, Deus me livre, é minha fia de coração, é minha fia e continua sendo, amo ela! Ela não dá escândalo, não mexe com vizinho, ninguém tira farinha com ela, é braba que nem uma pimenta, entendeu? Até comigo ela é braba! Ela tá dando o que é dela, ela acha gostoso dá, e os outro tá lá ... que dá ... Ela não dá, ela vende! Se ela vende é porque ela precisa de dinheiro, né? Dá o dinheiro pra ela eu não posso, quando eu posso ... mais alguma ... quando eu não posso, ela vai dá por dinheiro!. Eu acho que é a vida de uma mulher, é a vida normal. A pior puta que é, é aquela que dá todo o dia em casa, porque ela não dá todo o dia! Porque a mulher casada, querendo ou não querendo marido faz dá na marra, ou dá ou fala que tem outra, não é verdade? Agora elas não, a hora que aperta o burrico delas, elas vão lá, os home que não tem o que fazê, que tem dinheiro a vontade, abundância, que quer dá, vai dá que leva, né? Então não sou contra não!" (Diário de campo, 10/2000).**

Entrevistei também as filhas das "mulheres de programa" com o objetivo de verificar como vêem a atividade de suas mães na praça. Verifiquei uma mistura de sentimentos semelhante a de suas avós. O preconceito está presente na fala de todas elas:

**"— Nos incomoda bastante (falam as três filhas) Sei lá não é bom pra ela né? Ter um emprego é melhor né? Ficar vendendo o corpo né! Uma humilhação, eu acho! (filha 2 de D.) — Eu acho que é uma vida que não faz bem pra pessoa. A pessoa não se sente bem, uma falta de dignidade, uma humilhação! Não é um meio legal entende? Um dinheiro feito assim, muito, muito ... a pessoa ... tira a valia da pessoa, entende? (filha 1 de D.) — Ah, incomoda a mãe tá lá na Praça! Porque é imoral pra pessoa, porque ela pode passar na rua de cabeça escondida ...Eles tirava tudo sarro da gente! ...os amigo da escola! Incomoda, eu até batia nos menino! (filha 3 de D.)" (Diário de campo, 10/2000).**

Pergunto se sentem vergonha do trabalho da mãe na praça. E elas disseram:

*"— Que vergonha! Isto é prostituição. Todo mundo diz isso porque é uma coisa verdadeira. É pecado! Vichil porque a gente fala que o corpo mostra que a pessoa deve ser zelado, então é uma forma assim que você aborrece muito a Deus! (Filha 1 de D.). (Pergunto se isto aborrece a Deus ou a ela, ela me diz): "— Olha, de certa forma sim porque eu não gosto de vê o que ela faz. Se eu pudesse trabalhar por ela pra ela não ter que trabalhar doente, eu trabalharia! — Coitada! (Filha 2 de D.). (Diário de campo 10/2000).*

*"— Sinceridade? Eu não aprovo e descobri isso no finalzinho do ano retrasado! Meu irmão já sabia, desde que ele tinha dez anos. Não aprovo de jeito nenhum! Eu não aprovo. Não adianta o povo falar assim: — É, ela faz isso pra cuidar de vocês. Só que me deixa triste de uma maneira, por que olha: eu vivo indo no centro. Como que eu devo me sentir subindo pro centro, vendo minha mãe lá naquele sol quente sabe? Se matando, sabe? Se matando por aquilo ... alguém chega assim e fala assim: — Nossa! Hoje eu não tenho um real, sabe? Ela pode dizer isso, mas as vezes até mentindo pra mim. Mas as vezes eu fico ferrada da vida de subir pro centro, encontra minha mãe naquela vida dela e as vezes não trazer um real pra casa. E outra, ela tem saúde, uma mulher bonita, isso que me deixa irritada. Ela tem como se ... pode muito bem arrumar um emprego, não assim limpar a casa sabe? Ser dona de casa com nariz empinado, não concordo com isso também. Os camelos aí precisando de gente pra trabalhar. Eu acho assim, que ela não é obrigada a fazer porque ela já sofreu tanto quando era casada, já sofreu tanto morando com meu avô, depois de ter dois filhos, formada com cabeça formada, tudo ainda fica sofrendo mais ainda. Eu não suporto que quando ela chega em casa ainda reclama pra mim. E eu vendo aquilo tudo, vendo que ela tá sofrendo, vendo tudo isso, eu vou falar uma coisa, ela diz: — Deixa que da minha vida cuido eu! Isso me incomoda e muito!. Então se da vida dela ela cuida, então porque reclama pra mim? Entende? Dói em mim saber que a minha mãe fica lá em cima, meu! Isso me dá vergonha pra mim. Meu amigo esses dias, chegou ... sabe? — Mãe, meus amigos foram te ver lá!. Então isso é chato pra mim, quase todos meus amigos do colégio conhece ela! Ela diz: — Eles não me dão o que comer dentro de casa, eles não tem nada a ver com a minha vida!. E a minha? A minha imagem no colégio, como é que fica? E o que me deixa assim mais insegura é os meninos. Os meninos vêem minha mãe lá, tá tudo bem, pode não ser igual mas, o que vão pensar se mãe é daquele jeito, a filha deve ser pior!. É isso. pode até achar que eu sou um pouco ignorante, não pensa muito bem no que eu tô falando, mas é isso!" (Filha de L., Diário de campo, 10/2000).*

*"— Aí, sabe, eu nunca parei pra pensar. Eu sou neutra sabe, nem pra lá nem pra cá. A favor eu não sou também. Ficar lá, a mostra lá ... eu sou contra! Francamente, eu sou contra! Eu acho que ... eu nunca conversei isso com ela mais se ela viesse me perguntar eu dizia pra ela. Eu acho assim, que tem pessoa mais necessitadas, pessoas mais carentes que realmente consegue sobreviver, tá difícil ... entendeu?Têm*

*... pessoas que consegue sobreviver não fazendo isso! Esse tipo de coisa ... Eu acho que isso é opção na vida de cada um. Deus deu o livre arbítrio para você, você segue o caminho que você quer, você tem o futuro que você quer. Você pode ser uma garota de programa ou você pode estudar, ser uma psicóloga, eu posso ser uma grande administradora de empresas, que é o que eu quero! Sabe, eu acho que é uma opção. Você vai porque você optou, porque realmente a pessoa diz não quero, diz: eu não quero. Isso na verdade é comodismo, aqui entre aspas. Porque realmente tem gente que não tem condições de ter, é analfabeta. Hoje o mundo tá totalmente globalizado. Hoje se elas forem procurar serviço, eu sei que o serviço que elas vão ter, entendeu? Vai ser o de uma faxineira, ou de uma cozinheira, ou de uma zeladora, alguma coisa do tipo. Então, uma mais velha não serviria. Eu sou completamente neutra! Eu sou contra. Eu acho que tem muita gente que vive ... meu namorado ganha mil e pouco por mês e a gente tava querendo casar. Então perguntei como a gente vai viver ... não sei!. Tem família, tem mulher que trabalha, ganha duzentos por mês e consegue viver. Como você explica isso, né? Então eu acho que é opção. Eu acho que isso é opção dela. Se ela falar realmente eu não quero, ela não quer! É uma decisão dela. Ela tomou essa decisão de livre e espontânea vontade. Isso é uma coisa que ela tem que ver que tá fazendo mal pra ela. Que ela não quer mais esse tipo de coisa. Que não. Então ela tem que se empenhar e realmente procurar, ela vai mesmo, eu tenho certeza absoluta, ela vai encontrar um serviço assim ... que seja aos olhos do povo, da sociedade, da comunidade geral, sege um emprego sério ... é uma pessoa boa, tem um bom coração, é boazinha, uma pessoa maravilhosa ... Mais ninguém tem essa visão! A pessoa se acomoda! Ela precisa é de força de vontade pra sair disso! A gente pode aconselhar, dar uma força, mas ninguém mais do que ela mesma tem que ter essa força de vontade. A força vem de Deus, mais é da gente também!. Não acho legal ela ficar lá! Eu gostaria que ela fizesse uma coisa mais íntegra!". (Filha de J., Diário de campo, 10/2000).*

Dentre as seis entrevistadas, apenas uma das filhas não conseguiu chegar ao final da entrevista. Com a idade de doze anos, ao indagá-la sobre como ela via a atividade da mãe na praça, deparei-me com um rostinho entristecido e choroso que tentava me responder.

*"— Eu vejo como uma pessoa normal, que ela faz isso pra nos alimentar, pra pagar as conta dela, esse tipo de coisa! (Pergunto se ela acha ruim a mãe ficar na Praça, ela me diz:) "— Não. Bem, eu preferia que seja diferente ... foi o que ela escolheu, ela não perdendo ... (seu choro me faz calar, então pergunto a ela se quer parar a entrevista) "— Eu quero, eu não gosto de falar dessas coisas ...". (Diário de campo, 10/2000).*

Esse sentimento, esse mal estar está presente não só na fala das filhas como também na fala de suas avós e de suas mães: "*sinto vergonha*", "*eu minto, digo que sou diarista*"; "*uma humilhação*"; "*tá errado*"; "*não*

*aprovo*"; "a gente ali ... passa família"; "meus amigos vão vê ela lá". São sentimentos do senso comum que reportam para uma linguagem da *rua* em oposição a linguagem da *casa* onde o indivíduo é, como afirma Da Matta (2000), "supercidadão". O espaço da *casa* permite ao indivíduo expressar opiniões e chamar a atenção sobre si pois, neste espaço, seus direitos são inalienáveis. No entanto, essas relações familiares estão marcadas por tensões que favorecem um distanciamento, uma cobrança. Como desabafa uma das filhas das "mulheres de programa" ao falar de sua mãe: "— meus amigos vão ver ela lá (na praça) ... vão pensar que a filha é igual!". Desse modo, a lógica que conduz o discurso de todas estas mulheres é a lógica do código da *rua* que se sobrepõem ao da *casa*. Por isto ele é crítico e autoritário. Da Matta (2000) salienta que esse comportamento é próprio da sociedade brasileira, mais especificamente das camadas populares ou inferiorizadas, como no caso delas, que se valem do argumento *moralizante* da classe dominante para se expressarem sobre alguma situação ou fato que os atingiu diretamente. É o que se observa entre mães e filhas pesquisadas. Elas reproduzem exatamente o discurso moralista da leitora do jornal.

Na fala das filhas percebe-se um consenso de não aceitação da atividade prostitucional. No caso das mães das "mulheres de programa", não há consenso na representação sobre a atividade profissional de suas filhas. Duas consideram a atividade humilhante; a outra valoriza pelo lado da "razão prática": "dá dinheiro". Apesar dessa divergência de opiniões, todas enalteceram as filhas como "vencedoras", uma vez que enfrentaram e enfrentam todas as dificuldades impostas pela vida sem esmorecer, nem desistir.

**"— Minha filha! Nossa, é maravilhosa! Braba, boa. Ela é uma vencedora. Ela é uma mulher rompante, uma mulher lutadora que tem vontade de vencer na vida, entendeu? Ela ficou sem marido, casou muito criança, entendeu? Ela lutou muito pra criar os fio dela e tá lutando ainda. E ela não tem preguiça de trabalhar, qualquer coisa ela enfrenta. Não falel pra você que até catar algodão, que eu nunca fiz, ela faz! Ela trabalha de bóia fria, ela falou que se for preciso ela sai até pra cata papel, pedir na rua, qualquer coisa pra ela serve pros fio não passar fome! Ela como mulher é muito amada! Nossa! o povo gosta dela. É**

*telefone que liga pra cá ... só no aniversário dela teve duas festas, Foi um festão aqui que você precisava de vê. E outra coisa, ninguém nunca falou pra mim que ela faz essas coisa lá na cidade. Eu nunca falo pra ela que ela se prostitui. Ela fala pra mim: — Mãe, eu vou trabalhar. E eu olho nela, dou uma risadinha né? Ai ela diz: — Trabalhar né mãe, eu não ganho dinheiro? " (Diário de campo, 10/2000).*

*"— Ah, eu só não concordo com essa vida que ela leva sabe! Mas ela foi uma boa mãe, e tá sendo né? Eles é que não entendem. Sacrificou muito a vida dela por esses fio coitada! Ela batalhou muito! Ela não quer o mal pros fio, só quer o bem. Conselho bom ela dá né? Ela como mulher, eu vejo ela forte, decidida, batalhada, eu acho. Porque ela é!" (Diário de campo, 10/2000).*

*"— Minha filha R., é um exemplo de filha. Não porque são meus filho, mas eu tenho orgulho dos meus filhos. Todos os meus três filhos são bons filhos. A minha filha é companheira, conversamos muito, somos bem amigas. Desde pequenininha a gente conversava. Ela sempre foi muito inteligente, desde pequenininha, começando pelo parto. Eu ganhei ela sozinha em casa. O parto dela não tive dor. O umbigo dela foi uma vizinha que chegou depois que eu já tinha ganhado ela que cortou o umbigo. Minha mãe chegou logo depois que eu ganhei ela. Porque eu morava encostadinha na casa da minha mãe. Era como daqui, ali naquela outra casa. Ai minha mãe chegou logo em seguida embrulhou ela numas roupas e largou lá quietinha. Ai, depois a vizinha chegou e cortou o cordão. Daí ela foi crescendo, quando tava com dois aninho ela pediu que o pai comprasse uma lata de leite que ela não queria mais mama no peito. O pai comprou a lata de leite pra ela, comprou bolacha, as coisinha lá e ela não procurou mais o peito, mas desde então a gente conversava bem. Como uma pessoa adulta, ela entendia tudo as coisa né. E foi crescendo sempre com aquela cumplicidade, porque a família se é assim o pai não dá muito carinho, eu acho, a mãe tem que se uni e tem aquela responsabilidade de ter cumplicidade com os filhos né? Porque o mesmo jeito que eu sentia falta de carinho do pai, eu acho que toda a criança sente, e pelo menos eles sempre, porque os filho, tá certo que só um foi muito mimado mas ele sempre cobra o pai. Como mãe, acho que ela é, sempre foi uma boa mãe também. O marido dela não tem reclamado pra mim não (risada) se eles brigam pra lá, eles se acertam pra lá, ele não tem reclamado, olha tua filha é isso, é aquilo, aquilo outro ... Ela tava amasiada com um rapaz quando ela ficou grávida de outro e daí ela ... eles se separaram né, ele foi embora e ela queria tira o filho quando tava grávida de novinho. Ai eu mesma falei pra ela, — Não faça isso!, você pode ter essa criança no dia de amanhã ela vai ser uma esperança pra você porque a gente quando vai caminhando pra idade a gente vê que tudo que a gente construiu na vida foi a família, o que sobra é a família da gente. Ai eu acho que ela agarrou essa idéia e já começou a fazer o pré-natal e tudo e tá cuidando daquele moleque até hoje e é um amor de criança!". (Diário de campo, 10/2000).*

As mães, embora conscientes de suas opiniões, sabem que administram um discurso contraditório sobre suas filhas. Ao mesmo tempo

que elogiam as dificuldades vencidas por elas, não concordam (pelo menos duas delas) com a escolha feita. Neste caso reproduzem o discurso de senso comum: a prostituição é vergonhosa, humilhante. O bom emprego é aquele socialmente valorizado: o trabalho na terra, o trabalho da costureira, de uma cozinheira etc...

As filhas das "mulheres de programa" também reconhecem que suas mães são mulheres vencedoras. Passado o primeiro momento, aquele da apreensão misturado com a timidez, elas foram "se soltando" falando mais. Enquanto eu as ouvia atentamente, observava seus gestos, seus silêncios, seus choros ao falarem de suas mães. A imagem que construíram oscila entre o esteriótipo da super-mulher e a figura cansada da mulher vencida pela amargura e solidão,

*"— Minha mãe é uma mulher amargurada que encontrou uma pessoa na vida dela que se diz muito fácil ... então , a partir daí ela achou que o amor passou a ser uma coisa insignificante pra ela ... então eu vejo que ela não dá ... tá , ela sabe expressar o amor sim, mas ela não sabe expressar tanto quanto o ser humano precisa, né? Eu acho que o amor é uma coisa que sei lá ... completa ... uma família sem amor não é família. Essa é a minha opinião. Ela como mulher é uma mulher muito amargurada, sofrida. Por uma pessoa só, ela deixou a vida dela ir por ralo abaixo, entendeu? Ela achou que todas as pessoas fossem como ele (marido) , se aproveitar de uma inocência de uma menina, no caso dela, então, partir daí ela se tornou uma pessoa que não dá muita importância no amor, a partir daí ela achou que o amor não é mais essencial na vida dela. Como mãe? Uma mãe ótima! Eu vivo falando pra ela que ela é uma mãe ótima! Nunca fui de pedir uma coisa pra ela e ela ... não posso, hoje não tenho. Sempre tive o que comer na minha casa, nunca ela me deu motivos pra dizer que é uma péssima mãe. Única coisa que eu tenho pra reclamar é amor, mais nada. Eu nunca ouvi uma palavra: — Te amo minha filha!, sabe? Aquele afeto entre mãe e filha, tem que ter. Eu as vezes até acho que ela não gosta de mim, com o simples fato de eu parecer com aquele homem que fez ela sofrer. As vezes ela fala: — Nossa, como você parece com seu pai! Então eu acho que quando ela olha pra mim ela lembra dele, então ao lembrar dele , ela acaba me ofendendo, tentando colocar em cima de mim um culpa que eu não tenho. Eu acho que é isso que acaba minha relação com ela dentro de casa. Porque a relação entre ela e eu é muito diferente com relação ao meu irmão e ela. Os dois se dão super bem e isso me incomoda dentro de casa. Eu me dou super bem com meu irmão. Eu e meu irmão quando saímos na rua até parece que somos namorados, os outros falam: — Nossa L. como seus filhos são diferentes dos meus e eu dou tudo pro meus filhos e eles não são iguais os seus! Que nem ela mesmo sempre fala que as irmãs dela sente inveja dela ter os filho que tem ... não me gabando, nem gabando meu irmão mas é verdade, se somos assim, como ela diz, por causa dela, então as vezes*

*eu fico olhando a relação entre ela e ele e me incomoda, as vezes ela fala assim: — Nossa! você é muito invejosa! ... Não é inveja, isso é uma coisa que me incomoda por dentro ela ter uma relação boa com meu irmão e comigo não, sei lá, é isso." (Filha de L., Diário de campo, 10/2000).*

*"— Nossa mãe é uma super mulher! Uma mulher forte. Não foi embora com tudo o que aconteceu, tinha tantos motivos pra desistir e não desistiu, né?" (Filha 1 de D., Diário de campo, 10/2000).*

*"— Super mulher! Por tudo que aconteceu, ficar com nós, né?" (Filha 2 de D., Diário de campo, 10/2000).*

*"— Ela não abandonou nós né? Podia ter abandonado nós, porque meu pai abandonou , mais não fez!" (Filha 3 de D., Diário de campo, 10/2000.)*

*"— Hoje eu entendo né, muita coisa que aconteceu, porque ela é tão triste né? ". (Filha 1 de D., Diário de campo, 10/2000).*

*"— Ela é legal em algumas horas, mas quando ela pega pra falá sabe, enche o saco! Por causa dos nossos amigos, ela fala bastante, fala um monte de coisa, aí isso me dá raiva. O que eu acho legal mesmo é quando ela leva a gente pra passear, ela dá algo pra gente. É mais também, por exemplo assim: quando a gente sai, ela nunca deixa a gente comprar uma coisa pra gente ... ela vai e compra. Ela sabe que a gente tá com vontade. E é assim ... acho legal!." (Filha de M., Diário de campo, 10/2000).*

*"— Minha mãe era muito boa pra mim. sempre foi. As vezes ela falava assim: — eu te amo ... esse tipo de coisa assim. Ela é uma pessoa boa sabe? Sé que ela é fechada! Ela é fechada assim até comigo. Ela é uma pessoa boa né, esforçada sabe?. Conseguiu tudo na raça mesmo! Mais ela é uma pessoa fechada! Oh, é raro, é raro ... Eu tenho a natureza dela , eu sou igual a ela ... pequenininha eu acho que fazia carinho nela. Ela já foi muito rigorosa. Não deixava sair, não queria que eu ficasse na rua até tarde. Agora já tô quase com o pé na igreja já, então não tem mais porque ser assim. Como mãe ela é dedicada sabe! Ela não mima mais ela é dedicada, tanto que ela lava minhas roupas, passa as minhas roupas. As mães das minhas amigas não faz isto não. Isto é dedicação! As minhas amigas lavam e passam suas roupas. Tanto é que as vezes, sábado, eu chamo elas pra sair e elas dizem: Não, hoje é dia de lavar roupa. Ela não, eu não sei o que é fazer isso. Eu não sei cozinhar. Desde pequenininha foi sempre ela que lavou, passou, cozinhou. Eu também ajudo! Também não sou uma dependurada, folgada! Eu faço, eu lavo, passo um pano, tiro um pózinho. Faço o básico. Mas o contexto geral de mulher de casa é ela que faz: lava, passa, cozinha. As vezes, uma vez ou outra, quando eu vejo que não tem calça pra vestir eu tenho que lavar. Aí quando ela tá no tanque ela pergunta: — Têm roupa de cor pra por de molho? Eu falei — Não, não tem. Isso é dever de casa. Isto é uma forma de demonstrar carinho. Acho que bem mais do que ficar em cima, ficar beijando. Eu me lembro*

*que as vezes quando eu ficava doente, eu tinha vontade de comer tomate e ela fazia pra mim, picadinho, ievava pra mim. Isto é uma forma de carinho. Quando você fica doente ela se preocupar, comprar remédio pra você, isto é carinho. Você têm que ter gesto de carinho é muito mais importante do que ficar em cima beijando, abraçando. Ela é uma mãe boa, muito boa. Como mulher, minha mãe já foi mais vaidosa viu? Eu acho que ela não é mais assim vaidosa viu! Acho que ela não tem muito assim ... auto estima sabe? Não sei se foi todas as coisa que aconteceu com ela, que acontece ... com ela, acho que ela tem assim a auto estima baixa. Já não se cuida mais da forma que cuidava antes, tão vaidosa quanto eu falei que era antes. Acho que não é por causa da idade. O corpo sim muda claro, mais a vaidade da pessoa, o íntimo dela continua a mesma vontade de se arrumar, usa protetor solar ... então ela não é vaidosa. Ela não liga mesmo. Pra ela é indiferente, não tá nem aí! Na verdade ela é simples né? Talvez seja próprio da simplicidade dela. Vai ver... Como mulher, resumindo assim no contexto, eu não acho ela vaidosa. Sabe, eu acho que ela perdeu a auto estima com ela mesma. Ela podia ficar mais bonita, ir no salão. Eu sou vaidosa, eu não saio se não tiver feito uma escova no cabelo, sabe? Se eu não estiver bem arrumada mesmo! As vezes eu digo: - Ah mãe, tem que cortar esse cabelo. Ela diz: — Quê que tem meu rabo? Fica mais bonito! Ela deixa o cabelo daquele jeito e realmente não fica bem! Ela não liga!" (Filha de J., Diário de campo, 10/2000).*

As situações de sofrimento a que foram submetidas as "mulheres de programa", na infância e na vida conjugal, deixaram marcas profundas refletidas em suas maneiras de se relacionar com os filhos. Apesar de serem consideradas mães zelosas, não são consideradas carinhosas. Esta mistura de sentimentos (amor, culpa, raiva, solidão) ficou evidente não só na fala das filhas mas, também, no desabafo de uma dessas "mulheres de programa".

*"— Gosto muito deles mas não sou carinhosa não, nem um pouco. Sou muito nervosa, não sei se é por causa dos filhos, do parto ... eu não sei ... Eu sou muito revoltada demais. Eu Não tenho paciência mais. Eles se cuida. Tenho vontade de fica longe ... tenho vontade de ficar sozinha ... eu gosto deles e tenho vontade de ficar sozinha em casa ... (Diário de campo, 10/2000).*

A figura materna sempre foi simbolizada na literatura por meio da imagem da mulher que aconchega o filho. Bonitas, feias, ternas, rudes, gordas, magras, pretas, mulatas, brancas, índias, o que se registra sobre a imagem de mãe é que ela é uma mulher que cuida, zela, protege. Apesar das "mulheres de programa" não se comunicarem com os filhos através do

toque, elas, segundo suas mães e filhas, tudo fazem para criá-los.

Mas como se sentem estes filhos ao falarem de suas mães? "*Falar da minha mãe?*" Diziam-me elas, "*Ah! o que eu vou dizer?*" Assim, seguimos mais um pouco. Perguntei-lhes então o que gostavam e o que não gostavam nela. Às vezes rindo, outras entristecidas, olhando diretamente em meus olhos, comentavam.

**"— Ela é uma pessoa bonita, o rosto dela!** (filhas 1, 2, 3 de D.). Pergunto o que elas não acham bonito ou o que podia ser diferente no corpo da mãe, elas me respondem: **"— Os pés. O cuidado com o corpo** (filha 3 de D.); **— Ela não cuida mais do corpo, ela se desleixou bastante! Não faz mais a mão, o pé!** (filha 2 de D.); **— Porque separou-se (do marido) né?; — Não tinha dinheiro e porque ela não têm paciência!** (filha 3 de D.); **— É não tinha dinheiro porque ela dá mais pros filhos entendeu, então acaba se anulando a vida dela!** (filha 1 de D.). Pergunto se elas acham que a mãe nunca pensa nela mesma: **— Eu acho. A gente dá conselho pra ela se cuidá, pra ela compra roupa, pra ela cuidar do que é dela porque ela se dá demais, e ela não tem assim ... retorno, não tem retorno ...** ( filhas 1, 2, 3 de D.) **— Eu pagava o pé dela pra fazer ... e depois os filho pequeno dá muito trabalho, eles são um pouco difícil de lida. Então, acho que ela se descuidou um pouco dela também!** (filha 2 de D.). (Diário de campo, 10/2000).

**"— Eu adoro o olho da minha mãe. Adoro o olho dela. Acho muito bonito. Os olhos são castanhos verdes. Passam uma inocência que não têm. Eu gosto muito do olho da minha mãe, embora as vezes tem uns olhares tristes, mas eu gosto! E internamente?"** **— Eu acho que ela tem um útero abençoado por Deus. Eu adoro o útero da minha mãe porque foi de lá que eu vim! Ela tem disposição pra tudo. Quando você quer alguma coisa, tá precisando de alguma coisa, eu sei que ali eu vou chegar em casa e vou dizer: — Mãe, eu tô precisando disso. Eu tenho certeza que amanhã ou depois ela vai alcançar aquilo pra mim. Tem muita disponibilidade pra o que nós filhos queremos. Ela sempre procura realizar tudo o que nós queremos, de uma forma ou de outra ela sempre arruma, sempre consegue pra nós. Se eu tô com algum problema... — mãe, tô com isso, com aquilo, é você saber que você tá com problema lá no colégio, eu tô com muito problema, chegar em casa vou encontrar quem? Minha mãe! Aquela é a pessoa que eu vou me desabafar e ela vai me dizer o que eu devo fazer. Ela é bem mais experiente do que eu porque tem filhos, foi casada, tem uma vida né, que lógico, é muito né? Sei lá, é bom saber que tem uma mãe em casa que vai ajudar a superar alguns problemas que eu tenho.** (Filha de L., Diário de campo, 10/2000).

Pergunto o que ela acha que poderia ser diferente nela?

**"— Diferente? A falta de compreensão, a falta de afeto. Responsabilidade ela tem, tem até demais eu acho. Só isso, essas duas**

*coisa eu acho falta bastante em casa!"* (Filha de L., Diário de campo, 10/2000).

*"— O que eu gosto na minha mãe, é a simplicidade. Ela é simples, isso é bonito nela. Ela tem o olho bonito, a perna grossa! Eu não gosto nela é a barriga e o cabelo. E ela não é vaidosa".* (Filha de J. Diário de campo, 10/2000).

As mulheres da praça, por sua vez, reafirmam o discurso de suas mães quando admitem que não gostariam que suas filhas tivessem a mesma atividade que elas:

*"— Eu espero que eles seja homem e elas seja mulher de verdade. Que não pegue o mesmo que eu peguei. Pergunto o que é ser um homem e uma mulher de verdade: "— Um homem estudado. Eu quero que eles seja alguma coisa na vida, não seja igual eu! Eu acho que eu não sou nada na vida. Uma analfabeta! Agora tô estudando lá na ALIA, lá. Se a gente não estudou, a gente é mudo, sabe Líane?"* (Fala de D. Diário de campo 10/2000).

*"— Com a minha fia, não, não quero que ela sofre nem metade do que já sofri no mundo não. Que nem eu tô aí, "nessa vida" . Eu não quero que ela pegue o mesmo caminho meu, né? Eu quero coisa melhor pra ela. Acho que todas mãe pensa igual que nem eu. Eu nunca deixei meus fio passar fome, de jeito nenhum! Eu luto tanto por eles!"* (Fala de L., Diário de campo, 07/1996).

Uma preocupação constante as leva almejar para os filhos qualquer outra atividade que não seja a prostituição.

No universo doméstico, estas "mulheres de programa" emitem opiniões e garantem obediência de suas decisões, mesmo com todas as tensões que ali estão presentes. Nele, perpetuam o lugar de pertencimento: ali são mães e donas de casa e seguem ritualmente os códigos da casa, lugar da familiaridade onde as relações devem ser sinceras e as disputas devem ser evitadas (Da Matta 2000). Mas como evitar as discussões se o universo da rua adentra o da casa? Embora acreditem que as fronteiras entre a rua e casa não sejam ultrapassadas quando dizem: *"lá sou uma coisa, aqui sou outra, diferente"*. Assim, pensam que a mulher da casa é diferente da mulher da rua. Para elas, em nenhum momento essas duas personagens se confundem, por isso, se vestem e se comportam

diferentemente em cada espaço. A casa, como foi visto pelas suas falas, é o lugar por natureza da seriedade e responsabilidade. A rua é, para elas, por natureza, o lugar do trabalho e da descontração.

Se para Da Matta (2000) a rua e casa representam mais do que espaços geográficos, "...são entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade (...) e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações (...)" (2000: 15), pode-se afirmar que no caso específico dessas "mulheres de programa" da praça, estes espaços obedecem a uma ordem de inversão. Elas vivem, de fato, entre e na passagem de um domínio social para outro: são "trabalhadoras" e donas de casa.

Ao questionar as três gerações de mulheres – mães, filhas, avós – sobre o grande sonho de suas vidas, pude perceber que as mães das "mulheres de programa", assim como elas próprias, definem o lar como o espaço do pertencimento. As mães das "mulheres de programa" falam dos seus desejos:

**"— Meu grande sonho não é ser rica, nem famosa. Meu grande sonho é eu envelhecer em paz numa casa confortável com meus fio, meus neto, se possível meus bisneto por perto e ter conforto, é só o que eu quero na vida! "** (Fala da mãe de R., Diário de campo, 10/2000).

**"— É ganha na loteria esportiva ou na roleta da fortuna ou no milhão ou senão no Ratinho pra mim compra uma casa pra cada um dos meu fio, bem bonita. Dá um dinheiro pra nunca mais precisa, ficá ... trabalha sim, mas sofre não. Se eu puder dar um lugar pra eles mora e vive bem gostoso. E outra coisa, um sonho que a M. tem e eu tenho é de um dia, eu queria fazê pra ela antes de eu morre é ela fazê a primeira comunhão! Vestida de branco! Ela não fez a primeira comunhão e isso me dói muito, entendeu? Eu tinha uma vontade de vesti ela , mesmo Agora. Eu sei, todo mundo sabe que ela não é moça, nem casada, não é nada, mais eu tinha essa vontade, de conversa sabe? E entra com ela e fazê um vestido muito bonito pra ela, branquinho assim gostoso, do jeito que ela gostava. Queria e porque ela queria fazê a primeira comunhão, mais como ela foi mulher muito cedo, ela não teve tempo. Então eu sonho com esse dia!"** (Fala da mãe de M., Diário de campo, 10/2000).

**"— Termina de pagá minha casa. Um ajuda um pouquinho, outro ajuda de cá, e tamo vivendo! Sempre tava pagando aluguel também, depois minha neta morava aqui, depois ela foi pra outra casinha e me**

*vendeu esta aqui, eu tô pagando né, que nem um aluguel, pagando sempre por mês né, que nem um aluguel. Pagando sempre por mês, se Deus quiser quando eu termina, vou fazê um puxado." (Fala da mãe de L., Diário de campo, 10/2000).*

Essas mães das "mulheres de programa" se projetam na ou através da família. Na família sua identidade é construída e referida – *"sempre uma mulher forte", "uma mulher rígida", "sempre trabalhando na roça, até velhinha"* - conseqüentemente, esta dimensão de mulher foi passada para a educação de suas filhas, as "mulheres de programa" da praça que são vistas pela sua identidade ambígua, tanto por suas filhas como por suas mães como *"uma ótima mãe", "uma filha maravilhosa"*, embora prostituta. A sua identidade de mulher "respeitável" e de "família" fica comprometida. Como argumenta Giberto Velho (1985: 119) "estar" prostituta constitui-se um símbolo de estigma contrastado ao símbolo de prestígio de ser uma excelente mãe assim como uma maravilhosa filha, marcando desse modo a ambigüidade de identidade.

As filhas das "mulheres de programa" da praça, assim como suas avós, projetam para si mesmas muitos planos para o futuro, mas ao descrevê-los, ressaltam as suas prioridades. Para algumas, a prioridade está na família unida e organizada:

*"— Meu grande sonho? Ah! Tenho tantos! Só que eu acho que eu tenho um sonho muito espacial em tudo, sei lá. O meu sonho, eu fecho os olhos e fico imaginando um lugar calmo, nosso ..." (Nosso? Nosso quem?, pergunto) "— É, meu, da minha mãe, do meu pai e do meu irmão! ... Nossa família! As vezes o povo diz: não tem que pensar no pai, você tem que esquecer ele ... Meu!!! Ele é meu pai! Ele me colocou no mundo. Eu acho que é difícil esquecer uma pessoa que te colocou você no mundo, né? Vamos supor, hoje veio alguém aqui e tira eu da minha mãe e leva eu pra longe, vamos dar um exemplo: Esquece sua mãe, sua mãe não existe mais. Ela me deu a vida. Ela cuidou de mim. Eu não posso dizer a mesma coisa, que ele cuidou de mim ... mas ele me deu a vida, o mais importante já foi feito e acabou. É difícil você esquecer o pai, é difícil você esquecer uma mãe ..." (Filha de L., Diário de campo, 10/2000).*

*"— Eu desejo uma coisa de verdade. Uma família, com uma casa mais decente pra mora. Que tivesse mais amor, mais paz, mais diálogo". (filha 1 de D.)" (Pergunto se ela acha que a sua não é assim? (Ela me responde:) "— Não. Hoje eu converso muito, conversamos*

*muita coisa já, mais simplesmente não tem respeito. Umas partes negativas, umas positivas, mais, infelizmente a parte negativa é maior! Tenho tentado, até o meu limite!* (Filha 1 de D., Diário de campo, 10/2000).

Para outras, a prioridade no futuro são os projetos individuais:

*"— Meu desejo, o que eu queria mesmo, era termina meus estudos e fazer alguma coisa pra se independente e sair de casa (ela é casado e o marido está preso, é traficante). — Eu gosto de ficá' mais na minha mãe do que na minha casa."* (Filha 2 de D. Diário de campo, 10/2000).

*"— Grande sonho? Eu vou me formar em administração. Eu quero administrar uma loja, uma coisa grande assim da alta sabe?"* (Filha de J. Diário de campo, 10/2000).

As "mulheres de programa" da praça ao falarem de suas expectativas para o futuro, dão visibilidade ao estigma incorporado reforçando assim a não aceitação da atividade de prostituição. Nas "entrelinhas" do discurso, essas mulheres apontam para a indesejabilidade do que Goffman (1975) chamou de "*propriedade social pessoal particular*", isto é, elas "estão" prostitutas, mas a não aceitação desta categoria, leva-as a evidenciar papéis sociais – dona de casa/mãe/filha – com os quais assumem o símbolo de prestígio apontado por Gilberto Velho (1985). Desse modo, estabelecem uma reciprocidade com a qual podem estar inseridas na realidade normatizadora que se justapõem ao símbolo de estigma de que são portadoras: "mulher marginal", mulher prostituta. Como coloca Goffman (1975), ao "*(...) acionar esses processos de normalidade e estigmatização têm a sua própria história, uma história que é regularmente mudada por uma ação intencional ...*" (1975: 149). Então, elas assumem, através do "rito de passagem" da sua ação intencional, a identidade social virtual – o "nome de guerra" – com o qual desempenham a atividade de prostituição na praça. Utilizam-se desta técnica de manipulação e vivenciam a dupla identidade que as categoriza e identifica. Esta ação lhes possibilita, dentro da suas realidades vividas, um momento de descontração, alegria, prazer sexual e quem sabe um companheiro, um marido. Somada a esta necessidade

peçoal, asseguram, com a atividade de prostituição, a independência, a autonomia que tanto prezam, além de garantir para si mesmas e para os filhos a sobrevivência. Enquanto *"aguardam as coisas melhorarem"*, dizem elas, projetam nos seus sonhos os desejos de mudança,

*"— Eu tenho um sonho, você nem imagina. Não ser mais prostituta. Você nem imagina a vontade que eu tenho de deitar na cama, no outro dia levantar e não ter que ir fazer programa! (Pergunto-lhe o que a impede de fazer isto, ela me responde:)" — Eu não tenho disposição, não tenho ânimo. Eu acho que vou ter dificuldade de achar trabalho porque eu não tenho estudo. Eu acho que vou ter dificuldade, a pessoa não vai me dar serviço. Ainda mais agora que eu tô meio surda, apesar que eu uso aparelho. Eu tenho vergonha de usar aparelho. Antes de eu ter um companheiro, a casa, eu queria mesmo é parar de me prostituir. A casa eu tenho. Mas pra mim seria mais importante eu parar. Eu não precisava ter comprado essa casa. Podia ser uma casa muito mais ruim que essa!".* (Fala de J. Diário de campo, 10/2000).

*"— Meu sonho Liane! Meu sonho é ter minha casa, sai do aluguel, meu sonho é esse. Um dia eu consigo, tenho esperança. Deus fez o mundo não é num dia só não. Tenho esperança, meu sonho é esse, um dia que Deus me tira do mundo, deixa meus fio num lugar que é deles pra não depende de ninguém, meu sonho é esse".* (Fala de L., Diário de campo, 10/2000.)

*"— Ah, o meu sonho é aprende a lê. Se Deus quiser eu vô aprende! Pra mim lê revista, meu sonho mesmo sabe? É só o que eu tenho vontade ... Ah, e viaja também, mais nada."* (Fala de D., Diário de campo, 10/2000).

*"— Ah, o grande sonho da minha vida? Ah, não vou fala, não vou realiza mesmo ... mais o meu grande sonho é ter uma chácara, bem grande pra mim morar com uma piscina bem boa! Cheia de planta com tudo que é fruta lá dentro, pra cata. Esse é o sonho da minha vida, de verdade! Primeiro lugar minha saúde, segundo lugar a minha chácara."* (Fala de M., Diário de campo, 10/2000).

*"— Eu queria um serviço registrado. Você não viu? Já fiz ficha por tudo que é lugar. Passa no SINE, passa cartão e não tem nada pra mim. Eu falo: Eu vou fazer aquele negócio do INAMPS, o negócio pra me aposenta ... e tenho medo de fazê ... e um dia desse jeito e não conseguir pagá, porque tem dia aqui que você ganha, três dia não ganha, um dia que ganha pra quatro dia! "* (Fala de R., Diário de campo, 10/2000).

Essas mulheres da praça reafirmam em suas falas as conclusões

das análises já elaboradas por outros pesquisadores<sup>38</sup>. Populações das camadas mais empobrecidas da sociedade brasileira tendem a justificar suas ações em virtude das suas condições de vida obedecendo uma lógica de indeterminação e circularidade "*é difícil porque não possuímos estudo, não possuímos estudo por isso é difícil*" (SALEM, 1981: 65). Então, de alguma forma, a atividade de prostituição lhes confere autonomia (são donas do seu tempo); possuem independência (sustentam a si mesmas) e poder (uma vez que são elas que ditam as regras com os clientes). No "programa", o toque em seus corpos, o beijo, as carícias permitidas lhes possibilitam suprir a ausência de um companheiro: naquele momento são desejadas, são importantes para alguém.

---

<sup>38</sup> SALEM, Tânia. *Mulheres Faveladas: Com a venda nos olhos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Você acha ruim ficar ali na praça? "– Olha, eu vou dizer a verdade pra você: se for pra arrumar um homem que nem meu ex-marido, eu prefiro ficar ali mil vezes. Pelo menos você chega em casa, toma banho, janta, vai assistir tua novela, vai dormir. Não tem ninguém pra encher o saco." ("Mulher de programa", Diário de campo, 2000)

Esta pesquisa buscou entender como as "mulheres de programa" da Praça Rocha Pombo em Londrina, no seu cotidiano na atividade de prostituição, lidam com a questão do *estigma* e *désvio* a elas imposto pela cidade de Londrina, que desde seu nascedouro, se expandiu usufruindo dos serviços das "mulheres mal faladas" que sempre discriminou, confinando-as às margens da sociedade londrinense. Todavia, mesmo discriminadas, elas ainda ocupam os cenários da cidade: na praça central, misturadas aos transeuntes que por ali passam. Suas estratégias, no dia-a-dia da atividade, me sinalizavam para uma particularidade do grupo. Estas mulheres prostitutas possuíam uma característica própria que se contrapõe a todos os outros grupos aqui já tratados. Vivenciam uma relação ambígua com a identidade prostitucional. Apesar de praticarem publicamente há anos e à luz do dia o *metié* da prostituição, elas "fingem" não o fazer. Valem-se da estratégia do "disfarce" da mulher comum, dona de casa que vestida em seu traje discreto e muito pouca maquiagem sai às ruas para mais um dia de oito horas de trabalho. Elas batizam-se com nomes fictícios, pois estes, segundo Goffman (1975) e Velho (1985), lhes garantem uma "nova" identidade social virtual com a qual mantém uma relação positiva da atividade que exercem.

Já na meia idade, entre 35 e 45 anos em média, com filhos adolescentes, "chefes de casa" e desacompanhadas, adotam escolhas em suas práticas que as levam a balizar, entre os clientes que as procuram, aquele com o qual podem talvez se relacionar afetuosamente.

A leitura que estas "mulheres de programa" fazem sobre as normas sociais está sustentada nas "brechas" do código da *casa*, da mulher dona do lar, pessoa de respeito e dignidade. Munidas deste estigma de prestígio (Velho, 1985), elas acionam campos de ação onde as duas identidades se embaçam e interpenetram. Como argumenta Da Matta (2000), os códigos da *rua* e da *casa*, são códigos que indicam um (...) *comportamento esperado (...) mas diferenciado de acordo com o ponto de vista de cada uma dessas esferas de significação.*" (2000, 48). Ou seja, a conduta em cada espaço se preserva observando as éticas particulares que regulamentam cada espaço – o público e o privado, código que estas mulheres manipulam, pois saem para a atividade da prostituição protegidas pelo símbolo de prestígio da dona de casa, pois levam para o espaço da praça a linguagem da *casa*. Na praça, tal qual numa "*sala de visitas*", recebem os diferentes tipos de clientes, aparentemente singulares, mas que podem manter, através das "brechas" permitidas pelas "mulheres de programa", uma relação íntima com elas na atividade. Assim, entre e na passagem de uma identidade social a outra - dona de casa/prostituta - elas experimentam, como diz Da Matta, o "*(...)tempo como algo concreto e a transformação do espaço como elemento socialmente importante (...)*" (2000: 41) O que quer dizer, em outras palavras, que essas mulheres, ao se transportarem para o espaço da *rua*, munidas com a linguagem do código da *casa*, se permitem viver um tempo "de lazer", real ou acelerado, no qual combinam trabalho e prazer.

Assim, essas "mulheres de programa" evidenciam a rigidez do modelo sugerido por Da matta para a leitura sobre a sociedade brasileira. Segundo ele, no caso da sociedade brasileira, os espaços (*casa*, *rua* e outro mundo) são percebidos,

*(...) muitas vezes como mudança ou diferença é apenas uma parte de um sistema diferenciado, uma constelação sociológica com pelo menos três perspectivas complementares entre si (...) jamais exclusivos ou paralelos (...)* (op. cit. 46-48).

O grupo de mulheres aqui pesquisado mistura, "embaça" esses códigos. E também invertem elementos destes dois espaços – o público e o privado – o que segundo Da Matta resulta em *"alguma forma de grave confusão ou até mesmo conflito"* (2000: 50). Estes códigos, ainda segundo ele, são códigos aprendidos desde criança. A casa é por definição o espaço do repouso, da hospitalidade, do carinho, do calor humano. A rua, em contraposição, é o local da individualização, de luta, repleto de fluidez e movimento (op. cit. 55-57). O conflito estabelecido aponta para a interpenetração desses códigos. Desse modo, elas se permitem com suas práticas sexuais junto ao "cliente preferencial", normalmente o idoso, o mais antigo, projetar sentimentos afetuosos com os quais "afrouxam" a prevenção. Camisinha descartada, deixam tocar em certas partes do corpo, beijar na boca e gozar, métodos perfeitamente permitidos estabelecendo assim uma relação de intimidade.

Na visão de Gilberto Velho (1985), esta forma de relacionamento "profissional" entre elas e os "clientes preferenciais" só é possível porque houve "brechas" dentro da sua bagagem cultural, as quais lhes possibilitaram "leituras divergentes" para acionar alguns símbolos e signos com os quais criaram as dinâmicas que lhes proporcionaram experiências particulares. Esta estratégia de manipulação do estigma é perfeitamente possível, segundo o autor, pois a cultura pressupõe uma *linguagem "aberta"* *(...) com permanente margem de manobra (...) onde possam surgir comportamentos divergentes e contraditórios"* (1985: 22). Segundo, ainda, o autor, este procedimento só é possível devido ao caráter individualizante da cultura.

As "mulheres de programa", mesmo acionando outras formas de ser, ainda carregam marcas que as definem como desviantes, embora elas "finjam não o ser".

Ao estabelecer uma comparação entre o grupo de prostitutas analisadas por mim – "as mulheres de programa" que "fingem não ser prostitutas" – com o grupo analisado por Gaspar (1985) que dizem estar "de passagem" na atividade de prostituição, poderia argumentar que as duas categorias são diametralmente opostas, pois as primeiras, mulheres de meia idade, pobres, analfabetas e sozinhas na atividade prostitucional estão na praça para garantirem a subsistência de si mesmas e dos filhos, além de afirmarem que na atividade possuem autonomia, independência. Em suas práticas sexuais do "programa" com o "cliente preferencial", vivenciam situações onde acreditam que terão supridas as necessidades do desejo de ter um companheiro e ainda se sentirem desejadas. No oposto, está o segundo grupo de mulheres prostitutas. Jovens garotas na flor da idade, classe média baixa, escolarizadas, que projetam no cenário do "programa" no bar ou na boate, uma forma de ascender socialmente interagindo com o círculo de pessoas destes espaços. Na negociação com o cliente fica demarcada a relação da troca do sexo pelo dinheiro com o qual satisfarão seus caprichos de consumo. Tais garotas dissociam o sexo da relação amorosa por adotarem em suas práticas inclusive os cuidados com a higiene mostrando dessa maneira os cuidados com o corpo. As práticas corporais definem seu grau de profissionalismo. O cliente velho, "preferencial" no primeiro grupo de mulheres, é por elas definido como "nojentos", pois são "sujos".

Com o primeiro grupo de mulheres, as "mulheres de programa", a atividade de prostituição é vista como uma escolha, já que não tinham estudo que lhes possibilitasse suprir não só as carências materiais como também as afetivas e, muito embora acreditem ser esta atividade uma atividade temporária, permanecem anos na praça.

As garotas de programa, por outro lado, acreditam que estão nesta atividade por um tempo determinado porque, devido a sua escolaridade, pensam poder abandonar esta "escolha" quando assim o desejarem. Porém, continuam na atividade, porque esta lhes possibilita uma vasta rede de

sociabilidade junto aos grupos de ascensão que freqüentam os bares e as boates de Copacabana no qual estão instaladas, além de ganharem o dinheiro "suficiente" que lhe garante os "mimos" de consumo.

Portanto, as fronteiras que definem uma categoria de prostitutas desqualificam a outra. Para as "mulheres de programa" da praça em Londrina, viver na prostituição é viver "navegando" na fronteira dos códigos da *rua* perpassados pelo código da *casa*.

## BIBLIOGRAFIA

- ADELMAN, Miriam. O corpo "generificado" e a política da feminilidade. Algumas considerações teóricas e históricas sobre práticas corporais e representações da corporalidade feminina. Texto xerografado da I Jornada de Antropologia da Saúde, Curitiba, Pr. , 18 de setembro de 1999.
- ADELMAN, Miriam. O Gênero na Construção da Subjetividade: Entendendo a "diferença" em Tempos Pós-Modernos. Humanas, Curitiba, Pr. nº 7-8 : UFPR. , 1998-99.
- ADLER, Laure. Os bordéis Franceses, 1830-1930 [tradução Kátia Maria Orberg e Eliane Fitipaldi Pereira] São Paulo, S. P.:Companhia Letras: Círculo do livro, 1991.
- ADUM, Sonia Maria S. Lopes. Imagens do Progresso: Civilização e Barbárie em Londrina, 1930-1960. Dissertação de Mestrado: São Paulo, S. P.: UNESP, 1991.
- ALBA, Zaluar. O antropólogo e os pobres: introdução metodológica e afetiva. IN: **A Máquina e a Revolta. As organizações populares e o significado da pobreza.** São Paulo, S. P.: Editora Brasiliense, 1985.
- ALBANO, Celina; MONTERO, Paula. Anatomia da violência. IN: **O Lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual.** LUZ, Madel T. (org.). Rio de Janeiro, R. J.: Edições Graal, (Coleção Tendências; vol. nº1, 1982.
- ANDRADE, Sônia Maria Oliveira de. O que pensa, Diz e Faz a População Heterossexual de Campo Grande - MS, Sobre as Práticas Sexuais de

- Risco Frente à AIDS. IN: **Divulgação: Em Saúde Para Debate. Interdisciplinaridade em Saúde Coletiva**. Mato Grosso do Sul, 1997.
- ANDREI, Elena. A Trama do Sagrado. Tese de Doutorado em Antropologia Social, USP, São Paulo, S. P. agosto/2001.
- ANTUNIASSI, Maria Helena. Noções sobre o pensamento de Bourdieu. Texto xerografado, São Paulo, S. P. ,1996.
- ANTUNIASSI, Maria Helena. Produção e Reprodução em assentamentos de trabalhadores rurais: Trajetória da família Pereira. IN: **O Desenvolvimento de uma outra agricultura: acesso à terra e a meios de produção, a questão da fome e a Interação Social**, Curitiba, Pr.: Anais do Workshop, 30 de out. a 01 de nov.1995.
- ANTUNIASSI, Maria Helena; AUBRÉE, Marion; CHONCHOL, Maria Edy Ferreira. De sitiante a assentado. Trajetórias e estratégias de famílias rurais. São Paulo, S. P.: Revista da Fundação SEAD, Vol. 7, nº 3, 1993.
- ARIENTE, Marisa Altomare. O Cotidiano da prostituta em São Paulo: Estigma e contradição. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, PUC, São Paulo, S. P. ,1989.
- BACELAR, Jeferson Afonso. A Família da Prostituta., São Paulo, S. P.: Ática; [Salvador] : Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982. (Ensaio,87).
- BANCHS, Maria Auxiliadora. Reconstrução Teórica de um Caso de Família Incestuosa. IN: AMADO, Tina e COSTA, Albertina de Oliveira (org.). **Alternativas Escassas. Saúde, Sexualidade e Reprodução na América Latina**. São Paulo, S. P.: PRODIR/FCC, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- BENATTI, Antonio Paulo. O Centro e as Margens. Boemia e prostituição na "capital mundial do café". (Londrina: 1930-1970). Dissertação de Mestrado em História, UFPR, Curitiba, Pr. ,1996.
- BENEDETTI, Marcos Renato. Toda Feita. O corpo e o gênero das travestis. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Porto Alegre, R. G.

- S. , 2000.
- BENEDICT, Ruth. Padrões de Cultura. Coleção Vida e Cultura; Edição Livros do Brasil, Lisboa, s/d.
- BLACKING, John. Towards an Antropology of the body. Antropology of the body. London, S. Francisco: Academic Press, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas. Sobre a teoria da ação. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. A casa ou o mundo às avessas. Textos Didáticos nº16, UNICAMP, Campinas, S. P. ,1995.
- BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro, R. J. BCD - Bertrand Brasil : União de Editoras S.A., 1999.
- BOURDIEU, Pierre. Poder Simbólico. Lisboa: Difel, 1989.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O outro: esse difícil. IN: Identidade e Etnia. Construção da identidade cultural. S. P.: Editora Brasiliense , 1976.
- CASTRO, Rosimeire Aparecida Angelini. O cotidiano e a cidade: Práticas, papéis e representações femininas em Londrina (1930-1960). Dissertação de Mestrado em História, UFPR., Curitiba, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida. São Paulo, S. P.: Brasiliense, 1984.
- CZORDAS, Thomas. Words from a Holy People: a case study in cultural phenomenology. IN: CZORDAS, Thomas, org. **Embodiment and Experience**. Cambridge University, 1997.
- DA MATTA, Roberto. A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro, R. J.: Rocco, 2000.
- DA MATTA, Roberto. O corpo brasileiro. IN: STROZENBERG, T et alli. **De Corpo e Alma**. Rio de Janeiro, R. J.: Espaço e Tempo, 1986/87.
- De ROMANI, Jacqueline Pitangy. Mulheres: Natureza e sociedade IN: **O lugar da Mulher: estudos sobre condição feminina na sociedade atual**. Org. De Matel T. Luz, Rio de Janeiro, R. J.: Edições Graal, 1982.
- DEL PRIORE, Mary. Ao Sul do Corpo. Condição feminina, maternidade e

- mentalidades no Brasil Colônia. Brasília, D. F.: José Olímpio, 1993.
- DOUGLAS, Mary. Pureza e Perigo. São Paulo, S. P.: Editora Perspectiva S. A. , 1976.
- DUARTE, Luis Fernando Dias & LEAL, Ondina Fachel. Doenças, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas. Rio de Janeiro, R. J.: Fiocruz, 1998.
- DUARTE, Luiz Fernando. A construção social da pessoa moderna e outros. Da vida nervosa nas Classes Trabalhadoras. Rio de Janeiro, R. J.: Zahar, 1986.
- DURHAM, Eunice. A Caminho da cidade. A vida rural e a imigração para São Paulo. São Paulo, S. P.: Perspectiva S. A., 1984.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro, R. J.: Zahar, 2000.
- ENGEL, Magali. O médico, a prostituta e os significados do corpo. IN: VAINFAS, Ronaldo. **História e Sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro, R. J.: Grall, 1986.
- FELDMAN, Sarah. As segregações espaciais da prostituição feminina em São Paulo. São Paulo, S. P.: NERU, Espaços e Debates, nº28, 1989.
- FONSECA, Claudia. A Dupla Carreira da Mulher Prostituta. IN: **Estudos Feministas**. IFCS/UFRJ - PPCIS/UERJ ,vol. 4n.1/1996.
- FOUCAULT, Michael. História da Sexualidade I: A vontade de saber. [tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque] Rio de Janeiro, R. J.: Graal, 1998.
- FREITAS, Renan Springer. Prostitutas, cafetinas e policiais. A Dialética das ordens opostas. Rio de Janeiro, R. J.: Dados: Revista de Ciências Sociais, vol. 27, nº 2, 1984.
- GASPAR, Dulce M. Garotas de programa. Prostituição em Copacabana e Identidade Social. Rio de Janeiro, R. J.: Zahar, 1985.
- GEERTZ. Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, R. J.: Zahar, 1978.

- GEERTZ, Clifford. Negara. Lisboa: Difel, 1991.
- GEERTZ, Clifford. O Saber Local. Novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- GOFFMAN, Erving. Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro, R. J.: Zahar, 1975.
- GOFFMAN, Erving. Representação do Eu na vida Cotidiana. Petrópolis: Vozes, 2ª ed. 1983.
- GOLDMAN, Márcio. Uma categoria do pensamento antropológico: noção de pessoa. IN: **Alguma antropologia**. Rio de Janeiro, R. J.: Relume-Dumará, 1999.
- GUIMARÃES, Carmem Dora. Mulheres, Sexualidade e AIDS: Um projeto de Prevenção. IN: AMADO, Tina e COSTA, Albertina de Oliveira (org.). **Alternativas Escassas. Saúde, Sexualidade e Reprodução na América Latina**. São Paulo, S. P.: PRODIR/FCC, Rio de Janeiro, R. J.: Ed. 34, 1994.
- GUIMARÃES, Carmem Dora. Mulheres, Homens e AIDS: O visível e o Invisível. Projeto Analisando o Passado e Planejando o Futuro. GT: O Impacto Social e Econômico da AIDS. IMS/UERJ, Rio de Janeiro, R. J., 1992.
- HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade. IN: **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro, R. J.: Jorge Zahar, 1999.
- JEOLÁS, Leila Sollberger. O Jovem e o Imaginário da AIDS. O bricoleur de suas práticas e representações. Tese de Doutorado em Antropologia Social, PUC, São Paulo, S. P. , 1999.
- KNAUTH, Daniela R. Uma doença dos outros: A construção da identidade entre mulheres portadoras do vírus da AIDS. Texto xerografado, ABA. Salvador, 1996.
- LARVIE, Sean Patrick. Desvios e desviantes: a psicologia do risco e do desenvolvimento em intervenções anti-AIDS no Rio de Janeiro. Texto xerografado. Caxambu, Minas Gerais: ANPOCS, 1996.

- LEAL, Ondina Fachel. Sangue, Fertilidade e Práticas Contraceptivas. IN: ALVES, Paulo César (org.); MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Saúde e Doença. Um olhar antropológico**. Rio de Janeiro, R. J.: FIOCRUZ, 1994.
- LEME, Edson José Holtz: Faces Ilícitas de uma Cidade: Representações da Prostituição em Londrina (1940-1966). Dissertação de Mestrado em História. Assis: UNESP, 2001.
- MALINOWSKI, Bronislaw. A vida Sexual dos Selvagens do Noroeste da Melanésia: descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre os nativos das Ilhas Trobiand. [tradução de Carlos Sussekind]. Rio de Janeiro, R. J.: F. Alves, 1982.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. Os Pensadores. São Paulo, S. P.: Abril, 1978.
- MARTIN, Denise. Mulheres e AIDS: Uma abordagem Antropológica. IN: **Dossiê AIDS**. Revista USP, vol. 33, São Paulo, S. P. , 1997.
- MAUSS, Marcel. Técnicas Corporais. IN: **Sociologia e Antropologia**, V 2, EDU/EDUSP, São Paulo, S. P. , 1974.
- MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito Humano: a noção de pessoa. IN: **Sociologia e Antropologia**, V. 1, EPU/EDUSP, São Paulo, S. P. 1974.
- MEAD, Margaret. Sexo e Temperamento. São Paulo, S. P.: Perspectiva, 1969.
- MONTEIRO, Simone. AIDS e proteção: a visão de jovens de um bairro popular. Florianópolis, S. C.: Estudos Feministas, vol. 7 nº 1 e 2, 1999.
- MORAES, Aparecida Fonseca. Mulheres da Vila. Dissertação de Mestrado, Petrópolis, R. J.: Vozes, 1996.
- PASINI, Elisiane. Corpos em Evidência. pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da rua Augusta em São Paulo. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UNICAMP, São Paulo, 2000.
- PEREIRA, Carlos A. Messeder. Desvio e/ou reprodução. Um estudo de um "caso". IN: ROCHA, Everardo P. Guimarães Etti Alli. **Testemunha ocular. Textos de Antropologia Social do Cotidiano**. São Paulo, S.

- P.: Brasiliense, 1984.
- ROBERTS, Nickie. As prostitutas na história. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Ventos, 1998.
- RODRIGUES, José Carlos. O Corpo na História. Rio de Janeiro, R. J.: FIOCRUZ, 1999.
- RODRIGUES, José Carlos. Tabu do Corpo. Rio de Janeiro, R. J.: Achiamé, 1975.
- SAFFIOTI, Heleieth. Circuito fechado: abuso sexual incestuoso. Texto xerografado, Caxambu, 15ª Reunião Anual ANPOCS, 1991.
- SAFFIOTI, Heleieth. Rearticulando gênero e classe social. IN: COSTA, Albertina de Oliveira, BRUSCHINI, Cristina. Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo, S. P.: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- SALEM, Tíia. Mulheres faveladas: "Com a venda nos olhos". IN: FRANCHETTO, Bruna, CAVALCANTI, Maria Laura e HEIBORN, Maria Luiza (org.). Perspectivas Antropológicas da Mulher 1. Rio de Janeiro, R. J.: Zahar, 1981.
- SANTOS, Liana Reis dos. Representações e Práticas da prostituição na praça em Londrina. Monografia de Especialização em Sociologia e Sociologia da Educação, UEL, Londrina, Pr. 1997.
- SCHEPER-HUGHES, Nancy & LOCK, Margareth. The Mindful Body: A Prolegomenon to Future Work. IN: Medical Anthropology Quarterly, V. 1 nº1, 1987.
- SEFRIN, Adriane e BATISTA, Maria F. C. A prostituição em Londrina (1950-1970). IN: CERNEV, Jorge. (org.) História do Paraná: Trabalhos de Pesquisa. Londrina, datiloscrito, 1989.
- TURNER, Terence. Bodies and anti-bodies: flesh and fetish in contemporary social theory. IN: CZORDAS, Tomas. Embodiment and experience: The existential ground of culture and self. Cambridge, University Press, 1997.
- VELHO, Gilberto. Desvio e divergência. Uma crítica da patologia social. Rio

de Janeiro, R. J.: Zahar, 1985.

## Referências Jornalísticas

**Jornal Folha de Londrina, 12 de abril de 1994.**

**Jornal Folha de Londrina, 07 de outubro de 1998.**

**Jornal Folha de Londrina, 08 de outubro de 1998.**